CLARICE LISPECTOR

ENTREVISTAS

ALCEU AMOROSO LIMA
ANTÔNIO CALLADO
AUGUSTO RODRIGUES
BIBI FERREIRA
BRUNO GIORGI
CARLOS SCLIAR
CARYBÉ
CHICO BUARQUE
DJANIRA
ELIS REGINA
EMERSON FITTIPALDI
ÉRICO VERISSIMO
FAYGA OSTROWER
FERNANDO SABINO
FERREIRA GULLAR
HÉLIO PELLEGRINO
IBERÊ CAMARGO
ISAAC KARABTCHEVSKY
JACQUES KLEIN
JARDEL FILHO
JECE VALADÃO
JOÃO SALDANHA
JORGE AMADO
JOSÉ CARLOS OLIVEIRA
LYGIA FAGUNDES TELLES
MARIA BONOMI
MARIA MARTINS
MÁRIO CRAVO
MARLY DE OLIVEIRA
MILLÔR FERNANDES
NÉLIDA PIÑON
NELSON RODRIGUES
OSCAR NIEMEYER
PABLO NERUDA
PAULO AUTRAN
PEDRO BLOCH
RUBEM BRAGA
TARCÍSIO MEIRA
TOM JOBIM
TÔNIA CARRERO
VINÍCIUS DE MORAES
ZAGALLO

ROCCO

ENTREVISTAS

CLARICE LISPECTOR
ENTREVISTAS

Copyright © 2007 *by* herdeiros
de Clarice Lispector

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

organização
Claire Williams

preparação de originais e notas biográficas
Teresa Montero

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L753e
Lispector, Clarice, 1920-1977
Entrevistas/Clarice Lispector; [organização de
Claire Williams; preparação de originais e notas
biográficas de Teresa Montero]. – Rio de Janeiro:
Rocco, 2007.
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-325-2088-3
1. Lispector, Clarice, 1920-1977 – Entrevistas. 2. Cultura –
Brasil – discursos, conferências etc. 3. Literatura –
discursos, conferências etc. 4. Música – discursos,
conferências etc. 5. Esportes – discursos,
conferências etc. I. Título.
06-2164 CDD – 869.98
CDU – 821.134.3 (81)-8

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Por Claire Williams / *7*

LITERATURA

Lygia Fagundes Telles / *13*
Rubem Braga / *18*
Jorge Amado / *22*
Nelson Rodrigues / *28*
Fernando Sabino / *32*
Érico Verissimo / *38*
Nélida Piñon / *44*
Ferreira Gullar / *51*
Millôr Fernandes / *57*
Hélio Pellegrino / *61*
Antônio Callado / *67*
Pablo Neruda / *71*
Marly de Oliveira / *76*
José Carlos Oliveira / *80*
Pedro Bloch / *86*
Alceu Amoroso Lima / *91*

MÚSICA

Chico Buarque / *99*
Vinícius de Moraes / *105*
Tom Jobim / *110*
Elis Regina / *118*

Isaac Karabtchevsky / *123*
Jacques Klein / *127*

ARTES CÊNICAS

Paulo Autran / *133*
Bibi Ferreira / *138*
Tônia Carrero / *142*
Tarcísio Meira / *147*
Jardel Filho / *152*
Jece Valadão / *157*

ARTES PLÁSTICAS

Oscar Niemeyer / *160*
Carlos Scliar / *167*
Maria Bonomi / *173*
Fayga Ostrower / *177*
Augusto Rodrigues / *180*
Maria Martins / *187*
Mário Cravo / *191*
Djanira / *198*
Bruno Giorgi / *204*
Iberê Camargo / *209*
Carybé / *214*

ESPORTES

Zagallo / *219*
João Saldanha / *224*
Emerson Fittipaldi / *228*
Bibliografia / *231*

PREFÁCIO

Clarice 'Entre-vistas'

Clarice Lispector começou a trabalhar como jornalista em 1940, na Agência Nacional, e publicou as primeiras reportagens e entrevistas na revista *Vamos Ler!* e no jornal *A Noite*. Enquanto as notícias sobre a Segunda Guerra Mundial predominavam nas manchetes dos jornais, ela contribuía ocasionalmente com uma entrevista com um embaixador, um intelectual ou um político importante. No fim dos anos sessenta, já escritora e cronista conhecida, Clarice foi convidada a fazer entrevistas e aceitou, para complementar seu orçamento doméstico. Entre maio de 1968 e outubro de 1969, enquanto escrevia o romance *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* e o livro infantil *A mulher que matou os peixes*, ao mesmo tempo que compunha também crônicas para o *Jornal do Brasil*, Clarice publicou regularmente na revista *Manchete*, na seção "Diálogos Possíveis com Clarice Lispector." Enquanto os estudantes se revoltavam em Paris e na Europa do Leste, enquanto a Apollo 11 chegava à Lua, enquanto a guerra assolava o Vietnã, enquanto a repressão militar no Brasil aumentava, ela fazia aos seus entrevistados perguntas sobre a economia brasileira, os direitos autorais, as manifestações dos estudantes, o planejamento urbano, a pílula anticoncepcional, os isotopes radioativos... Com muita freqüência, ela fazia perguntas mais abstratas, profundas, filosóficas, estranhas: "Qual é a coisa mais importante do mundo?", "Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?" e "O que é o amor?" eram as favoritas.

Nem sempre os entrevistados conseguiam responder. Quando Clarice perguntou a Nelson Rodrigues: "Nelson, você tem conversado com todo mundo, com muitas pessoas. Todas as suas conversas se parecem com esta nossa?",

ele respondeu: "Não, eu estou fazendo um esforço, um abnegado esforço, para não trapacear com você." Ao apresentar a entrevista com Jardel Filho, a autora comentou: "Fiquei previamente com pena de lhe fazer perguntas que eu mesma não saberia responder."

Entrevistou amigos famosos do universo da cultura (pintores, escultores, romancistas, músicos, atores) e pessoas que conhecia da época em que acompanhou o marido diplomata pelo mundo afora. E, por causa deste trabalho jornalístico, viajou bastante: foi a Salvador a convite do Governador e entrevistou Mário Cravo, "um dos nossos grandes escultores", Genaro, "tapeceiro e pintor", e Jorge Amado, "o criador de tipos populares", nas palavras dela.

Clarice chegou também a ir a Vila Isabel conhecer a sambista Isabel Paiva. Numa ocasião ela encontrou Emerson Fittipaldi por acaso num avião e aproveitou para fazer umas perguntas. A escritora soube, porém, evitar entrevistar Pelé porque (simplesmente) não o quis fazer, segundo contou o chefe da redação Zevi Ghivelder à pesquisadora Aparecida Maria Nunes.

Através de suas entrevistas, ela conheceu ministros, mulheres de governadores, atletas, cientistas... Mas nem sempre Clarice simpatizava com eles. Por vezes ficava surpreendida e arrependida de ter alimentado expectativas negativas de alguém. Uma coisa é certa: Clarice sempre controlava a entrevista e não tinha medo de fazer perguntas atrevidas, insistentes ou até impertinentes! Ela calculava o sucesso de uma entrevista pelo fato de ficar ou não amiga do entrevistado no final.

Entre dezembro de 1976 e outubro de 1977 (dois meses antes de morrer) uma outra série de entrevistas feitas por Clarice apareceu na revista *Fatos & Fotos: Gente*, nas seções Artes, Literatura, Ecologia, Depoimentos e Exclusivo. A escritora se cansava facilmente e tinha às vezes dificuldade em escrever em função de um acidente que sofrera. Pedia, por isso, aos entrevistados para escreverem

eles próprios. Clarice conta, numa carta, que perdeu uma entrevista com Roberto Marinho por não conseguir decifrar a própria letra.

No arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa estão guardadas folhas manuscritas do autor Guilherme Figueiredo, uma carta da pintora Maria Bonomi respondendo diretamente a perguntas feitas por Clarice, assim como uma lista de perguntas na letra dela, completada na letra do então primeiro-ministro de Portugal, Mário Soares.

Como as figuras muito conhecidas não precisavam ser apresentadas ao leitor, Clarice optava por uma apreciação pessoal, enfocando particularmente o profissionalismo, o estado mental e a aparente felicidade na vida. Reparou (por exemplo), na "bondade" da cara do escritor Marques Rebelo. Da pintora Djanira explicou: "Ela tem qualquer coisa nos olhos que dá a idéia de que o mistério é simples", o que a leva a concluir: "Eu vi – eu vi mesmo – que ela ia ser minha amiga." A autora se mostra muito interessada no processo criativo dos artistas entrevistados e pergunta como e quando eles começaram a pintar/escrever/representar, a rotina quotidiana, onde foram buscar a inspiração, o que fariam se não fizessem o que faziam. Fica-se com a impressão de que Clarice estava procurando respostas a perguntas às quais ela própria não conseguia responder sozinha.

Dependendo do entrevistado, o tom de Clarice podia ser brincalhão, maternal ou coquete, mas igualmente frio, respeitoso, ou até suspeito. As entrevistas que ela conduziu tornam-se invulgares, porque podiam a qualquer momento virar conversas íntimas e sem a objetividade de um repórter. Os papéis de entrevistador e entrevistado se invertiam quando alguns dos entrevistados começavam a fazer perguntas e Clarice virava a entrevistada. Às vezes ela oferecia informação pessoal para incentivar os outros a falar: "Fernando [Sabino], por que é que você escreve? Eu não sei por que escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim." Clarice for-

neceu a seguinte explicação para esta estratégia: "Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança dos meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas e respostas."

Clarice escreveu três crônicas que falaram do processo de entrevistar. Em "Sou uma pergunta", publicado no *Jornal do Brasil* em agosto de 1971, ela fez uma espécie de poema composto só de perguntas sem respostas – inclusive "Por que faço perguntas?" e "Por que não há respostas?". Em "A entrevista alegre" (de dezembro de 1967), conta como uma jovem jornalista chamada Cristina foi a seu apartamento para entrevistá-la. A moça era tão simpática que Clarice ficou encantada, mas logo se deu conta de que estava se expondo demais: "minha vingança resumiu-se em também entrevistar Cristina. Fiz-lhe várias perguntas, as quais ela respondeu com simplicidade e inteligência."

Quando estava no papel de entrevistada, Clarice tinha a fama de ser difícil e de não falar muito, sobretudo sobre a sua obra. Tentava não revelar demasiado, respondendo: "Isso é segredo", "Desculpe, eu não vou responder", "Eu não quero dizer'", ou "Esqueci-me", para evitar se revelar. Tinha medo que deturpassem as suas palavras, confessou em 1972.

Um último texto que tem relevância para este assunto é a crônica "Perguntas e respostas para um caderno escolar" (de 1970), a qual constitui uma versão condensada das entrevistas que Clarice deu a outros até essa altura, bem como das perguntas que ela própria fez a outros. Trata-se de uma paródia descrevendo a vida da entrevistadora que é também entrevistada – ao representar os dois papéis ao mesmo tempo, ela cancela a necessidade de ter um interlocutor, o que se tornou tão importante nos seus últimos livros de ficção: *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*. Clarice deixa o leitor se perguntando sobre

quem está falando, se isto é ou não é verdade, e testemunhando o fato de as perguntas nunca terem resposta completa mas criarem (antes) outros mistérios.

Durante a minha primeira viagem ao Brasil em 1996, para pesquisar o arquivo Clarice Lispector na Fundação Casa de Rui Barbosa, li algumas das entrevistas da escritora, guardadas em várias pastas designadas "Recortes". Reparei que muitas não traziam nem a data nem o lugar de publicação, para poder situá-las cronologicamente. No curso da minha pesquisa de doutorado li *De corpo inteiro* e *A descoberta do mundo* sem me dar conta que a maioria das crônicas do *Jornal do Brasil* que não foram publicadas em *A descoberta do mundo* eram, precisamente, entrevistas (muitas recicladas da *Manchete*). Depois de ler as biografias descobri que ela trabalhava no jornalismo mais por necessidades financeiras que por gosto, mas mesmo assim achei os textos interessantes, por causa da interação tanto entre Clarice e o leitor como entre Clarice e os entrevistados. Em outra visita ao Brasil consegui localizar as entrevistas na seção dos periódicos da Biblioteca Nacional e fiz um levantamento das datas e dos números das páginas. Eram quase cem entrevistas no total, muitas com pessoas já há tempo esquecidas. Somente uma pequena parte deste material foi publicado pela editora de Clarice à época, a Artenova, que reuniu trinta e cinco entrevistas segundo critérios indeterminados, no volume chamado *De corpo inteiro* (última edição pela Editora Rocco em 1999). Algumas delas, com as pessoas mais famosas, como Antonio Carlos Jobim ou Tônia Carrero, chegaram a ser "recicladas" várias vezes e publicadas em *Manchete*, *De corpo inteiro* e no *Jornal do Brasil*. Alguns dos melhores amigos de Clarice (Carlos Scliar, Vinícius de Moraes, Hélio Pellegrino e Érico Verissimo) foram entrevistados por ela para *Manchete* e *Fatos e Fotos*.

Das 42 entrevistas escolhidas para esta nova coletânea 19 são inéditas em livro e vinte e três foram publicadas em *De corpo inteiro*. O agrupamento dos entrevista-

dos em diferentes modalidades das artes e do esporte nos proporcionam uma idéia do panorama cultural do Brasil em que Clarice vivia e escrevia. Ao mesmo tempo, nos revelam muito sobre a própria entrevistadora, que se deixa entrever nas perguntas e comentários.

– CLAIRE WILLIAMS

Ensina Língua e Culturas Lusófonas na
Universidade de Liverpool, Reino Unido.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Você sabe o que uma famosa escritora disse para a outra? Se não sabe, leia o que Clarice Lispector perguntou e Lygia Fagundes Telles respondeu. Mas o final dessa conversa poderá ser na Academia.

Eu pretendia ir a São Paulo para entrevistar Lygia Fagundes Telles, pois valia a pena a viagem. Mas acontece que ela veio ao Rio para lançar seu novo livro, *Seminário dos ratos*. Entre parênteses, já comecei a ler e me parece de ótima qualidade. O fato dela vir ao Rio, o que me facilitaria as coisas, combina com Lígia: ela nunca dificulta nada. Conheço a Lygia desde o começo do sempre. Pois não me lembro de ter sido apresentada a ela. Nós nos adoramos. As nossas conversas são francas e as mais variadas. Ora se fala em livros, ora se fala sobre maquilagem e moda, não temos preconceitos. Às vezes se fala em homens.

Lygia é um *best-seller* no melhor sentido da palavra. Seus livros simplesmente são comprados por todo o mundo. O jeito dela escrever é genuíno pois se parece com o seu modo de agir na vida. O estilo e Lygia são muito sensíveis, muito captadores do que está no ar, muito femininos e cheios de delicadeza. Antes de começar a entrevista, quero lembrar que na língua portuguesa, ao contrário de muitas outras línguas, usam-se poetas e poetisas, autor e autora. Poetisa, por exemplo, ridiculariza a mulher-poeta. Com Lygia, há o hábito de se escrever que ela é uma das melhores contistas do Brasil. Mas do jeitinho como escrevem parece que é só entre as mulheres escritoras que ela é boa. Erro. Lygia é também entre os homens escritores um dos escritores maiores. Sabe-se também que recebeu na França (com um conto seu, num concurso a que concorreram muitos escritores da Europa) um prêmio. De modo que falemos dela como ótimo autor. Lygia ainda por cima é bonita.

Comecemos pois:

– Como nasce um conto? Um romance? Qual é a raiz de um texto seu?

– São perguntas que ouço com freqüência. Procuro então simplificar essa matéria que nada tem de simples.

Lembro que algumas idéias podem nascer de uma simples imagem. Ou de uma frase que se ouve por acaso. A idéia do enredo pode ainda se originar de um sonho. Tentativa vã de explicar o inexplicável, de esclarecer o que não pode ser esclarecido no ato da criação. A gente exagera, inventa uma transparência que não existe porque – no fundo sabemos disso perfeitamente – tudo é sombra. Mistério. O artista é um visionário. Um vidente. Tem passe livre no tempo que ele percorre de alto a baixo em seu trapézio voador que avança e recua no espaço: tanta luta, tanto empenho que não exclui a disciplina. A paciência. A vontade do escritor de se comunicar com o seu próximo, de seduzir esse público que olha e julga. Vontade de ser amado. De permanecer. Nesse jogo ele acaba por arriscar tudo. Vale o risco? Vale se a vocação for cumprida com amor, é preciso se apaixonar pelo ofício, ser feliz nesse ofício. Se em outros aspectos as coisas falham (tantas falham) que ao menos fique a alegria de criar.

– *Para mim a arte é uma busca, você concorda?*

– Sim, a arte é uma busca e a marca constante dessa busca é a insatisfação. Na hora em que o artista botar a coroa de louros na cabeça e disser, estou satisfeito, nessa hora mesmo ele morreu como artista. Ou já estava morto antes. É preciso pesquisar, se aventurar por novos caminhos, desconfiar da *facilidade* com que as palavras se oferecem. Aos jovens que desprezam o estilo, que não trabalham em cima do texto porque acham que logo no primeiro rascunho já está ótimo, tudo bem – a esses recomendo a lição maior que está inteira resumida nestes versos de Carlos Drummond de Andrade:

Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível que lhe deres
Trouxeste a chave?

– Você, Clarice, que é dona de um dos mais belos estilos da nossa língua, você sabe perfeitamente que apoderar-se dessa chave não é assim simples. Nem fácil, há tantas chaves falsas. E essa é uma fechadura toda cheia de segredos. De ambigüidades.

– *Fale-nos do* Seminário dos ratos.

– Procurei uma renovação de linguagem em cada conto desse meu livro, quis dar um tratamento adequado a cada idéia: um conto pode dar assim a impressão de ser um mero retrato que se vê e em seguida esquece. Mas ninguém vai esquecer esse conto-retrato se nesse retrato houver algo mais além da imagem estática. O retrato de uma árvore é o retrato de uma árvore. Contudo, se a gente sentir que há alguém atrás dessa árvore, que detrás dela alguma coisa está acontecendo ou vai acontecer, se a gente sentir, intuir que na aparente imobilidade está a vida palpitando no chão de insetos, ervas – então esse será um retrato inesquecível. O escritor – ai de nós – quer ser lembrado através do seu texto. E a memória do leitor é tão fraca. Leitor brasileiro, então, tem uma memória fragilíssima, tão inconstante. O padre Luís (um padre santo que fez a minha primeira comunhão, foi ele quem me apresentou a Deus) me contou que um dia conduziu uma procissão no Rio. A procissão saía de uma igreja do Posto Um, dava uma volta por Copacabana e retornava em seguida. Muita gente, todo mundo cantando, velas acesas. Mas à medida que a procissão ia avançando, os fiéis iam ficando pelas esquinas, tantos botequins, tantos cafés. E o mar?

Quando finalmente voltou à igreja, ele olhou para trás e viu que restara uma meia dúzia de velhos. E os que carregavam os andores. "As pessoas são muito volúveis", concluiu padre Luís. Em outros termos, o mesmo diria Garrincha quando um mês depois de ser carregado nos ombros por uma multidão delirante, com o mesmo fervor e no mesmo estádio foi fragorosamente vaiado. Tão volúveis...

– *Isso não é pessimismo?*

– Não sou pessimista, o pessimista é um mal-humorado. E graças a Deus conservo o meu humor, sei rir de mim mesma. E (mais discretamente) do meu próximo que se envaidece com essas coisas, do próximo que enche o peito de ar, abre o leque da cauda e vai por aí, duro de vaidade. De certeza, tantas medalhas, tantas pompas e glórias, *eu ficarei*! Não fica nada. Ou melhor, pode ser que fique, mas o número dos que não deixaram nem a poeira é tão impressionante que seria inocência demais não desconfiar. Sou paulista, e como o mineiro, o paulista é meio desconfiado. Então, o certo é dizer com Millôr Fernandes: "quero ser amado em Ipanema, agora, agora". Em Ipanema vou lançar esse *Seminário dos ratos*. O que já é alguma coisa...

– *Como nasceu esse título?*

– Houve em São Paulo um seminário contra roedores. Lá acontecem diariamente dezenas de seminários sobre tantos temas, esse era contra os ratos. "Daqui por diante eles estarão sob controle", anunciou um dos organizadores, e o público caiu na gargalhada, porque nessa hora exata um rato atravessou o palco. Tantos projetos fabulosos, tantas promessas. Discursos e discursos com pequenos intervalos para os coquetéis. Palavras, palavras. E de repente pensei numa inversão de papéis, ou seja, nos ratos expulsando todos e se instalando soberanos no seminário. "Que século, meu Deus", exclamariam repetindo o poeta. E continuariam a roer o edifício. Assim nasceu esse conto.

– *Quais são os temas do livro?*

– São quatorze textos que giram em torno de temas que me envolvem desde que comecei a escrever: a solidão, o amor e o desamor. O medo. A loucura. A morte – tudo isso que aí está em redor. E em nós. Quando fico deprimida vejo claramente essas três espécies em extinção: o índio, a árvore e o escritor. Mas reajo, não sei tra-

balhar sem a esperança no coração. Sou de Áries, recebo a energia do sol. E de Deus, o que vem a dar no mesmo, tenho paixão por Deus.

– *Há muita gente louca no* Seminário dos ratos*?*

– Sim, há um razoável número de loucos nesse meu livro e também nos outros. Mas a loucura não anda mesmo por aí galopante? "Os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco representaria uma outra forma de loucura", disse Pascal.

– *O que mais lhe perguntam?*

– Eis o que me perguntam sempre: compensa escrever? Economicamente, não. Mas compensa – e tanto – por outro lado através do meu trabalho fiz verdadeiros amigos. E o estímulo do leitor? E daí? "As glórias que vêm tarde já vêm frias", escreveu o Dirceu de Marília. Me leia enquanto estou quente.

LYGIA FAGUNDES TELLES – Autora do premiado *As meninas* (1973) que arrebatou os principais prêmios literários brasileiros: o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro e o de Ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte. Membro da Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio Camões, em 2005, considerado o Nobel da língua portuguesa. Publicou *O seminário dos ratos* em 1977.

RUBEM BRAGA

Segundo Clarice Lispector, há qualquer coisa de rural em Rubem Braga. Aliás, ele se sente, no Brasil de hoje, como uma velha vaca atolada num brejo.

Até parece que conheço Rubem desde sempre. Gostei dele à primeira vista. Sei coisas a seu respeito. Por exemplo, bondades que faz discretamente sem pedir nada em troca. Por exemplo, ele é pessoa que perdoa muito e entende tudo e não se faz juiz de ninguém. Ele é corajoso. Simples. Delicado. Ele tem qualquer coisa de rural em si. E foge a tudo o que seja "sentimentalismo" falso. Mas há mil "rubens" dentro de Rubem Braga, é claro, assim como há mil 'clarices' em mim. E tanta coisa eu desconheço em Rubem, que era melhor entrevistá-lo de vez. Pelo menos tentarei atenuar o seu mistério (porque ele é um pouco misterioso). Mas desconfio que o seu mistério está na sua simplicidade – e simplicidade é das coisas mais raras no ser humano, a ponto de constituir uma qualidade insólita.

– *Rubem, eu te conheço há tantos anos que, se você não fosse misterioso e calado, eu não teria pergunta nenhuma a fazer. Concorda?*

– Mas acontece que sou uma esfinge sem segredo. Calado, nem tanto. Ou nem sempre. Até que já tenho falado demais. E estou aqui falando.

– *Você para mim é um poeta que teve pudor de escrever versos, e então inventou a crônica (pois foi você quem inventou esse gênero de literatura), crônica que é poesia em prosa, em você. É ou não é?*

– Não é bem isso. Há um fato importante em minha carreira, eu sempre escrevi para jornal. A partir do *Correio do Sul*, de Cachoeiro de Itapemirim, que era de meu irmão Armando e chegou a sair três vezes por semana. Lá publiquei alguns versos mas escrevia principalmente artigos terrivelmente sérios sobre política, lavoura, economia etc., e uma ou outra crônica ligeira. Em

suma: eu escrevia o que me dava na telha e, na verdade, nunca tive pudor de fazer versos. É que fazer bons poemas (em versos) exige um tipo de habilidade e de economia, síntese e ao mesmo tempo, desculpem a palavra, inspiração. É muito mais fácil ir na cadência da prosa, e quando acontece ela dizer alguma coisa poética, tanto melhor.

– *Quantos livros você já escreveu, e quais?*

– Comecei com *O conde e o passarinho*, em 1936, depois, outro pequeno livro de crônicas: *O morro do isolamento*, em 1944. A seguir um livro que é mais de reportagem: *Com a FEB na Itália*, depois reeditado sob o título *Crônicas de guerra*: é uma parte de minha experiência como correspondente de guerra. Depois vieram outros livros de crônica: *Um pé de milho*, *O homem rouco*, *A borboleta amarela*, *A cidade e a roça*, *Ai de ti, Copacabana*, e *A traição das elegantes*.

– *Tem algum livro para publicar?*

– Quase todos esses livros estão esgotados e não pretendo reeditar nenhum. Penso, por isso, em fazer, este ano, uma seleção de todos os meus livros num só volume. Fernando Sabino fez a escolha para mim mas estou revendo penosamente seu trabalho. Como é chato a gente se reler!

– *Também eu evito ao máximo ter que me reler, e fico espantada quando encontro pessoas que leram um livro meu várias vezes. Como vai se chamar o livro?*

– *As melhores crônicas de Rubem Braga*, ou algo assim. Terá apenas algumas crônicas ainda não publicadas em livro. Deve sair lá pelo meio do ano.

– *É verdade que você amou muito? E que é que você mais queria na vida? Qual sua atitude diante da morte?*

– Começarei pelo fim, isto é, pela morte. Não anseio por ela mas também não morro de medo. Tenho experiência bastante para poder dizer que não tenho medo da morte em si mesma. Meu medo é da doença, da dor, da impotência, da humilhação. Além disso acho

na idéia da morte um grande consolo. Quanto a amor é verdade que amei muito e amei errado, com demasiada paixão. Mas alguém ama certo?

– *Conheci você mais combativo, não é verdade?*

– É verdade. Você me conheceu na volta dos meus 30 anos eu ainda era muito rapaz. Ainda pensava em dar um jeito nesse mundo ou pelo menos no Brasil. Hoje estamos em um brejo com mormaço, e acho que tão cedo não sairemos disso. Eu sou uma velha vaca atolada. No brejo, naturalmente.

– *Você ainda acredita em alguma coisa em política?*

– Acho que a liberdade é essencial. Sou contra toda e qualquer forma de ditadura, de classe, de indivíduo ou de casta. Mas para que dizer isso? Escrevi milhares de crônicas, e não creio que tivessem qualquer influência na vida política de meu país.

– *Será pessimismo seu?*

– Não é. Vou lhe dar um exemplo. Em 1950 fiz uma excursão a Paraty e na volta escrevi uma crônica falando das belezas da terra, mas reclamando contra os alto-falantes existentes em uma praça. Eles berravam altíssimo durante toda a tarde de domingo, não deixando ninguém descansar. Soube que essa crônica tinha causado grande impressão em Paraty. Voltei lá 25 anos depois e na tarde de domingo, na mesma praça, os alto-falantes ainda estavam a berrar. Ainda devem estar berrando alto em 1977. A gente escrever não adianta nada, Clarice.

Eu também acho. Como já foi dito, no Brasil o escritor escreve para os colegas.

RUBEM BRAGA – O autor de *A borboleta amarela,* colaborou em jornais como *O Globo* e *Correio da Manhã*. Quando foi designado pelo *Diário Carioca*, em 1944, para fazer a cobertura jornalística das atividades da Força Expedicionária Brasileira conheceu Clarice, que morava então em Nápoles,

em companhia do marido diplomata Maury Gurgel Valente. Fundou com Fernando Sabino as editoras do Autor e Sabiá onde publicaram Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Vinícius de Moraes. A Sabiá editou, também, pela primeira vez no Brasil escritores latino-americanos como Gabriel García Márquez, Pablo Neruda e Jorge Luis Borges.

"O público é que tem compromisso comigo, e não eu com ele." Infelizmente na época não pude visitar Jorge Amado em sua casa em Salvador, Bahia, que dizem ser uma casa bela e singular: é que Jorge já estava há dois meses no sítio do tapeceiro Genaro de Carvalho, tendo como companhia única sua esposa Zélia. No sítio, a uns vinte quilômetros de Salvador, Jorge podia esquivar-se a visitas, pois estas, mesmo que simpáticas, o impediriam de trabalhar. No meio de uma chuva torrencial fui ao sítio, tendo tido o trabalho prévio de avisá-lo e de perguntar-lhe se me daria uma entrevista. Lá fui recebida pelo casal com um refresco de mangaba.

– *Que é que você está escrevendo agora, Jorge?*

– Um novo romance, que trata ao mesmo tempo da vida popular baiana e da vida de setores da pequena burguesia, da intelectualidade. O livro tem dois espaços e dois tempos: um tempo pretérito, quando o personagem é apresentado numa série de acontecimentos de sua vida – entre 1868 e 1943, quando morre – e essa é a parte fundamental do romance; um tempo atual, 1968, quando o centenário de nascimento do personagem é comemorado com grandes festejos. Teremos, assim, duas faces de Pedro Archanjo – a "pura" e a impura –, uma espécie de pequeno escritor – ou sociólogo, talvez poeta – desconhecido. Não tenho ainda título definitivo para o livro, que poderá se intitular *Meu bom*.

– *Qual é o seu método de produção?*

– Parto, em geral, de uma idéia, de um fato, de uma impressão ou emoção. Durante anos esse ponto de partida vive dentro de mim, de repente se afirma, começo a ver personagens e ambientes. A história vem na máquina de escrever.

– *Você se inspira em fatos reais ou os imagina?*

– As duas coisas: parto de minha experiência de vida para a criação. Invento muito, mas nunca invento no ar, minha inventiva tem sempre algo em que se apoiar.

– *Você está rico com os seus livros?*

– Não creio que livro enriqueça ninguém no Brasil, a não ser a editores (todos que conheço estão ricos) e a livreiros. Sou pobre, felizmente, mas ganho com meus livros o suficiente para viver vida modesta e digna com minha família. Escritor profissional, vivo *exclusivamente* dos direitos autorais de meus livros – escrevo pouquíssimo e cada vez menos para revistas e jornais, e essa rara colaboração não pesa sequer no meu orçamento.

– *Faça uma crítica de seus próprios livros.*

– São os livros que eu posso fazer. Busco fazê-los o melhor que posso. São rudes, sem finuras nem filigranas de beleza; são, por vezes, ingênuos, sem profundezas psicológicas e sem angústias universais; são pobres de linguagem e muitíssima coisa mais. São livros simples de um contador de história da Bahia.

– *Você gostaria de escrever diferente ou está comprometido demais com o seu público?*

– Eu escrevo como me agrada; não há escritor mais livre neste país. Não tenho compromissos senão comigo mesmo: nem com modas, nem com escolas, nem com circunstâncias, nem com academias, nem com editores, nada. Tenho um único compromisso: com o povo – e não é demagogia, sou o antidemagogo. Com o povo, porque creio que meu dever de escritor é servi-lo. Quanto ao público, é ele que tem compromisso comigo e não eu com ele.

– *Desde que idade você escreve?*

– Desde muito tempo. Com 15 anos, ou 16, já fazia parte de grupos de jovens literatos em Salvador. Aos 18 anos escrevi o primeiro romance, publicado no ano seguinte.

– Quando você está escrevendo, espera pela inspiração ou trabalha com disciplina, tantas e tantas horas por dia?

– Inspiração? Inspiração para mim é a idéia, é o amadurecimento interior – eu prefiro a palavra vocação: você nasce ou não para escrever, e acabou. O trabalho só não basta. Mas o trabalho é essencial, fundamental e deve ser disciplinado. Levo anos sem fazer nada – quero dizer, sem estar na máquina a bater as páginas de um livro: durante esse tempo estou concebendo a idéia do romance – a isso chamo de inspiração. Depois vou para a máquina e trabalho com muita disciplina, "tantas e tantas horas". No momento, por exemplo, acordo às cinco da manhã, antes das seis já estou na máquina e trabalho até às 13 horas. Almoço, descanso, atendo minha secretária, às 17 volto ao trabalho até as 19, exceto aos sábados e domingos, quando não cumpro o horário das 17 às 19 horas e passo a tarde jogando pôquer ou conversando com amigos.

– Você é um homem feliz e realizado, Jorge?

– Sou, creio, um homem a quem a vida muito tem dado, mais do que mereço. Tenho alegria de viver, amo a vida e sempre a vivi ardentemente. Sou feliz com minha mulher, Zélia, e meu casal de filhos: João, com suas barbas e seu teatro; Paloma, com seu dengue e seu Garcia Lorca. Minha mulher é leal companheira. Tenho mãe viva, de 86 anos, Lalu, poderosa figura. Tenho dois irmãos que são amigos fiéis – um deles, James, é o bom escritor da família, em minha opinião. Tenho amigos excelentes; a amizade é o bem da vida. Vivo muito com meus amigos. Quanto a ser realizado, penso que o escritor que um dia se considere realizado, se não for um idiota (e deve ser) tem o dever de deixar de escrever, pois já se realizou.

– Disseram-me que ninguém passa por Salvador sem querer conversar com você – é verdade?

– Vem muita gente à minha casa, o que é, ao mesmo tempo, simpático e maçante, às vezes. Em certas ocasiões,

é demais. Agora mesmo, para trabalhar, tive de vir para o sítio de Genaro de Carvalho, nosso mestre tapeceiro.

– Você é tão hábil em escrever, que se lhe dessem um tema você aceitaria? Ou o tema tem que nascer de você mesmo?

– Nunca aceitei encomenda nem penso em aceitá-las. Apenas uma vez deram-me um tema: conto destinado para um livro *Os Dez Mandamentos*, onde colaboram mais nove autores. O editor deu-me o tema para a história e eu aceitei escrevê-la. E a encomenda, pois cumpro meus compromissos, foi uma das piores coisas que escrevi. Sou um escritor profissional, porque escrever livros é minha profissão, e não um *hobby*, um bico ou uma "ocupação fundamental..." de fim de semana. Sou, assim, um escritor comercial. Escrevendo meu quarto livro num espaço de tempo de 12 anos, ou seja, em média um livro de quatro em quatro anos. Quisesse eu escrever para ganhar dinheiro e, com o público que possuo, era livro de seis em seis meses, sobretudo se sou realmente "hábil" como você diz. Só escrevo aquilo que nasce e cresce dentro de mim.

– Quem é o escritor brasileiro do passado que você mais admira?

– Não posso citar um, impossível, não há um acima de três ou quatro. Digamos quatro poetas: Castro Alves, Gregório de Matos, Gonçalves Dias e Augusto dos Anjos. Digamos os romancistas Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis.

– Qual foi o fato mais importante de sua vida, Jorge?

– Vários fatos foram importantes e várias pessoas. O padre Cabral, por exemplo, que, no internato dos jesuítas, declarou em aula que eu seria fatalmente escritor, quisesse ou não.

– Você está de algum modo ligado a alguma religião? Nunca teve uma experiência mística?

– Não sou religioso, não possuo crença religiosa alguma, sou materialista. Não tive experiências místicas,

mas tenho assistido a muita mágica, sou supersticioso e acredito em milagres, a vida é feita de acontecimentos comuns e de milagres. Não sendo religioso, detenho um alto título no candomblé baiano, sou Obá Otum Arolu, um dos 36 *obás*. Distinção que os meus amigos do candomblé me conferiram e que muito me honra.

– *Você costuma ler as traduções que fazem de seus livros? Porque eu, por exemplo, jamais leio, para me poupar a raiva.*

– Prefiro as traduções em língua que não posso ler. Nas outras você descobre erros e se chateia. É assim ou não com você?

– *Exatamente assim: fiquei contente com dois de meus livros traduzidos. O que mais diverte você? Você tem algum hobby?*

– Quem não tem um hobby? Jogo meu pôquer, adoro meus gatos, meu jardim que é quase uma floresta. Leio romances policiais quando estou escrevendo.

– *Você já escreveu poesia? É melhor confessar.*

– Da pior espécie possível, mas felizmente pouquíssima e inédita.

– *A que atribui o sucesso enorme de seus livros?*

– Atribuo à qualidade brasileira; a estar do lado do povo; a transmitir esperança e não desesperança.

– *Que é que você gostaria de ter sido e não foi?*

– Não creio que prestasse em profissão nenhuma. Tenho grande tendência a não fazer nada que seja obrigação.

– *Você escreve muito sobre o amor. O que é amor?*

– É a própria vida, é o melhor da vida, tudo. No amor não sou profano, aí não. Sou sectário.

– *Qual de seus personagens é mais você mesmo?*

– Todos os personagens têm um pouco do autor, não é assim, Clarice?

– *É assim, Jorge. Alguns acusam você de superficialidade nos últimos livros. Que é que você acha disso?*

– Os primeiros são, a meu ver, mais superficiais.

– *Voltemos ao assunto da tradução. Em quantos países você foi traduzido?*

– Até agora em 33 línguas, algumas realmente distantes, como o vietnamita, o persa, o mongol. Fui publicado, não contando o Brasil, em 38 países. Algumas traduções em inglês têm edições dos Estados Unidos, da Inglaterra e Canadá, em alemão, nas duas Alemanhas, na Áustria, na Suíça. Aliás, com as edições portuguesas, a soma se eleva a 39 países.

– *Qual ou quais são as cidades onde a atmosfera conduz um artista a criar mais e melhor?*

– Penso que existem duas cidades feitas à medida do homem, cidades que não são, ainda e somente, campos de trabalho: Salvador da Bahia de Todos os Santos e Paris.

– *Aqui, em Salvador, eu realmente senti que poderia escrever mais e melhor. Mas o Rio de Janeiro, com o seu ar poluído, não é nada mau, Jorge. Coloca-nos frente a frente com condições adversas e também dessa luta nasce o escritor. É verdade que muitos escritores que moram no Rio são saudosistas de seus estados e têm nostalgia da província.*

Talvez.

JORGE AMADO – O autor de *Gabriela, cravo e canela* e *Dona flor e seus dois maridos* tornou-se uma espécie de representante do povo baiano, o mais popular e um dos mais traduzidos escritores brasileiros. Viveu exclusivamente dos direitos autorais de seus livros, que foram publicados em 52 países e traduzidos para 48 idiomas. Em 1995, recebeu o Prêmio Camões. Sua obra literária recebeu inúmeras adaptações para cinema, teatro e televisão.

"Eu me considero um fracasso."

Avisei a Nelson Rodrigues que desejava uma entrevista diferente. É um homem tão cheio de facetas que lhe pedi apenas uma: a da verdade. Ele aceitou e cumpriu.

– *Você é da esquerda ou direita?*

– Eu me recuso absolutamente a ser de esquerda ou de direita. Eu sou um sujeito que defende ferozmente a sua solidão. Cheguei a essa atitude diante de duas coisas, lendo dois volumes sobre a guerra civil na História. Verifiquei então o óbvio ululante: de parte a parte todos eram canalhas. Rigorosamente todos. Eu não quero ser nem canalha da esquerda nem canalha da direita.

– *Nelson, você se referiu à solidão. Você se sente um homem só?*

– Do ponto de vista amoroso eu encontrei Lúcia. E é preciso especificar: a grande, a perfeita solidão exige uma companhia ideal.

– *Ah, Nelson, isto é tão verdadeiro.*

– Mas, diante do resto do mundo eu sou um homem maravilhosamente só. Uma vez fiquei gravemente doente, doente para morrer. Recebi em três meses de agonia três visitas, uma por mês. Note-se que minha doença foi promovida em primeiras páginas. Aí, eu sofri na carne e na alma esta verdade intolerável: o amigo não existe.

– *Nelson, como conseqüência de meu incêndio, passei quase três meses no hospital. E recebia visitas até de estranhos. Eu não sou simpática. Mas o que é que eu dei aos outros para que viessem me fazer companhia? Não acredito que não se tenha amigos. É que são raros.*

– Ou eu dou muito pouco ou os outros não aceitam o que eu tenho para dar.

– Mas você tem sucesso real – e sucesso vem quando se dá alguma coisa aos outros. Você dá.

– Eu tenho o que eu chamaria de amigos desconhecidos. São sujeitos que eu nunca vi, que cruzam comigo numa esquina, numa retreta, num velório. Certa vez fui a uma capelinha ver um colega morto. Eram duas horas da manhã. Uma mocinha saiu do velório ao lado com um caderninho na mão. Fez uma mesura para mim e disse: "Quero ter a honra de apertar a mão do autor de *A vida como ela é*." E me pediu o autógrafo. Eu senti que estava vivendo um momento da pobre ternura humana. Eis o que eu queria dizer: o amigo possível e certo é o desconhecido com que cruzamos por um instante e nunca mais. A esse podemos amar e por esses podemos ser amados. O trágico na amizade é o dilacerado abismo da convivência.

– Mas Hélio Pellegrino é seu amigo, e Otto Lara Resende é seu amigo.

– Não. Eu é que sou amigo de ambos. É possível que um de nós ame alguém. O difícil (não quero dizer impossível) é que esse alguém nos ame de volta. Hoje, antes de vir à sua casa, almocei com Hélio Pellegrino, como faço todos os sábados. Por causa de uma opinião minha, ele, com a sua cálida e bela voz de barítono de igreja, dizia para mim: É mentira, é mentira! Nunca me ocorrera nesta encarnação ou em vidas passadas, chamá-lo de mentiroso. Naquele momento ele pôs entre nós a mais desesperada e radical solidão da terra. Tal agressividade não devia existir na história da amizade. Cabe então a pergunta: e porquê? Resposta: é impraticável a discussão política nobre. Sempre que pensa politicamente o sujeito se desumaniza e desumaniza os problemas. E o Otto nunca me deu um telefonema. Estou dizendo isso com a maior, a mais honrada, a mais inconsolável amargura.

– Você fala em encarnação e em vidas passadas. Você é esotérico? Acredita em reencarnação?

– Eu sou apenas cristão, se é que eu o sou. A única coisa que me mantém de pé é a certeza da alma imortal.

Eu me recuso a reduzir o ser humano à melancolia do cachorro atropelado. Que pulhas seríamos se morrêssemos com a morte.

– *Mas aonde vai a nossa alma, depois de mortos?*

– Aí está o mistério e o mistério não impede evidentemente que a alma seja imortal.

– *Nelson, em quantos empregos você trabalha escrevendo?*

– Eu tenho três colunas diárias, obrigatórias (escrevo muito mais para atender a pedidos insuportáveis). Tenho duas crônicas no *Globo*, as "confissões" e *Chuteiras imortais*. No *Jornal dos Sports* faço também uma crônica de futebol. Quando vou escrever um romance ou uma peça de teatro estou em plena estafa e tenho que fazer um superesforço. Acho que minhas condições de trabalho são desumanas.

– *Você está preparando algum romance ou peça de teatro?*

– Eu tenho mil projetos romanescos e teatrais. Mas não tenho tempo físico para realizá-los.

– *Você se considera artisticamente um homem realizado?*

– Não. Eu me considero inversamente um fracassado. Não me realizei e nem acho que alguém se realize. O único sujeito realizado é o Napoleão de hospício que não tem Waterloo nem Santa Helena.

– *Nelson, qual é a coisa mais importante do mundo?*

– É o amor.

– *Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?*

– É a solidão.

– *O que é o amor, Nelson?*

– Eu sou um romântico num sentido quase caricatural. Acho que todo amor é eterno e, se acaba, não era amor. Para mim, o amor continua além da vida e além da morte. Digo isso e sinto que se insinua nas minhas palavras um ridículo irresistível, mas vivo a confessar que o ridículo é uma das minhas dimensões mais válidas.

– *Nelson, você tem dado muitas entrevistas. Todas elas se parecem com esta?*

– Não, eu estou fazendo um esforço, um abnegado esforço, para não trapacear nem com você nem com o leitor.

É preciso dizer que, durante a entrevista toda, ele não sorriu nenhuma vez. Com a verdade grave não se sorri.

Mas Nelson não tinha ainda dito o que queria quanto à pergunta: o que é o amor. Voltamos pois a ele.

– Não estou me referindo ao sexo. O sexo sem amor é uma cristalina indignidade. Sempre que o homem ou a mulher deseja sem amor se torna abjeto. Uma mulher não tem o direito de se despir sem amor. Mesmo o biquíni, mesmo o decote, e repito, nenhuma forma de impudor é lícita se a criatura não ama. Se a criatura não ama, não pode usar biquíni, ousar certos decotes ou qualquer outra forma de impudor.

– *Você é um homem de sucesso. Até que ponto o sucesso interfere na sua vida pessoal?*

– Não interfere justamente porque eu e Lúcia fundamos a nossa solidão.

– *Você gostou de me dar esta entrevista?*

– Gostei profundamente. O que conta na vida são os momentos confessionais.

NELSON RODRIGUES – Considerado o maior dramaturgo do teatro nacional, o autor de *Vestido de noiva* escreveu ainda romances, contos, crônicas, que foram publicados em jornais cariocas como *O Jornal, Última Hora, Correio da Manhã* e *O Globo*. Sua coluna *A vida como ela é*, publicada durante dez anos no jornal *Última Hora*, foi um sucesso de público com histórias sobre paixão e morte. Sob o pseudônimo de Suzana Flag escreveu romances como *Meu destino é pecar* e *Asfalto selvagem*.

FERNANDO SABINO

"Gostaria de morrer em nome de alguma coisa, mas não creio que mereça tanto."

Esta entrevista foi feita antes de Fernando Sabino declarar que a literatura morreu.

– Fernando, por que é que você escreve? Eu não sei por que eu escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim.

– Há muito tempo que não escrevo. A última vez foi ali por volta de 1956, 1957. Escrevia por necessidade de me exprimir. Desde então tenho me utilizado da palavra escrita como atividade profissional, por necessidade de ganhar a vida. Mas não chamo a isso de escrever, como ato de criação artística.

– Como é que começa em você a criação, por uma palavra, uma idéia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada.

– A criação nunca começava por uma palavra ou por uma idéia. Era uma espécie de sentimento em mim que partia em busca dessa palavra ou dessa idéia. Qualquer palavra, qualquer idéia. Hoje o sentimento ainda existe, mas tem-se dispensado de se exprimir através de palavras ou idéias – de certa maneira me contento com o próprio sentimento, que procura fora de mim alguma forma de expressão já existente com que se identificar. A música, por exemplo – especialmente a de Thelonious Monk.

– Há quanto tempo você escreve crônicas? Falta-lhe assunto às vezes? A mim, no Jornal do Brasil, *por enquanto ainda não.*

– Escrevo crônica desde 1947. Sempre falta assunto – é penoso ter de inventar. Procuro suprir o jornal ou a revista que me pagaria com a matéria escrita que corresponda ao que esperam de mim, ou seja, agradar o leitor. Aceito alegremente a tarefa, como um móvel.

– Que é que você acha do protesto dos jovens no mundo inteiro? Que estão eles querendo, na sua opinião?

– Na minha opinião estão querendo o mesmo que eu queria quando era jovem – e continuo querendo: repudiar um mundo errado que os mais velhos lhes querem deixar como herança. Estão querendo acertá-lo e não sabem como – mas nós muito menos.

– Que é que você acha de Marcuse?

– Só li de Marcuse algumas páginas da tradução de um livro seu, o suficiente para ver que ele parece ignorar, na proposição de suas idéias com relação ao mundo de hoje, um dado elementar: o de que o mundo de hoje tem muito mais gente que o mundo do princípio do século. E quanto a isso, ele não apresenta nenhuma outra solução. Nem mesmo a pílula.

– Por que você, Fernando, com o grande talento que tem, só escreveu um romance? Teve tanto sucesso que isso deveria incentivar você a produzir mais. Ou o sucesso atrapalhou você? A mim quase que faz mal: encarei o sucesso como uma invasão.

– O sucesso sempre atrapalha: neutraliza a nossa necessidade de se afirmar. No meu caso, entretanto, não foi o sucesso do meu romance que me atrapalhou, mas a necessidade, a que não soube resistir, de fazer da palavra escrita um ofício do qual tiro o meu sustento. Deixando de escrever, e indo buscar de dentro do mais obscuro anonimato um meio de expressão, é possível até que eu começasse realmente a escrever. Não desisti: lhe asseguro que ainda pretendo começar.

– Fernando, qual o seu processo de trabalho, você se inspira como? Ou se trata de uma disciplina?

– Há muito tempo que não me dou a esse luxo: o de inspirar-me. Contar com algum tema, alguma solicitação, algum estímulo que signifique uma verdadeira inspiração. E a verdadeira inspiração é aquela que nos impele a escrever sobre o que não sabemos, justamente para ficar sabendo.

– *Conte-me um pouco sobre a Editora Sabiá.*

– A Editora Sabiá tem grandes planos para este ano. Vamos prosseguir na nossa série de antologias poéticas bilíngües, iniciada com Pablo Neruda, publicando uma de Garcia Lorca. E entre as nacionais, será lançada em breve a de Jorge de Lima. Vamos iniciar também uma série de traduções de grandes romances modernos, o primeiro dos quais será *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez – um verdadeiro monumento da literatura moderna, *best-seller* internacional, considerado o livro mais importante da língua espanhola desde *Don Quixote*. Além disso, Rubem Braga e eu não perderemos de vista o objetivo pessoal que nos levou a fundar a Editora Sabiá: o de publicar nossos próprios livros em melhores condições e, por extensão, os dos nossos amigos.

– *Em que jovem de hoje você tem esperança como futuro grande escritor?*

– Não tenho acompanhado como devia a atividade de nossos jovens escritores – passei algum tempo fora do Brasil e ainda não retomei o contato como gostaria. Mas sei que há diversos jovens escrevendo o que há de melhor por esse Brasil. Os de Minas, por exemplo, ocasionalmente me têm dado prova disso, através do excelente suplemento literário do *Minas Gerais*, dirigido por Murilo Rubião. Já realizados como escritores da nova geração, eu poderia citar, entre outros, Oswaldo França Júnior e José J. Veiga, que me parecem admiráveis. Mas no Brasil, mal um escritor entrou na casa dos trinta, já é considerado velho...

– *Qual foi, Fernando, a sua maior decepção na vida?*

– Eu poderia responder repetindo Léon Bloy: a de não ter sido um santo. Mas modestamente, entretanto, prefiro dizer que foi a de não me ter ainda realizado como romancista.

– *Quando é que você se alegra?*

– Sou sempre alegre – daquela alegria interior dos fronteiriços da debilidade mental e que, portanto, têm ainda uma oportunidade de salvação.

– O que é que você desejaria para o Brasil?

– Desejaria que o Brasil conseguisse realizar nada menos que o grande sonho da humanidade: o de atender à necessidade de justiça social para todos sem prejuízo dos direitos fundamentais de cada um. Uma utopia, que no entanto deve ser o mínimo de ideal a ser sustentado por um homem digno desse nome.

– Como é que você resumiria o conteúdo da palavra amor?

– Amor é dádiva, renúncia de si mesmo na aceitação do outro. Amar o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas.

– Quais são os seus projetos como romancista?

– Não sei. Só vou ficar sabendo depois que escrever um novo romance. É preciso que eu me convença de que um romance não é mais do que um romance. Tenho de esquecer o pouco que aprendi e sair tateando às cegas até encontrar o botão de luz.

– Você acha que a nossa geração falhou? Eu acho que sim. Acho que nos faltou dar o corajoso passo no escuro. Nós não tínhamos desculpa, porque tínhamos talento e vocação.

– Não sei se nossa geração falhou. Nunca me senti, como escritor, como parte de uma geração. (Nem eu, pensei.) Sempre me senti sozinho e este talvez tenha sido o meu erro. Quis aprender sozinho e perdi a inocência. O artista é um inocente. Era preciso reaprender a olhar tudo como se fosse pela primeira vez. Eu olhei como se fosse a última. Em tempo: o romance que não consegui escrever se chamaria *O salto no escuro*. Estou dispensado até deste título, pois já saiu outro com o mesmo nome.

– Fernando, você tem medo antes e durante o ato criador? Eu tenho: acho-o grande demais para mim. E cada novo livro meu é tão hesitante e assustado como um primeiro livro. Talvez isso aconteça com você, e seja o que está atrapalhando a formação de seu novo romance. Estou ficando impaciente à espera de um romance seu.

– O que atrapalha a criação de um novo romance é a presunção de que somos capazes de criar. Diante da grandiosidade da tarefa, descubro que não sou coisa nenhuma. Era preciso partir da consciência de minha própria insignificância, e reconhecer com humildade que a tarefa nem grandiosa é, mas apenas um ato de louvor a Deus na medida das minhas forças.

– Você é profundamente católico ou apenas superficialmente?

– O catolicismo é uma herança de minha formação familiar que, graças a Deus, não abandonei. Deus não abandona aos que não o abandonam. Mas isso é assunto para conversa só entre nós dois.

– Qual o seu santo preferido?

– Não tenho preferência. Acho os santos uns chatos, pela inveja que me despertam, me fazendo ainda mais pecador.

– Você, que morou na Inglaterra como adido cultural nosso, notou lá algum movimento novo na literatura? Eu acho a literatura do mundo muito parada. Não há quem me satisfaça numa leitura. E você?

– Atualmente eu me interesso mais pelo depoimento pessoal, pelo documentário jornalístico – que talvez sejam novas formas de literatura.

– Como é que você encara o problema da morte?

– Deixar este mundo não me faz mais alegre, porque a vida é boa. Mas a morte é o eterno repouso. E eu tenho muita vontade de repousar eternamente. E muita curiosidade. Espero que não doa muito. Gostaria de morrer em nome de alguma coisa. Morrer deliberadamente, e não como alguém que depois do jantar espera que o garçom lhe traga a conta e fica pensando na gorjeta. Fazer da minha morte a justificação da minha vida. Mas não creio que mereça tanto.

FERNANDO SABINO – cronista e romancista, o autor de *O encontro marcado* e *O homem nu* foi uma presença marcante na vida literária de Clarice Lispector atuando como uma espécie de consultor na publicação de seus livros. Foi seu editor nas editoras do Autor e Sabiá. Manteve uma extensa correspondência com Clarice quando esta residiu no exterior, publicada em *Cartas perto do coração*.

"Não sou profundo. Espero que me desculpem."

Érico é escritor que não preciso apresentar ao público: trata-se, com Jorge Amado, do único escritor no Brasil que pode viver da vendagem de seus livros. Vendem como pão quente. Recebido de braços abertos pelos leitores, no entanto a crítica muitas vezes o condena.

– Érico, por que você acha que não agrada aos críticos e aos intelectuais?

– Para começo de conversa, devo confessar que não me considero um escritor importante. Não sou um inovador. Nem mesmo um homem inteligente. Acho que tenho alguns talentos que uso bem... mas que acontece serem os talentos menos apreciados pela chamada "crítica séria", como, por exemplo, o de contador de histórias. Os livros que me deram popularidade, como *Olhai os lírios do campo*, são romances medíocres. Nessa altura me pespegaram no lombo literário vários rótulos: escritor para mocinhas, superficial etc... O que vem depois dessa primeira fase é bastante melhor mas, que diabo! pouca gente (refiro-me aos críticos apressados) se dá ao trabalho de revisar opiniões antigas e alheias. Por outro lado, existem os "grupos". Os esquerdistas sempre me acharam "acomodado". Os direitistas me consideram comunista. Os moralistas e reacionários me acusam de imoral e subversivo. Havia ainda essa história cretina de "norte contra sul". E ainda essa natural má vontade que cerca todo o escritor que vende livro, a idéia de que *best-seller* tem de ser *necessariamente* um livro inferior. Some tudo isto, Clarice, e você não terá ainda uma resposta satisfatória à sua pergunta. Mas devo acrescentar que há no Brasil vários críticos que agora me levam a sério, principalmente depois que publiquei *O tempo e o vento.* (Bons sujeitos!)

– *Você se sente realizado como escritor, Érico? Eu, por exemplo, ainda não me sinto, e tenho a impressão de que será assim até eu morrer.*

– Realizado, não. Mas confesso que não me sinto frustrado. Agora, acho que você tem todo o direito de considerar-se realizada. (É pena que isso não seja, no escritor, uma questão de *direito*.) Você, na minha opinião, trouxe algo de novo e importante para a nossa literatura.

– *E como homem, você se sente realizado? Você, Érico, é uma das pessoas mais gostáveis que conheci. Você é uma pessoa humana de uma largueza extraordinária. Que é que você me diz disso?*

– A resposta é quase idêntica à pergunta anterior. Reduzi ao mínimo as minhas frustrações. Sempre fui um sujeito tímido e moderado, até no sonho, nos projetos. Tenho tudo ou quase tudo quanto desejei, e muito mais do que ousei esperar. A idéia de ser querido, digamos a palavra exata – *amado*, me agrada, me alegra mais do que a idéia de ser admirado. Se você me perguntasse se sou um *homem natural,* para ser bem sincero, eu lhe confessaria que de certo modo moldei a minha própria imagem, a face do homem que eu desejo que os outros vejam.

– *Você trocaria seu público, que adora você, por uma crítica que lhe fosse mais favorável?*

– Não.

– *Érico, sem interromper o assunto, estou me lembrando com saudade de Washington, eu como mulher de diplomata, e você trabalhando na OEA. Você se lembra de como eu fazia ninho na vida e na casa de vocês? Que é que você estava escrevendo naquela ocasião? Eu, por exemplo, estava escrevendo* A maçã no escuro. *Foi um período muito produtivo, no sentido de trabalho e no sentido de uma amizade que se formou para sempre entre você, Mafalda e eu.*

– Quero que você saiba (e aqui falo também em nome de minha mulher) que as melhores recordações que guardo de nossa estada em Washington D.C. são as

das horas que passamos em sua casa, com você e sua gente. Detestava o meu posto da União Pan-Americana. Não consegui escrever uma linha durante esses três anos burocráticos. O que sobrou de melhor desse tempo foi a nossa amizade. Você saiu daquela chatice federal com um romance denso de substância humana e poética.

– *Qual é o seu personagem mais importante? O meu é sempre do livro que eu esteja escrevendo no momento.*

– O primeiro vulto que me vem à mente é o do Capitão Rodrigo. Depois penso em Floriano, meu sósia espiritual. Mas não me decido a escolher. Prefiro dizer que os meus personagens mais importantes são as mulheres de *O tempo e o vento*, como Bibiana e Maria Valéria.

– *Os críticos, ao que ouvi dizer, acham você pouco profundo. Que me diz disso?*

– Lembro-me de um escritor francês que costumava dizer que *un pot de chambre est aussi profond*. Mas, falando sério, concordo com os críticos: não sou profundo. Espero que me desculpem.

– *Quando foi, Érico, que você começou a escrever? E motivado pelo quê?*

– Em menino, na escola, eu fazia "primorosas" redações. Grau dez. Foi ainda em Cruz Alta, atrás dum balcão de farmácia, que escrevi o primeiro conto. Por quê? Não sei. Aí me lembro que naquele tempo eu ainda pensava que podia ser pintor (acabo de comprar uma caixa de tintas. Pintores do Brasil, alerta!). Meu primeiro livro de histórias – *Fantoches* – ainda leva a marca de minhas leituras da época: Oscar Wilde, Bernard Shaw e o infalível Anatole France.

– *Surpreendo-me de nenhum cineasta ter feito um filme baseado em algum de seus livros. Você gostaria de se ver no cinema?*

– Uma companhia argentina filmou *Olhai os lírios do campo* em 1946. *O retrato* foi também transformado num filme, com gente de São Paulo. Nos Estados Uni-

dos, *Noite* foi "deformado" num *teleplay*, com Jason Robbards, Franchot Tone e E. G. Marshall. Medonho! Todos os anos recebo propostas de cineastas que querem filmar *O Continente*. Fica tudo em vagas conversas. Sou péssimo homem de negócios. Detesto discutir contratos e quando discuto saio perdendo.

– Sua fama é enorme, Érico. Se eu fosse famosa assim, teria minha vida particular invadida, e não poderia mais escrever. Como é que você se dá com a fama? Eu soube que o ônibus de turistas em Porto Alegre tem como parte do programa mostrar sua casa.

– É claro que a "fama" tem um lado positivo – a sensação de que a gente se *comunica* com os outros passa a existir para milhares de leitores. Não só como autor, através dos personagens, como também como uma espécie de figura mitológica. É engraçado. Essa história do ônibus me encabula muito. Mas eu cultivo a virtude da paciência. E detesto decepcionar os que me procuram, os que me querem conhecer em carne e osso. Minha casa vive de portas abertas. Há noites em que temos de dez a vinte visitantes inesperados. Todas as semanas recebo dezenas de estudantes que querem entrevistar-me, e a gama vai do curso primário ao universitário. Pessoas com casos sentimentais me procuram para desabafar. Empresto-lhes o ouvido, o olho, e não raro uma afetuosa atenção. Freqüentemente consigo ajudar realmente um ou outro "paciente". E isso me alegra. Mas pelo amor de Deus, Clarice, não pense nem deixe que seus leitores imaginem que eu me levo a sério.

– Érico, qual foi a sua maior alegria como escritor?

– O primeiro livro publicado? O primeiro traduzido? Não sei. Tive e continuo tendo muitas alegrias. Como escritor.

– E como homem, qual foi a sua maior alegria?

– Os filhos. Os netos.

– De onde lhe vem a inspiração para o seu trabalho?

– Tenho pensado muito nisso. Não sei de onde vem isso a que chamamos inspiração por falta de melhor palavra.

– Você entraria na Academia Brasileira de Letras? Muita gente boa termina lá.

– Não. Respeito a Academia, onde vejo muito boa gente. Mas não tenho, nunca tive, a menor vontade de fazer parte da ilustre companhia. Questão de temperamento.

– Você planeja de início a história ou ela vai se fazendo aos poucos? Eu, por exemplo, acho que tenho um vago plano inconsciente que vai desabrochando à medida que trabalho.

– Planejo, mas nunca obedeço rigorosamente ao plano traçado. Os romances (você sabe disso melhor que eu) são *artes* do inconsciente. Por outro lado, estou quase a dizer que me considero mais um artesão do que um artista. E com isto você compreenderá melhor por que a crítica não me considera profundo.

– Você agora percorreu meio mundo com Mafalda. O que foi que mais impressionou você?

– A Mafalda. A capacidade que ela tem de me compreender, ajudar, acompanhar e – de vez em quando – *dirigir*, sem que este teimoso gaúcho serrano dê pela coisa... Herdei de meu avô tropeiro o gosto pelas andanças. Quero sempre ver o que está pela frente. Mafalda tem alma calma no melhor sentido da palavra. Quer logo estabelecer-se, radicar-se. Mas eu a arrasto para dentro de trens, ônibus e aviões, e lá nos vamos. Gosto principalmente dos países latinos da Europa: França, Itália, Espanha, Portugal... Tenho uma fascinação enorme pela área mediterrânea. A Grécia e Israel me encantaram. Vi recentemente a Tchecoslováquia num dos momentos mais belos de sua história. No momento estou preparando um livro de viagens – pessoas e lugares que encontrei, certos momentos inesquecíveis que vivi –

pretexto para falar de pintura, música, paisagens, literatura, problemas humanos, política etc.

– *Agora que publiquei um livro de história para crianças e outro meu vai sair por esses dias, interesso-me em saber o que você pensa da literatura infantil no nosso país.*

– Devo dizer que só a semana passada é que li a história do seu coelhinho. Acho que você usou a linguagem adequada. Foi mesmo uma história contada ao Paulinho (que hoje deve ser um Paulão). Eu gostaria de voltar a escrever para crianças. As nossas crianças precisam livrar-se do *Superman*, do *Batman*. Mas... que histórias poderíamos contar-lhes nesta hora desvairada? Isto é um assunto para discutir. Nossa literatura infantil ainda é muito pobre.

– *Que é que você mais quer no mundo, Érico?*

– Primeiro, gente. A *minha gente*. A minha tribo. Os amigos. E depois vêm – música, livros, quadros, viagens... Não negarei que gosto também de mim mesmo, embora não me admire.

ÉRICO VERISSIMO – O autor de *O tempo e o vento* e *Olhai os lírios do campo* foi convidado para substituir Alceu Amoroso Lima na direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan Americana, em Washington, entre 1953 e 1956. Em companhia da esposa Mafalda e dos filhos Clarissa e Luiz Fernando conviveu com Clarice Lispector e Maury Gurgel Valente. Érico e Mafalda são padrinhos dos filhos de Clarice: Pedro e Paulo Gurgel Valente.

NÉLIDA PIÑON

"Tenho horror à palavra inspiração."

Nélida Piñon é o que se chama de boa profissional, no melhor sentido da expressão. Tem escritório para nele escrever e não se deixa ser interrompida por ninguém enquanto trabalha. Tem horário sempre respeitado. Ela é o contrário de mim: nem escritório tenho, além de ser completamente desorganizada. Nélida parece ter o destino traçado por ela mesma. Disse-me que é competitiva (mas saudavelmente competitiva, acrescento eu) e achou que eu não era competitiva. Como é que dois temperamentos tão diferentes resultam numa amizade tão leal? Tudo o que Nélida conquistou foi por força de um caráter impoluto.

As perguntas foram minhas. Nélida escreveu as respostas. Comecemos, pois:

– *Como é que você se tornou escritora?*

– Eu não dispunha de argumentos, quando me fui fazendo escritora. Invadi o ofício devagar, com medo, sem reconhecer a categoria do material com que lidava, ou dimensionar-lhe os limites. A consciência do ofício, e os encargos morais que o acompanham, você conquista com os anos, com o auxílio sobretudo da paixão, capaz de traduzir o que a lucidez não pode às vezes explicar, porque se desfaz à proximidade da matéria ígnea. Desde o começo, porém, o ser humano ocupou o centro do meu interesse. A possibilidade de narrar para fixar o fugaz, a certeza que a vida humana não se limitava apenas à biografia oficial, ao retrato três por quatro, e que a palavra é valorosamente conotativa, me despertaram a insolência para questionar, a cobiça para desejar o fruto, o rosto, o espelho e, finalmente, o tríptico orgulho, coragem, humildade, para ingressar nesta terra de narradores e junto a eles assumir o compromisso com a vida, a imaginação e a realidade.

– O que você tem a me dizer do seu último livro?

– Filiado à própria rebeldia, o romance *Tebas do meu coração* retrata os circuitos mentais, os rios interiores do pensamento brasileiro. Desde a sua percepção carnavalesca do mundo, a ruptura com quadros prefixados, até o questionamento de um comportamento que se pensou tão perfeito que atingiu a leviandade e tornou-se banal. Prevalecem ali a intemporalidade do tempo, que o leitor coleta e une com graxa, e os personagens que, como Fidalga, Próstatis, Imperatriz, Censata, Ofélia, Iabeshab, têm como meta a extravagância, a distração, a morte divertida, a perfeição, a ambigüidade, a eterna contradição entre massa física e a palavra redundantemente verbalizada.

– Como você vê o fenômeno da chamada vanguarda literária?

– Apesar da vanguarda rivalizar-se com o futuro, abolir o que ficou jungido a um tempo datado, e, por fatalidade, dissolver sua matriz e postulados em próximos movimentos, não a considero um fenômeno. Sempre foi manifestação familiar, uma cunha fincada em todos os tempos, para deflagrar modificações e conceitos. Nos atuais quadros brasileiros, vanguarda para mim é a permanente crítica ao sistema social e lingüístico, que aprisiona o homem a um código bem pensante, e o levou à inconsciência e automatização. É, sobretudo, uma intransigente atitude ética no exercício dos seus meios de expressão.

– Qual o seu modo de escrever? Você tem disciplina e horários certos?

– Até o momento, estive cingida à disciplina. Procurei escalonar uma distribuição horária de modo a obter resultados concretos em relação ao trabalho. Acredito no convívio diário com o mundo verbal, ainda que não se traduza este esforço em mobilizar fisicamente a palavra a cada instante. Quando inicio um livro, trabalho uma média de oito horas diárias, sem me impor-

tar com meu estado de espírito. Descobri que sou cheia de truques, capaz de inventar pretextos que adiem indefinidamente o trabalho já iniciado. Assim, produzo mesmo resfriada, cansada, indiferente, lenta, deslocada do eixo mais ardente da criação. Sob esta decisão, perco respeito pelas minhas idiossincrasias e medo. E cada texto que resulta desta peregrinação em torno de mim mesma, solitária diante da máquina, sujeita-se invariavelmente a seis e sete versões, num trabalho de pinça. *Tebas do meu coração*, por exemplo, exigiu-me 3.600 páginas datilografadas, sete versões. Todo método, porém, é questionável e flexível, serve às conveniências pessoais. Quando eu venha a sentir que a fricção diária com o texto é uma ação impotente e estéril, cederei a novos impulsos e buscarei outras colaborações que beneficiem a valiosa liberdade de criar.

– Eu me considero amadora, porque só escrevo quando tenho vontade. Já passei quase dez anos sem escrever. Você não, é uma profissional no melhor sentido da palavra. Você se sente uma profissional?

– Peço-lhe licença para contestar sua autodefinição. Considero-a uma extraordinária profissional, que ainda não adquiriu consciência do próprio estado. Sua obra é produto sério e regular, diariamente enriquecido por uma sonda introduzida em sua consciência, e pela qual se realiza permanentemente a comunicação entre o mundo e sua matriz de criação. O que talvez a iniba é o trabalho encomendado. Porém, sujeitar-se ao trabalho encomendado não nos habilita à condição profissional. Considero profissional quem está advertido das tentações que cercam o artista, delicadas malhas que o estimulam a liberar textos mal saídos do forno, quentes ainda de imperfeições, voracidade e vaidade. Além de respeitar-se, respeitar o público, o profissional é constantemente exacerbado pela aguda consciência da função social do seu trabalho, que se destina basicamente a acentuar contradições, fixar a mitologia humana. Em

princípio, todo escritor brasileiro é tratado como amador, porque seu esforço operacional não se traduz em lucro. Invadem-lhe a consciência para que perca o orgulho, e jamais abandone o estágio adolescente que é próprio do amadorismo. Sou profissional, sim, Clarice. Luto por esta condição, e não abdico de tudo que isto implica.

– *Você acredita na inspiração ou na disciplina?*

– Tenho horror à palavra inspiração, que me recorda indolência, adiamento, olhar fechado, um corpo emprestado de onde a consciência foi expulsa. Acredito profundamente na disciplina como uma prática que permite desaguar no trabalho mesmo o que existe de imponderável e dificilmente explicável na criação. Por mais que se presida um texto, existem nele elementos que nos superam, abrigados em nossas fendas pessoais, no inconsciente e na mitologia coletivos, no ar que se traga. Não me descuido do irracional, que também é uma dádiva, um conhecimento sempre atualizado. Não me desfaço do que me chega à porta para fecundar-me, ainda que eu lhe ceda a casa e a organização dos móveis. Talvez pudéssemos estabelecer o princípio de que o esforço e o produto da colheita são resultantes da disciplina. Porém a força que libera a semente a germinar (e que maravilhosa contrafação) resulta de um favorecimento poético que alguns criadores guardam em si como constante reserva.

– *Você tem, antes de escrever, tudo já planejado?*

– Aparentemente o livro é produto do caos, você pesca em suas águas o que lhe apraz. Organizar o caos resulta de opção moral do criador. A definição do tempo narrativo, a ocupação espacial que a escritura exige, as moléculas metafóricas vertidas em imagens ou em personagens, são liberdades que cabem ao escritor executar. O texto se faz narrar oriundo de formas inventadas. Preencher o vazio entre texto concebido e texto se fazendo é uma das versões que o artista tem do próprio livro. Meus textos mais consistentes surgiram de planos esta-

belecidos antes de ser deflagrado o trabalho da criação. Mas que não ganham existência medular, apesar do repertório de definições estruturais e técnicas, enquanto eu não alcance a temperatura com que extrair a linguagem do limbo, para dar-lhe tensão narrativa. Meu texto é basicamente provisório, uma vez que ao remetê-lo a nova versão, ganha ele dimensões mais profundas. Cada versão é uma máscara abatida em direção ao rosto verdadeiro. E não evito as intrusões armadas diante de mim, e de que lanço mão para enriquecer o texto. É então o novo ponto de vista do próprio texto consubstanciando os outros pontos de vista já registrados no texto. O texto gera fatalmente um outro texto interiorizado nele mesmo. Podíamos dizer que dentro do livro há um outro livro em expectativa, cabendo ao autor uni-los afinal em um só volume, e merecendo tantas leituras quanto aquelas destinadas a vários livros de diferentes autores.

– *Quais foram suas dificuldades como escritora? Você é compreendida?*

– Não, não sou compreendida. Mas também não estou segura se podemos ser compreendidos em tempo útil. O tempo é hábil em devorar seu próprio vôo, para que não se desenhe o modo como ele se esgota. Sei, porém, que é praxe do tempo escoar detritos, ortodoxias, ídolos, teorias, a tudo submetendo a revisões. E, além do mais, o código de hoje torna-se redação escolar em cinco anos. Sofre deslocamentos de terra, e abandona sua posição de terreno pirambeiro.

– *Alguém influenciou você no começo de sua carreira?*

– Todos nós resultamos de vertentes complexas, desaguando num oceano onde é difícil catalogar fauna e flora. É impossível detectar influências, mas antes repetir como São Paulo: "A gregos e romanos, a antigos e a modernos, a todos sou devedor".

– *Você divide poeta de poetisa, literatura feminina de literatura masculina?*

– A linguagem é produto do exercício do poder, que entre nós é masculino. Estas divisões clássicas estão a serviço da sociedade masculina, responsável pelo ato de nominar "feminina" a produção da mulher de sensibilidade exacerbada, diariamente contrariada e diminuída pela lista de haveres domésticos. Deste modo, mesmo a mulher de escritura "masculina" (máximo de elogio), nada mais fez que adotar o ponto de vista cultural da sociedade masculina, de que se origina. Pensamos segundo cânones masculinos, o que ironicamente determina que mesmo as escritoras pejorativamente chamadas de "femininas" expressem também sentimentos masculinos, ainda que reprimidos, e sejam pois a contrafação daquela literatura. Ignoro como virá a ser uma sociedade cultural realmente contaminada pelo ponto de vista da mulher, após conquistar ela plena e absoluta igualdade. Até o momento, somos uma das regras do decálogo masculino, razão de se tornar ingrata a tarefa de defender a escritora que escreve como homem, e lamentar a que escreve como mulher. Seria uma injustiça e terrível luta de classe.

– Você é feminista? O que é que reivindica para a mulher brasileira?

– O feminismo é uma conseqüência da minha condição de mulher. Quanto mais habilito-me a interpretar o mundo, melhor compreendo a necessidade de se conquistar uma identidade, que unicamente uma consciência ativa e alerta nos pode conferir. Sou naturalmente feminista, e aspiro para a mulher, independentemente desenvolvida, capaz de integrar-se ao centro das decisões, de que esteve sempre excluída, e ajudar a tornar possível e melhor a vida comunitária dos nossos tempos.

– Você se considera uma escritora difícil?

– Não sou uma escritora que injeta anestesia nos círculos mentais do leitor. Exijo que ele participe do meu esforço em criar formas novas, todos nós integrados na

aventura de ampliar e enriquecer o repertório humano. Acredito porém que a possível distância entre escritor e leitor é provisória. Uma breve defasagem que se elimina à medida que o texto é descosido e se insere à linguagem e necessidade do leitor sempre em desenvolvimento. Não se pode esquecer que o artista é um veloz andarilho no tempo, com propriedade de antecipar-se à sua época, razão de dever aguardar que o leitor dirija-se ao seu texto e o interprete.

NÉLIDA PIÑON – Conviveu intensamente com Clarice durante duas décadas e acompanhou de perto a sua trajetória. A autora de *A doce canção de Caetana* e *Vozes do deserto* foi laureada com o Prêmio Príncipe de Astúrias das Letras de 2005. A primeira mulher que exerceu a presidência da Academia Brasileira de Letras.

FERREIRA GULLAR

De volta para o Brasil, o poeta Ferreira Gullar encontra os cariocas mais agitados, mais apressados, como se não soubessem o que vai acontecer no minuto seguinte.

Sou fervente admiradora de Ferreira Gullar, desde os tempos de *A luta corporal* até esse escandalosamente belíssimo *Poema sujo*. Nossos mútuos contatos se fizeram no tempo da primeira revista *Senhor*, para a qual nós dois escrevíamos. Mas eu tinha um pouco de medo dele, parecia-me que, com seu extraordinário poder verbal, eu seria aniquilada. Éramos um pouco distantes um do outro, e eu desconfiava que ele rejeitava a minha "literatura". Mas o que fazer? Nada, senão continuar a gostar do que ele escrevia e escreve. Nesta entrevista, ele me assegurou que a desconfiança antiga era errada. Aleluia! Ele esteve em minha casa. Verifiquei que, praticamente, não mudou, tem o rosto como que talhado em madeira. Madeira sensível, madeira-de-lei. É pessoa extremamente simpática e com ar de bondade.

– *Há quanto tempo você não vinha ao Brasil?*

– Há cinco anos e oito meses. Voltei no dia 10 de março deste ano.

– *Que diferenças você notou entre o Rio de antes e o de agora?*

– O de hoje me parece mais frenético do que o de antes. É uma impressão um tanto subjetiva, de uma pessoa que apenas acaba de chegar. Sinto isso no comportamento das pessoas e no próprio aspecto da cidade, que parece mais um canteiro de obras. As pessoas estão mais agitadas, mais apressadas – como se não soubessem o que vai acontecer no minuto seguinte. Não há um ponto da cidade onde eu chegue e não veja buracos, terra e pedras, tudo amontoado e, às vezes, como se ali estivesse para sempre. Outra coisa que noto também é o distanciamento maior entre as classes sociais. Eu, que não tenho carro e que ando de ônibus, percebo que os

usuários desses veículos são quase exclusivamente pessoas muito modestas. As outras devem estar no seu próprio carro. É uma sensação um pouco parecida com a que eu sentia em Lima, no Peru, onde o contraste social é enorme.

– *O mesmo eu senti na Colômbia, Gullar, onde havia multimilionários e o resto era completamente abandonado por todos, inclusive pelo governo. Lá a miséria é maior do que no Brasil, porque, com o frio, tudo piora.*

– É claro, o clima do Brasil é uma das sortes nossas, Clarice.

– *Você tem reencontrado aqui os seus grandes amigos?*

– Claro, e esta é uma das grandes alegrias da volta. Mas alguns desapareceram para sempre, como Leo Vitor, o Vianinha e Paulo Pontes.

– *Você já foi ao Maranhão, depois que voltou?*

– Não, no momento não tenho condições para ver minha terra natal. Aqui me aguardavam problemas muito graves de família que exigem solução urgente e minha total dedicação. Mas, assim que eu puder, irei a São Luís para rever minha mãe, meus irmãos e minha cidade.

– *Olhe, Gullar, no* Poema sujo *você me fez sentir uma criança diante de uma selva ou de um altíssimo monumento. E quando você falou em "noites envenenadas de jasmim" – pois bem, senti-me de volta a Recife, que é a minha terra.*

– É, suponho que o jasmim é algo muito forte. Assim o senti em Valparaíso, quando tomei um susto em relação ao intenso perfume dessa flor. Também então eu fui transportado de novo à minha cidade e infância. Em Lima, perto da casa onde morava, havia um muro, de onde se debruçava um jasmineiro.

– *Em que cidades você morou, durante seu tempo de exílio?*

– A maior parte do tempo na América Latina, mas estive também em Paris e Roma. Depois morei em Santiago do Chile, Lima e Buenos Aires.

– *Como é que você se sustentava nesses lugares?*

– Como a maior parte do tempo eu vivi sem a família, não necessitava de muito dinheiro para me manter. Escrevi para revistas brasileiras e dei aulas de português. Eventualmente, fazia palestras sobre arte e literatura brasileiras.

– *Você encontrou aqui, na sua volta, facilidade de arranjar um bom emprego?*

– Durante todo o tempo de minha ausência, me mantive profissionalmente vinculado ao jornal *O Estado de S. Paulo*, onde eu fora redator desde 1962. Ao voltar, o diretor da sucursal do *Estado*, Villas Boas, que me recebeu no aeroporto, foi logo dizendo: "Como é? Amanhã você já estará na redação." Bem, no dia seguinte não, mas na semana seguinte recomecei a trabalhar.

– *Qual a sua função no* Estadão*?*

– Sou copidesque, isto é, reescrevo o que os outros escrevem.

– *Marques Rebelo me disse uma vez que reescrever era mais simples que escrever. Quanto a mim, Gullar, eu discordo, pois minhas frases já vêm prontas. Em você, como se processa o ato criador? Você reescreve?*

– Não, só me sento para escrever quando sinto que a coisa está praticamente pronta dentro de mim. Depois que escrevo, faço, como você, eventualmente, algumas emendas, mas é só.

– *Gullar, vou lhe fazer uma pergunta muito difícil que eu mesma não saberia como responder. É o seguinte: como nasce, em você, o poema, a palavra escrita?*

– Em mim o poema quase sempre é provocado por um choque emocional qualquer. Por exemplo, quando escrevi o poema sobre o Vietnã, a coisa se deu do seguinte modo: eu acordei, comecei a ler o jornal com suas tremendas notícias sobre a guerra. À porta de minha casa havia uma feira. Quando vi aquelas pessoas se dirigindo para as suas casas, com as cestas carregadas de verduras e

frutas, deu-se o choque. Eu pensei: se fosse no Vietnã aquela senhora poderia encontrar a sua casa em chamas. Eu próprio havia marcado para sair de férias, um mês depois. Pensei: num país em guerra deve ser impossível planejar a vida, marcar férias, ir ao cinema, tudo pode ser desfeito de um momento para o outro. É a insegurança total. O choque emocional já por si provoca as palavras, eu em geral não me preocupo em escolhê-las, elas jorram.

– *Glauber Rocha disse que o* Poema sujo *é o ponto culminante do concretismo. Qual é a sua opinião?*

– O *Poema sujo* não tem nada a ver com o concretismo. Eu mesmo nunca fiz concretismo, já que meus poemas, naquela época, destoavam da concepção ortodoxa dos paulistas que lançaram o movimento. As coisas que escrevia, então, davam continuidade à minha própria experiência, onde já havia a utilização dos elementos visuais. O *Poema sujo* incorpora toda a minha experiência formal e, no aspecto gráfico, se liga ao neoconcretismo. Conversando posteriormente com Glauber, soube que ele nessa frase, usando a expressão *concretismo*, incluía a poesia *neoconcreta.*

– *Sua poesia passou por sucessivas etapas, verdadeiras rupturas com as fases anteriores, e há quem diga que seu último poema rompe com tudo o que você fez antes. Como explica isso?*

– As rupturas são aparentes, ou melhor, de superfície. Sempre fiz literatura como um modo de entender a vida e a mim mesmo. A vida muda, eu mudo, as formas de expressão refletem essas mudanças. O *Poema sujo* rompe com certa rigidez, a que a própria prática de escrever vai submetendo o escritor, este poema é mais livre, é sobretudo um reencontro comigo mesmo.

– *O* Poema sujo *é um poema de exílio?*

– Não somente. Acredito que a condição de exilado penetra todo o poema e deve ter sido uma de suas moti-

vações. Mas creio que o poema vai além disso – ele é uma tentativa de dizer tudo como se depois dele eu fosse morrer. O que ele significa exatamente, eu não sei.

– *Você está escrevendo atualmente algum poema?*

– Não. Em 1975 escrevi um curto poema sobre a arquitetura de Oscar Niemeyer. Mas é praticamente inédito pois só foi publicado uma vez numa revista especializada de arquitetura.

– *Ah, se você soubesse de cor esse poema desconhecido, nós, que gostamos tanto de você e de Oscar, ficaríamos muito contentes...*

– Sei de cor, chama-se "Lições de arquitetura":

No ombro do planeta (em Caracas)
Oscar depositou para sempre uma ave uma flor
ele não faz de pedra nossas casas
faz de asas.
No coração de Argel sofrida
fez aterrissar uma tarde uma nave estelar
e linda
como ainda há de ser a vida
(Com seu traço futuro Oscar nos ensina que o
sonho é popular)
Nos ensina a sonhar
mesmo se lidamos com matéria dura
o ferro o cimento a fome
da humana arquitetura
Nos ensina a viver
no que ele transfigura
no açúcar da pedra
no sonho do ovo
na argila da aurora
na pluma da neve
na alvura do novo
Oscar nos ensina
que a beleza é leve.

– *É uma beleza, Gullar, digna de Oscar. E o que é que você gostaria de ter escrito e não escreveu?*

– Um poema capaz de abarcar toda a história sofrida e obscura da gente brasileira.

FERREIRA GULLAR – O poeta de *Poema sujo* e *Muitas vozes* foi um dos criadores do neoconcretismo. Membro do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC) e um dos fundadores do Grupo Opinião. Em março de 1977 voltou do exílio. Nesta ocasião concedeu uma entrevista à Clarice Lispector para a revista *Fatos & Fotos*.

MILLÔR FERNANDES

"No fundo, sou um atleta frustrado."

Não vou apresentar Millôr: quem o conhece sabe que eu teria que escrever várias páginas para apresentar uma figura tão variada em atividades e talentos. Somos amigos de longa data. Nossa entrevista decorreu fácil, sem incidentes de incompreensão. Havia confiança mútua.

– *Como vai você, Millôr, profundamente falando?*

– Vou profundamente, como sempre. Não sei viver de outro modo. Pago o preço.

– *Às vezes o preço é alto demais, Millôr. Como é que lhe veio a idéia de arquitetar* O homem do princípio ao fim, *que é um grande e comovente espetáculo? Eu, por exemplo, o veria de novo.*

– Foi a pedido dessa extraordinária amiga que é Fernanda Montenegro. Como eu já tinha escrito um espetáculo basicamente político, *Liberdade, liberdade* (com Flávio Rangel), resolvi não me repetir e me fixei num ponto de vista humanístico que é a qualidade essencial daquele meu trabalho.

– *Que é que você me diz de sua experiência como ator?*

– Sensacional e inútil. Sensacional por causa da segurança que se ganha ao perceber uma possibilidade total de comunicação, e isso é emocionante. Inútil porque não tenho nada a fazer com o resultado dessa experiência. A comunicação que busco é toda outra, íntima e definitiva.

– *Millôr, você já sentiu com toda a humildade a centelha de uma coisa que uns chamam de gênio, mas não é gênio, é bastante comum: é uma visão instantânea das coisas do mundo como na realidade são?*

– Se é isso que chamam de gênio, então está para mim. Só vejo isso. Tenho mesmo a impressão de que nada do que vejo é comum. A mim me faltam todas as

noções das coisas do mundo tal como ele é. Mas essa espécie de lucidez de que você fala, a lucidez do absurdo, essa eu tenho no meio da maior paixão. Creio mesmo que um dia vou estourar de lucidez, isto é, ficar louco.

– *Conte-me algo de sua infância.*

– Dura! Dura! Linda! Linda! O Méier, naquela época, era praticamente rural. Eu aprendi a nadar em um pântano, cheio de rãs. Aprendi a amar num quintal fazendo bonecos de tabatinga junto com as meninas. Essa infância durou até os dez anos. Aí, um dia, na morte de minha mãe, chorando horas embaixo de uma cama, eu consegui a paz da descrença. Aos dez anos, pois é.

– *De que modo lhe vem a inspiração, Millôr? Você sente que vem de seu inconsciente?*

– Creio que exatamente de todos os modos. Mas não penso que seja *precisamente* inconsciente. Mesmo quando parece inconsciente acho que o núcleo da inspiração é uma vivência qualquer (imagem, som, dor, angústia) antes arquivada e de repente, por qualquer motivo (também exterior), ressuscitada. Mas meu caso é muito especial: não sou um escritor, sou um profissional de escrever.

Falamos sobre várias personalidades; em seguida perguntei-lhe:

– *Quais os homens que você mais admira e por quê?*

– Vou limitar a pergunta, no tempo e no espaço. E prefiro assim ter a coragem de escolher um homem de meu tempo e de meu espaço. Vinícius de Moraes. Pelo muito que somos iguais, pelo imenso que nos separa, eu elejo o poetinha como o dono de uma visão da vida essencial.

De conversa puxa conversa, passamos, não sei como, a falar da morte.

– *Como é que você encara o problema da morte? A morte é um problema para você?*

– Acho o problema da morte fascinante (talvez porque eu não a sinta perto de mim). Gostaria mesmo de

morrer já para, sem trocadilho, viver essa experiência. Desde que me fosse dado, depois, voltar apenas para contar como foi.

Voltamos a falar da vida e sobre o que mais nos importava.

– *O que é que mais importa na vida?*

– A relação humana. O amor. A paixão, nisso incluída. Também, ou sobretudo, as paixões *condenadas*, de homem com homem e mulher com mulher. Como sou aquilo que a sociedade chama de *saudável e normal*, as paixões *anormais* merecem o meu maior respeito.

– *Se você não fosse escritor, o que seria?*

– Um atleta. Eu sou, fundamentalmente, um atleta frustrado. Aliás, essa é a única frustração que me ficou de uma pré-juventude (de dez a 17 anos) excessivamente dura.

– *Em matéria de escrever, você sente, na sua trajetória, um progresso?*

– Acho que sim. Sobretudo se comparar o início com a fase atual, o que não é vantagem porque eu comecei a escrever em jornal aos 13 anos de idade. Só um debilóide não teria progredido. De qualquer forma, continuo tentando me renovar sempre, num gosto por buscar formas e visões novas, que ainda não perdi.

– *E, em matéria de vida, de maneira de viver, você sente um progresso que vem da experiência?*

– Acho que sim. Mas será que os outros acham? Nada me surpreende mais, por exemplo, do que ouvir dizer que sou *agressivo*. Porque eu me sinto a flor da ternura humana. Mas será que sou? De qualquer forma, há dentro da minha mais profunda consciência a certeza de que o gênio do ser humano está na bondade. Isso eu procuro.

Concordei com ele sobre a bondade.

– *Também eu a procuro com humildade e ao mesmo tempo com veemência. Millôr, você ainda faz hai-kai? (Hai-*

kai é um estilo poético popular japonês, aparecido há mais ou menos quatro séculos.)

– Posso fazer. Vou fazer dois:

Você pode crer
O pior cego
É o que quer ver.

Esta é a verdade
Eu sou um homem
De minha idade.

MILLÔR FERNANDES – Autor de grandes sucessos do teatro brasileiro: *Liberdade, liberdade* e *É...* O escritor, desenhista e tradutor colaborou nas principais revistas e jornais do país, foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*. Como Clarice, colaborou no semanário *O comício*, onde a escritora assinou uma coluna feminina sob o pseudônimo de Teresa Quadros.

HÉLIO PELLEGRINO

"Se não sei perder, não ganho nada e terei sempre as mãos vazias."

Escolhi Hélio Pellegrino para um diálogo perfeitamente possível sobretudo porque eu o considero um dos seres humanos mais completos que conheço.

Qual é o traço marcante de Hélio? A tolerância, digamos, e um amor que ele distribui quase sem sentir, amor no sentido de amizade. Mas nem por isso ele é um "bonzinho": pelo contrário, é firme como ele só, e capaz de entrar em violentas discussões e agregar-se ao que for importante. Com todo o seu temperamento, é no entanto capaz de julgar uma situação com grande isenção de espírito ou fazer uma crítica literária de muita agudez. Como poeta, é ótimo também. E – felizmente – não se trata de uma pessoa perfeita. É mais uma pessoa se aperfeiçoando dia a dia. É bom estar com Hélio Pellegrino: a gente se sente compreendido, sente-se alegre porque ele é um ser humano profundo. Rir com ele é ótimo, e chorar perto dele também deve dar certo, imagino. Quando estou com Hélio eu me sinto valorizada como pessoa. Perguntei ao dr. Ivã Ribeiro, psicanalista como Hélio, e trabalhando em salas contíguas, o que achava de meu entrevistado. Disse: "Custou-me e ainda custa desaprender e resistir ao fácil ofício de fazer frases. Com o tempo me convenci de que a frase pode transformar coisas vivíssimas em bichos empalhados. Além disso, a pessoa de Pellegrino não são suas opiniões mas quem ele é e procura incessantemente a cada hora vir a ser. Quase não convivemos, quase não nos freqüentamos, mas nunca ele é ausente para mim e espero que eu nunca seja para ele".

– *Hélio, é bom viver, não é? É, pelo menos, a impressão de que você me dá.*

– Viver – essa difícil alegria. Viver é jogo, é risco. Quem joga.pode ganhar ou perder. O começo da sabedoria consiste em aceitarmos que *perder também faz parte do jogo*. Quando isso acontece, ganhamos alguma coisa de extremamente precioso: *ganhamos nossa possibilidade de ganhar*. Se sei perder, sei ganhar. Se não sei perder, não ganho nada, e terei sempre as mãos vazias. Quem não sabe perder, acumula ferrugem nos olhos e se torna cego

– cego de rancor. Quando a gente chega a aceitar, com verdadeira e profunda humildade, as regras do jogo existencial, viver se torna mais do que bom – se torna fascinante. Viver bem é consumir-se, é queimar os carvões do tempo que nos constitui. Somos feitos de tempo, e isso significa: somos passagem, movimento sem trégua, finitude. A quota de eternidade que nos cabe está encravada no tempo. É preciso garimpá-la, com incessante coragem, para que o gosto do seu ouro possa fulgir em nosso lábio. Se assim acontece, somos alegres e bons, e a nossa vida tem sentido.

– Por que você escreve esporadicamente e não assume de uma vez por todas o seu papel de escritor e criador?

– Poderia driblar a sua pergunta, respondendo com uma meia-verdade – escrevo menos esporadicamente do que publico. Mas esta seria uma saída falsa, e não quero ser falso. Escrever e criar constituem, para mim, uma experiência radical de nascimento. A gente, no fundo, tem medo de nascer, pois nascer é saber-se vivo e – como tal – exposto à morte. Escrevo mais do que devo para – quem sabe? – manter a ilusão de que tenho um tempo longo pela frente. A meu favor, posso dizer a você que, com freqüência, agarro-me pelas orelhas e me ponho ao trabalho. Há umas coisas valiosas nas quais acredito, com muita força. Preciso dizê-las e vou dizê-las.

– Diga qual é a sua fórmula de vida. Eu queria imitar.

– Há, no *Diário íntimo* de Kafka, um pequeno trecho ao qual gostaria de permanecer para sempre fiel, fazendo dele a minha fórmula de vida: "Há dois pecados humanos capitais, dos quais todos os outros decorrem: a impaciência e a preguiça. Por causa de sua impaciência, foi o homem expulso do Paraíso. Por causa de sua preguiça, não retornou a ele. Talvez não exista senão um pecado capital, a impaciência. Por causa da impaciência, foi o homem expulso, por causa dela não consegue voltar. Tenhamos paciência – uma longa, interminável paciência – e tudo nos será dado por acréscimo."

– Como encara sua profissão, Hélio?

– A psicanálise é, para mim, a ciência da liberdade humana. Quem fala em liberdade humana fala sempre em comunicação e encontro. A psicanálise é, portanto, a ciência da comunicação e do encontro. O trabalho psicanalítico visa à construção de um encontro entre duas liberdades. Isto significa que a psicanálise visa ao encontro entre duas pessoas, já que o centro da pessoa é liberdade. Não há liberdade sem abertura ao Outro, sem *consentimento* na existência do Outro como tal e enquanto tal. Os distúrbios emocionais podem ser conceituados em termos de limitações ou distorções nessa abertura, implicando uma perda de disponibilidade com respeito ao Outro. Se minhas ansiedades básicas exigem de mim que faça do Outro um instrumento de meu esquema de segurança, já não posso aceitar o Outro como um fim em si mesmo – isto é, em sua essência de ser-outro. Vou inventá-lo à imagem e semelhança de meus temores, torno-me o eixo de referência ao qual o Outro deve referir-se e submeter-se. A psicanálise, sendo um longo convívio humano antiautoritário, é um chamamento à liberdade e à originalidade do paciente e do analista, para que ambos assumam a alegria da comunicação autêntica.

– Como se desintoxicam os padres nos confessionários, depois de receberem tantas e tantas confidências?

– Receber confidências, esforçando-se por compreendê-las, é um exercício de amor. O amor é, a meu ver, o grande desintoxicante, o antídoto mais poderoso contra os venenos da alma. O padre, no confessionário, na medida que não se torna um burocrata, encontra na própria atividade que exerce o alimento para sua renovação espiritual e psicológica. Não são as confidências que intoxicam. O que faz mal é o tédio, o desinteresse, a ausência de simpatia, a cegueira ao Outro.

– Você quereria ter outras vidas? Era o meu sonho ter várias. Numa eu seria só mãe, em outra vida eu só escreveria, em outra eu só amava.

– Sou um homem de muitos amores – isto é, de muitos interesses – e para tão longos amores, tão curta é a vida. Não há ninguém que consiga, no tempo de uma vida, esgotar todas as suas possibilidades. Se me fossem dadas outras e outras vidas, gostaria de ser: a) filósofo profissional; b) romancista; c) marido de Clarice Lispector, a quem me dedicaria com veludosa e insone dedicação; d) chofer de caminhão; e) morador em Resende, apaixonado por uma moça triste, debruçada à janela de uma casa, saída de um quadro de Volpi; f) seresteiro, poeta, cantor, com a música de Chico Buarque.

– Hélio, diga-me agora, qual é a coisa mais importante do mundo?

– A coisa mais importante do mundo é a possibilidade de ser-com-o-outro, na calma, cálida e intensa mutalidade do amor. O Outro é o que importa, antes e acima de tudo. Por mediação dele, na medida em que o recebo em sua graça, conquisto para mim a graça de existir. É esta fonte da verdadeira generosidade e do entusiasmo – Deus comigo. O amor genuíno ao Outro me leva à intuição do todo e me compele à luta pela justiça e pela transformação do mundo.

– Qual a coisa mais importante para uma pessoa, como indivíduo?

– Pessoa e indivíduo, sem estarem em oposição, constituem, no entanto, uma polaridade dialética. O indivíduo, em processo de individuação, se personaliza. E, na medida que o faz, transcende sua dimensão individual, insere-se num todo comunitário onde o indivíduo se perde, para que a pessoa possa ganhar-se. Creio que a coisa mais importante para uma pessoa, como indivíduo, é morrer em si o indivíduo para que a pessoa possa nascer e desenvolver-se. Na pessoa, o indivíduo morre para renascer em nível mais alto, já não como indivíduo, mas como um ser que – repartido – se torna capaz de compartilhar, esquecendo-se de si.

– *Que é o amor?*

– Amor é surpresa, susto esplêndido – descoberta do mundo. Amor é dom, demasia, presente. Dou-me ao Outro e, aberto à sua alteridade, por mediação dele, recebo dele o dom de mim, a graça de existir, por ter-me dado.

– *Hélio, uma vez um dos meus filhos, quando tinha sete anos, me perguntou como se chamava uma pessoa que não acreditava em Deus, mas amava Deus. Pergunto: quem é Deus?*

– Toda criança é, por excelência, um ser capaz de admirar-se. Por isso, toda criança é capaz do autêntico filosofar. A questão que o seu filho propôs, aos sete anos, justificaria um longo ensaio teológico. Vamos, porém, à sua pergunta: Deus é o Ser em si mesmo, fundamento de todos os entes, abismo insondável de cujas profundezas todos os entes brotam. Deus é a raiz última de todas as coisas. A glória, a graça e o solene mistério de todas as coisas decorrem da presença do sagrado nelas – sinal ontológico de sua proveniência. Qualquer experiência de profundidade é, a meu ver, uma experiência autenticamente religiosa – conhecimento de Deus – embora a ela possa não corresponder uma profissão de fé teísta.

– *Hélio, você é analista e me conhece. Diga – sem elogios – quem sou eu, já que você me disse quem é você. Eu preciso conhecer o homem e a mulher.*

– Você, Clarice, é uma pessoa com uma dramática vocação de integridade e de totalidade. Você busca, apaixonadamente, o seu *self* – centro nuclear de confluência e de irradiação de força – e esta tarefa a consome e faz sofrer. Você procura casar, dentro de você, luz e sombra; dia e noite, sol e lua. Quando o conseguir – e este é trabalho de uma vida –, descobrirá, em você, o masculino e o feminino, o côncavo e o convexo, o verso e o anverso, o tempo e a eternidade, o finito e a infinitude, o *Yang* e o *Yin*; na harmonia do Tao – totalidade –. Você, então, conhecerá homem e mulher – eu e você: nós.

HÉLIO PELLEGRINO – Escritor e psicanalista. Integrante do grupo que ficou conhecido como "Os 4 mineiros", formado por Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino foi o último a conhecer Clarice Lispector, no casamento de Otto Lara Resende. Porta-voz dos intelectuais, respeitado pelos estudantes durante a ditadura militar participou e discursou na Passeata dos Cem Mil, que contou com a presença de Clarice Lispector. Publicou *A burrice do demônio.*

ANTÔNIO CALLADO

Antônio Callado considera a autocensura uma obra-prima de desfaçatez. Por isso, em seu último romance ele deixa os fatos falarem por si mesmo. Que fatos? A época dos seqüestros de embaixadores.

Antônio Callado é o que se chama de homem de bem. Tanto na literatura como no caráter. Não sei se ele se dá conta de seu brilho. Tem a humildade dos grandes. Conhecemo-nos há anos e anos e sempre com estima mútua. Há tempos que tenho vontade de entrevistar a esse tipo britânico. Antes de tudo pergunto-lhe se tem alguma coisa a declarar.

A pergunta é tão abrangente que, saindo em primeiro lugar, representa a entrevista inteira.

– Eu tenho, Clarice, muito a declarar, mas acho melhor não ficarmos num plano tão arriscado. Vamos começar por um livro meu, que você está lendo, e que acaba de sair: *Reflexos do baile.* Ele se segue a dois romances meus – *Quarup* e *Bar Don Juan* – que procuram retratar a vida contemporânea do Brasil. *Reflexos do baile* é estilisticamente diferente dos outros dois. Como o livro procura retratar o Rio do tempo dos seqüestros de embaixadores, e como esse tempo foi dos mais surrealistas, procurei me ausentar do livro o mais possível, de maneira a deixar que a época dos seqüestros seja a protagonista. As pessoas envolvidas se comunicam por meio de cartas, bilhetes, trechos de diário, como se esses papéis escritos tivessem sido encontrados e arrumados pelo autor. O autor, portanto, esconde-se. Não narra, não conta nada. Cada personagem fala por si. Dois dos embaixadores, o americano e o inglês, se comunicam em sua própria língua, entrando aí o autor apenas como tradutor do que dizem os dois. Como você vê, o livro procura deixar a cidade do Rio viver e respirar sozinha, refletindo uma época de sua vida que foi, no meu modo de ver, a coisa mais original que já presenciei. E não esqueça que eu estive em Londres durante os bombardeios, em Paris quando se fez a paz em 1945 e no Vietnã durante a guerra, em 1968.

– *Quantos livros já escreveu?*

– Muitos, jornalismo, teatro, romance. Do jornalismo eu destacaria uma reportagem que fiz na selva do

Xingu, em 1951, em busca dos pretensos ossos do explorador inglês Fawcett, lá desaparecido em 1925. Esta primeira viagem que fiz ao Xingu e as várias outras que empreendi depois à mesma região, me serviram muito quando escrevi *Quarup*, que por sinal, em 77, faz dez anos de publicado. Destacaria ainda duas que fiz em Pernambuco, uma série com Julião e outra com Miguel Arraes, e a série que fiz no Vietnã. Em matéria de teatro vamos ficar no *Pedro Mico*, uma comédia de favela que meu inesquecível amigo Paulo Pontes pretendia transformar em musical, com sambas de Chico Buarque. Romances, fiz *Assunção de Salviano*, *A madona de cedro* e os três que já mencionei.

– Quarup *é sucesso até hoje. Sabe por quê?*

– Tenho a impressão de que o livro, em forma de painel, abrangendo de certa forma o Brasil que, como no livro de Skidmore, vai de Getúlio a Castelo, preenche uma devoradora curiosidade dos brasileiros. Sentir tal época, das cidades do litoral ao interior, concentrada em personagens de ficção e personagens históricos, é uma espécie de história de família. Interessa de forma muito generalizada. Que há dez anos esteja sendo lido e lido agora pelos jovens, é fato que muito me anima.

– *É bom viver, apesar de tudo?*

– Sim, acho que sim. E aí está o testemunho dos que muito sofreram e sempre amaram a vida. Você de certo se lembra – acho que é no *Crime e castigo* – quando Dostoievski diz que o homem, mesmo sozinho, num rochedo perdido num mar sem vida, ainda quer esta vida. Por muito que, de vez em quando, a gente duvide do esforço que faz e imagine quase inúteis os sonhos que sonha, mesmo então a compulsão de viver vence tudo. Estou certo de que você concorda comigo. O cético ou é cético de brincadeira ou é infeliz demais para me causar alguma inveja.

– *Você prefere o livro ou o jornal?*

– Prefiro o livro, por ser uma criação mais completa, mas acho que o jornal é um veículo da maior importância – desde que os tempos não sejam de repressão e censura. O jornal fica perigosamente falso quando existe censura e, mais ainda, quando vinga e cresce a filhinha torta da censura, que é a autocensura. A autocensura é uma obra-prima de desfaçatez. Até por vaidade, os que escrevem sob o ditado da autocensura fingem que ela não existe. Passam, então, a colaboracionistas da censura. Jornal sem liberdade é uma tristeza sem remédio.

– *Existe uma corrente que afirma que a literatura não importa mais, por causa dos outros meios de comunicação. Fernando Sabino acha que a literatura morreu e eu acho que não. E você?*

– Bastariam os seus livros para me convencer de que a literatura está viva, ainda que por vezes apenas pressentida, feito uma *Maçã no escuro*. E *Deixa o Alfredo falar*, Clarice, que eu garanto que ele próprio continua acreditando na literatura.

– *Por que não reedita o seu livro sobre Portinari?*

– Vai sair uma segunda edição desse livro dos anos 50. Aí se encontrarão o autor do *Retrato de Portinari* e o jornalista. Vou acrescentar ao livro outras coisas que escrevi sobre Candinho em jornais, inclusive uma longa reportagem que fiz sobre os funerais do meu grande amigo.

– *Quais são suas relações com Deus?*

– Com Deus, só foram íntimas na minha infância. Mas confesso a você que nunca o exorcizei completamente. Quando menino, de vez em quando, eu tinha uma dúvida de que ele pudesse não existir. Hoje, de vez em quando, tenho uma vaga suspeita de que talvez exista, afinal de contas. Acho que só apuro isto quando morrer. Desisti de especular.

– *E semente dá inspiração?*

– Ela ocorre sim, mas apenas no estágio inicial de uma obra. Esta semente creio que é real. Agora, de-

senvolvê-la, ver que cresça, este é o problema. Estou me lembrando de uma definição de como fazer uma obra de arte: é preciso dez por cento de inspiração e 90% de transpiração.

– *Existe um Antônio Callado ou mais de um?*

– Acho que a gente sente de vez em quando forças insuspeitadas, como se fossem outros Antônios pedindo passagem. Com o passar do tempo, alguns acabam conquistando lugar permanente, inclusive em detrimento de outros, como se o espaço interior também sofresse de pressão demográfica. Desconfio que há mais de um, sim.

– *O jornalismo ajudou ou prejudicou a profissão de escritor?*

– Acho que ajudou. Sobretudo a partir do momento em que um jornalista consegue escolher as matérias que deseja fazer. A partir daí, pode até ajudar muito. De qualquer forma, não acho que o jornalismo em si atrapalhe nenhum escritor. O que atrapalha é o tempo dedicado a qualquer outro trabalho que não seja o de escritor.

– *Diga alguma coisa de esperança.*

– Existe uma esperança que é arraigada na gente que independe de fatores externos. Quanto aos fatores externos do momento, ao redor da gente, deixemos a conversa para outro dia.

ANTÔNIO CALLADO – O autor de *Quarup* e *Reflexos do baile* transitou em diferentes gêneros literários, no teatro, no romance, sempre com brilhantismo. Sua reportagem sobre o Vietnã do Norte entrou para a história do jornalismo brasileiro. Foi companheiro de redação de Clarice na Agência Nacional, na década de 40, quando ela ingressou no jornalismo.

ENTREVISTA RELÂMPAGO COM PABLO NERUDA

Cheguei à porta do edifício de apartamentos onde mora Rubem Braga e onde Pablo Neruda e sua esposa Matilde se hospedavam – cheguei à porta exatamente quando o carro parava e retiravam a grande bagagem dos visitantes. O que fez Rubem dizer: "É grande a bagagem literária do poeta". Ao que o poeta retrucou: "Minha bagagem literária deve pesar uns dois ou três quilos".

Neruda é extremamente simpático, sobretudo quando usa o seu boné ("tenho poucos cabelos, mas muitos bonés", disse). Não brinca porém em serviço: disse-me que se me desse a entrevista naquela noite mesma só responderia a três perguntas, mas se no dia seguinte de manhã eu quisesse falar com ele, responderia a maior número. E pediu para ver as perguntas que eu iria fazer. Inteiramente sem confiança em mim mesma, dei-lhe a página onde anotara as perguntas, esperando só Deus sabe o quê. Mas o quê foi um conforto. Disse-me que eram muito boas e que me esperaria no dia seguinte. Saí com alívio no coração porque estava adiada a minha timidez em fazer perguntas. Mas sou uma tímida ousada e é assim que tenho vivido, o que, se me traz dissabores, tem-me trazido também alguma recompensa. Quem sofre de timidez ousada entenderá o que quero dizer.

Antes de reproduzir o diálogo, um breve esboço sobre sua carga literária. Publicou *Crepusculário* quando tinha 19 anos. Um ano depois publicava *Vinte poemas de amor e Uma canção desesperada*, que até hoje é gravado, reeditado, lido e amado. Em seguida escreveu *Residência na terra*, que reúne poemas de 1925 a 1931, em fase surrealista. *A terceira residência*, com poemas até 1945, é um intermediário com uma parte da Espanha no coração, onde é chorada a morte de Lorca, e a guerra civil em geral que o tocou profundamente e despertou-o para os problemas políticos e sociais. Em 1950, *Canto geral*, tentativa de reunir todos os problemas políticos, éticos e sociais da América Latina. Em 1954: *Odes elementares*, em que o estilo fica mais sóbrio, buscando simplicidade maior, e onde se encontra, por exemplo, "Ode à cebola". Em 1956, novas odes elementares que ele descobre nos temas elementares que não tinham sido tocados. Em 1957, *Terceiro livro das odes*, continuando na mesma linha. A partir de 1958, publica *Estravagario, navegações e regressos, Cem sonetos de amor, Cantos cerimoniais* e *Memorial de Isla Negra.*

No dia seguinte de manhã, fui vê-lo. Já havia respondido às minhas perguntas, infelizmente: pois, a partir de uma resposta, é sempre ou quase sempre provocada outra pergunta, às vezes aquela a que se queria chegar. As respostas eram sucintas. Tão frustrador receber resposta curta a uma pergunta longa.

Contei-lhe sobre a minha timidez em pedir entrevistas, ao que ele respondeu: "Que tolice!"

Perguntei-lhe de qual de seus livros ele mais gostava e por quê. Respondeu-me:

– Tu sabes bem que tudo o que fazemos nos agrada porque somos nós – tu e eu – que o fizemos.

– *Você se considera mais um poeta chileno ou da América Latina?*

– Poeta local do Chile, provinciano da América Latina.

– *O que é angústia?* – indaguei-lhe.

– Sou feliz – foi a resposta.

– *Escrever melhora a angústia de viver?*

– Sim, naturalmente. Trabalhar em teu ofício, se amas teu ofício, é celestial. Senão é infernal.

– *Quem é Deus?*

– Todos algumas vezes. Nada, sempre.

– *Como é que você descreve um ser humano o mais completo possível?*

– Político, poético. Físico.

– *Como é uma mulher bonita para você?*

– Feita de muitas mulheres.

– *Escreva aqui o seu poema predileto, pelo menos predileto neste exato momento.*

– Estou escrevendo. Você pode esperar por mim dez anos?

– *Em que lugar gostaria de viver, se não vivesse no Chile?*

– Acredite-me tolo ou patriótico, mas eu há algum tempo escrevi em um poema:

Se tivesse que nascer mil vezes.
Ali quero nascer.

Se tivesse que morrer mil vezes.
Ali quero morrer...

– *Qual foi a maior alegria que teve pelo fato de escrever?*

– Ler minha poesia e ser ouvido em lugares desolados: no deserto aos mineiros do norte do Chile, no Estreito de Magalhães aos tosquiadores de ovelha, num galpão com cheiro de lã suja, suor e solidão.

– *Em você o que precede a criação, é a angústia ou um estado de graça?*

– Não conheço bem esses sentimentos. Mas não me creia insensível.

– *Diga alguma coisa que me surpreenda.*

– 748.

(E eu realmente surpreendi-me, não esperava uma harmonia de números).

– *Você está a par da poesia brasileira? Quem é que você prefere na nossa poesia?*

– Admiro Drummond, Vinícius e aquele grande poeta católico, *claudelino*, Jorge de Lima. Não conheço os mais jovens e só chego a Paulo Mendes Campos e Geir Campos. O poema que me agrada é o "Defunto", de Pedro Nava. Sempre o leio em voz alta aos meus amigos, em todos os lugares.

– *Que acha da literatura engajada?*

– Toda literatura é engajada.

– *Qual de seus livros você mais gosta?*

– O próximo.

– *A que você atribui o fato de que os seus leitores acham você o "vulcão da América Latina"?*

– Não sabia disso, talvez eles não conheçam os vulcões.

– *Qual é o seu poema mais recente?*

– "Fim do mundo". Trata do século XX.

– *Como se processa em você a criação?*

– Com papel e tinta. Pelo menos essa é a minha receita.

– *A crítica constrói?*

– Para os outros, não para o criador.

– *Você já fez algum poema de encomenda? Se o fez faça um agora, mesmo que seja bem curto.*

– Muitos. São os melhores. Este é um poema.

– *O nome Neruda foi casual ou inspirado em Jan Neruda, poeta da liberdade tcheca?*

– Ninguém conseguiu até agora averiguá-lo.

– *Qual é a coisa mais importante no mundo?*

– Tratar de que o mundo seja digno para todas as vidas humanas, não só para algumas.

– *O que é que você mais deseja para você mesmo como indivíduo?*

– Depende da hora do dia.

– *O que é amor? Qualquer tipo de amor.*

– A melhor definição seria: o amor é o amor.

– *Você já sofreu muito por amor?*

– Estou disposto a sofrer mais.

– *Quanto tempo gostaria você de ficar no Brasil?*

– Um ano, mas depende de meus trabalhos.

E assim terminou uma entrevista com Pablo Neruda. Antes falasse ele mais. Eu poderia prolongá-la quase que indefinidamente, mesmo recebendo como resposta uma única seta de resposta. Mas era a primeira entrevista que ele dava no dia seguinte à sua chegada, e sei quanto uma entrevista pode ser cansativa. Espontaneamente, deu-me um livro. *Cem sonetos de amor*. E depois de meu nome, na dedicatória, assinou: "De seu amigo Pablo". Eu também sinto que ele poderia se tornar meu amigo, se as circunstâncias facilitassem. Na contracapa do livro diz: "Um todo manifestado com uma espécie de sensualidade casta e pagã: o amor como uma vocação do homem e a poesia como sua tarefa".

Eis um retrato de corpo inteiro de Pablo Neruda nestas últimas frases.

PABLO NERUDA – Poeta chileno. Um dos mais importantes poetas da língua espanhola no século XX.

Sua poesia sempre esteve antenada com as questões políticas e sociais de seu tempo. Obteve o Prêmio Nobel de Literatura de 1971. Postumamente foram publicadas suas memórias com o título *Confesso que vivi.*

MARLY DE OLIVEIRA

Uma poeta mulher

Eu mesma não sei como consegui quebrar o pudor que Marly de Oliveira tem de aparecer em público. E nem todos talvez saibam quem ela é. Eu vou vos apresentá-la com grande alegria: trata-se de um dos maiores expoentes de nossa atual geração de poetas, que é uma geração rica em poesia. É muito jovem, mas quando ainda mais jovem, já era professora de língua e literatura italianas e de literatura hispano-americana, na PUC, na Faculdade Católica de Petrópolis, e na Faculdade Católica de Friburgo, o que a obrigava a viagens cansativas semanais. Com o seu terceiro livro, *A suave pantera*, ganhou o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Com o primeiro livro, *Cerco da primavera*, ganhou o prémio do Instituto Nacional do Livro. Alceu Amoroso Lima, Walmir Ayala, José Guilherme Merquior, Antônio Houaiss e outros escreveram sobre Marly. E em Roma um dos maiores poetas italianos escreveu sobre ela: Ungaretti. Por que o grande público brasileiro não a conhece bastante? Porque compram-se menos livros de poesia, porque Marly é modesta a ponto de me espantar que chegue a permitir a publicação de seus livros. Acontece, porém, que há um ciclo fatal no escritor: depois da gestação, como um filho que tem que nascer, a obra é publicada. São fases diversas, mas assim acontece mesmo com as pessoas que menos fazem "autopromoção". Basta, porém, ler Marly de Oliveira para admirá-la, respeitá-la e, o que é tão importante, amá-la. Pessoalmente é muito bonita, com bastos cabelos negros e olhos castanhos, e voz feita para amar adultos e ninar crianças. Marly é casada com um diplomata, Lauro Moreira, e tem uma filhinha chamada Mônica.

Como se não soubesse, perguntei-lhe: quantos livros mesmo você publicou?

– Até agora cinco. O primeiro se intitula *Cerco da primavera* e foi escrito quando eu era ainda aluna da Faculdade de Letras. O segundo, *Explicação de Narciso*, acabei em Roma, onde estava com bolsa de estudos. O terceiro, *A suave pantera*, foi inspirado em você, Clarice, porque você tem a suavidade e a possibilidade de violência de uma pantera. O quarto e o quinto foram reunidos num só volume: *O sangue na veia* e *A vida natural*.

– O que quer atingir a sua geração ao escrever?

– De um modo geral acho que o que se pretende cada vez mais é tomar consciência de alguma coisa, talvez da realidade mesma que nos circunda. Isso é o que tenho podido observar ao meu redor: pessoas empenhadas em trabalhar, em descobrir, em inventar, em despertar. Vejo, sobretudo, uma vontade de sacudir o leitor, de convidá-lo a participar.

– Eu, escrevendo, acho que poesia no fundo é a mesma coisa que prosa, embora usem formas diversas. Que acha você, Marly?

– Também acho, porque ambas significam uma forma de criação "pela" palavra, "com" a palavra, e "apesar" da palavra.

– Você sente afinidade com a sua geração de escritores, ou é uma questão apenas cronológica?

– Bem, se tomamos um conceito amplo de geração, que abarque todas as pessoas que escrevem no momento, deixando de lado apenas as que já tem uma obra realmente pronta, sinto que não afino muito com os que são intencionalmente vanguardistas, os preconizadores de uma espécie de coletivização e industrialização da poesia. Sinto que me identifico muito mais com aqueles que atingem a renovação apenas porque conseguem ver de um modo novo o que é antigo.

– Marly, para você, qual é a coisa mais importante do mundo?

– Seria viver – e morrer – sem ter medo.

– E qual a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?

– Para mim, essa pergunta tem uma resposta que me parece definitiva e foi dada por você mesma em *A Paixão segundo G.H.*, quando começam as reflexões sobre a despersonalização.

– E o que é o amor?

– Sabe que eu escrevi 47 poemas tentando defini-lo e não consegui. Foi em *O sangue na veia*. Posso, entretanto, citar um deles:

Uma gema que fosse toda fria,
mas na aparência, e toda quente por dentro
e que tivesse a lisa superfície
do que se usa com grande atrevimento,
mas no íntimo; uma gema toda calma,
quase uma água esse fogo nos doendo,
um silêncio que fosse uma cascata,
mas do que o próprio fogo fosse o centro
e de que o próprio fogo fosse a água.
Assim o amor, assim o que se espalha
e não se entorna, e vive do que vive,
e é móvel e capaz de ter limite;
assim o que se adestra e se dilata
como o sangue na veia, e é todo livre.

– Você está casada, e casada com diplomata, e tem uma menina. Como você pretende ser esposa, mulher de diplomata, mãe e poeta ao mesmo tempo?

– Eu, sim, é que gostaria de saber como você, que era tudo isto, conseguia escrever, pois, tendo-se casado tão jovem, quase toda a sua obra foi escrita depois.

– Você acha que um dia escreveria ficção, além de crítica e poemas?

– Acho que não. Tenho quase que a certeza de que não, pois se tivesse talento para ficção já a teria tentado antes, de algum modo. Não acredito muito na simples deliberação de um dia fazer determinada coisa. O que se vai fazer quase que existia antes, você não acha? Sob a forma talvez de um impulso, uma inclinação, um quê indefinível, mas que de alguma forma se registra.

MARLY DE OLIVEIRA – Poeta. Autora de ensaios sobre *A maçã no escuro*, *A Paixão segundo G.H.* e *A cidade sitiada*. Divulgou a obra de Clarice Lispector na América Latina e Europa, no período em que residiu nestes continentes. Afilhada de casamento de Clarice, seu convívio mais intenso com a escritora deu-se na década de 60. Sua obra mais recente é *O mar de permeio* (1997).

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

"Devemos jogar uma bomba atômica na Academia."

Sou amiga de Carlinhos, ou melhor, de José Carlos Oliveira, há muitos anos. Já vimos muito jogo de futebol na nossa televisão, quando meus filhos eram pequenos. Vou reproduzir uma das muitas conversas nossas.

Quando marquei entrevista com Carlinhos Oliveira jamais pensei que ela se tornaria como que um desafio de viola, o que nos divertiu e nos aguçou: tudo era tão rápido. Esta entrevista está "eivada" (jamais pensei que um dia usaria esta palavra), está eivada de várias palavras oficialmente impublicáveis. No entanto os leitores podem suprir as lacunas com os palavrões que acharem mais convenientes.

– José Carlos Oliveira, vamos fazer uma entrevista ótima no sentido de sincera? Hoje não é o meu melhor dia porque estou muito gripada e triste. Mas mesmo assim, no meio de uma náusea sartriana que não passa de uma gripe nesta sexta-feira de noite, vamos fazer o possível. Quem é você, Carlinhos? (E, por Deus, quem sou eu?) Fora de brincadeira, o mundo está se acabando e nós não estamos fazendo nada e eu estou gripadíssima e de mãos sem força para ajudar os que imploram. Fale. Carlinhos. Fale.

– Eu acho que você é Clarice Lispector. Mas não sei quem eu sou. E o mundo está completamente ****** e sem saída. Mas nem você nem eu temos nada com isso.

– Isso diz você que não tem filhos. Mas todo o mundo, Carlinhos, é meu filho e um filho a salvar. Como é que eu faço com tanto amor e tanta impotência? Não me refiro apenas a meus dois filhos e sim aos filhos dos homens.

– Os filhos dos homens formam a humanidade. Que há quatro (?) milhões de anos são mandados à morte. O problema é deles – quer dizer, nada posso fazer contra isto. Como dizem as crianças: "Tudo é violência e injustiça? Azar, azia, azeite."

– Carlinhos, nós dois escrevemos e não escolhemos propriamente essa função. Mas já que ela nos caiu nos braços, cada palavra nossa devia ser pão de se comer.

– Isso é absurdo. Por exemplo eu digo ******** e ninguém publica. E então estamos condenados a guardar uma língua que é apenas uma coleção de palavras. Nós somos uns idiotas – você e eu. O resto é literatura. E eu agora pergunto: 1) Clarice, por que é que você escreve? 2) Clarice, por que você não escreve?

Acho que Carlinhos, usando palavrão, estava me desafiando, porque esta não costuma ser a minha linguagem: ele pensava que eu recuaria ou a revista cortaria a palavra. Mas se ela é tão importante – ei-la sugerida para a maior glória de Deus. Nosso modo de entrevista estava original: eu escrevia na folha de papel a pergunta e passava-a para Carlinhos; ele lia, respondia também por escrito e me devolvia a página. Fizemos, pois, a entrevista sem sequer uma só palavra pronunciada. Estávamos no restaurante Antonio's, onde Carlinhos ia jantar.

– Respondo às suas duas perguntas: é tarde demais para mim – escrevo porque não posso ficar muda, não escrevo porque sou profundamente muda e perplexa.

– Ora, deixe de frescura!

– Estou falando tão a sério que você não está suportando e sai pelos lados, não me enfrenta.

– Se você está falando muito a sério, Clarice, é que você pensa que falar a sério tem algum valor. Pois bem, eu não acho.

– Então vamos deixar tudo morrer?

– Mesmo que não o fizermos, tudo morrerá!

– Vamos mudar de assunto, pois a gripe está piorando demais para eu agüentar o peso das coisas. Pergunto-lhe agora por que você não escreve um romance.

– Porque não tenho capacidade.

– Você já tentou?

– Todas as pessoas que não compreendem a vida pensam que a vida é feita de sucessos. Essas mesmas pessoas adoram Van Gogh porque ele cortou a orelha; Toulouse-Lautrec porque era anão, Modigliani porque era tuberculoso; Rembrandt porque morreu de fome; James Dean porque morreu na estrada; Marilyn Monroe porque se suicidou. Todas essas pessoas acreditam na posteridade, porque acreditam que são a posteridade. Pois bem: eu ****** na cabeça da posteridade.

Acho que Carlinhos continuava a me desafiar escrevendo na folha de papel expressões que ele próprio não usa nas suas crônicas. Mas a mim tanto se me faz. As palavras não me assustam, nem mesmo as que não fazem parte de meu vocabulário.

– Nós não nos entendemos. Fazer romance não é sucesso, você até parece com aquele que dizia que a literatura era o sorriso da sociedade. Fazer sucesso é chegar ao mais baixo do fracasso, é sem querer cortar a vida em dois e ver o sangue correr. Nós dois, Carlinhos, nos gostamos um do outro, mas falamos palavras diversas.

– Falamos linguagem diversa, é verdade. Eu prefiro ser feliz na rua a "cortar a vida em dois".

– E eu prefiro tudo; entendeu? Não quero perder nada, não quero sequer a escolha. Mas me fale de seus planos, José Carlos.

– Você prefere inclusive ser uma grande escritora. Mas eu renunciei há muito tempo a essa vaidade. Quero comer, beber, fazer amor e morrer. Não me considero responsável pela literatura.

– Nem eu, meu caro. E estou vendo a hora em que começaremos, dentro de toda a amizade, a brigar. Também posso lhe dizer que se viver é beber no Antônio's, isso é pouco para mim. Quero mais porque minha sede é maior que a sua.

– Evidentemente.

– *Eu gosto muito de você, Carlinhos.*

– Mas aqui não estávamos falando de amizade, e sim mostrando que uma escritora como Clarice Lispector, em vez de comer e beber comigo, tem que pensar em entrevistas para poder sobreviver. É por isso que eu digo: devemos jogar uma bomba atômica na Academia Brasileira de Letras.

– *Carlinhos, vamos terminar esta minha tentativa de sobrevivência financeira com alguma coisa que não nos humilhe? Faça uma chave de ouro.*

– Tudo nos humilha. Ninguém acredita em nós. Tudo está certo para eles, mas não nos pedem senão idiotices. Esta é uma chave de ouro. O resto é literatura.

No dia seguinte Carlinhos quis dar outro tipo de entrevista, mas não pude aceitar porque se eu fizer duas entrevistas com cada entrevistado o tempo não rende. Além do mais acho que uma quase briga entre dois amigos não é de se temer. E na amargura de Carlinhos vejo mesmo é a sua bondade profunda e sua revolta de homem de vanguarda.

Bom. Resolvi dar outra oportunidade a Carlinhos porque ele a merece: tinha mostrado apenas parte dele e não um retrato de corpo inteiro. De modo que o desafio de viola continuou e com o mesmo sistema: sem uma palavra dita, só "tocado" na viola do papel. Encontrei-me com ele exatamente quando Carlinhos tinha escrito uma crônica que me deixou emocionadíssima: "Noite em lágrimas". Ele começa assim: "Para que não pensem que deixei de ser um indivíduo, mostrei-me a chorar de noite, eu, por causa das coisas que magoam o homem." Meu gosto seria publicar a crônica inteira. Mas deixo o indivíduo Carlos Oliveira falar e antes lhe digo:

– *Você é um homem e sabe chorar. Por isso também respeito você. Fale, Carlinhos.*

– Por exemplo: não me lembro de uma única palavra escrita nessa crônica: eu que a escrevi há apenas dois

dias. Lembro-me de ter chorado durante horas no restaurante Antonio's. Sou um existencialista, Clarice. Aceito cada momento como se fosse o último. Resultado: sou um drama permanente. A cada minuto consulto o meu coração e ajo em conseqüência.

– Que é, por exemplo, que você está sentindo agora, hoje, em relação ao mundo e às gentes que o povoam e que choram de fome ou solidão?

– Estou sentindo a mesma coisa de sempre, mas atenuada pela experiência concreta. Não gosto de ver amigos meus, há meia hora atrás, sofrendo intensamente... Isso deixa você egoísta, satisfeito com esta pele que pulsa, com a possibilidade inegável de ler *Manchete* quarta-feira que vem...

– Carlinhos, o que vem depois da morte? Por favor não tire a esperança dos que crêem.

– O que vem depois da morte é a vida. Aliás, sempre foi assim. Minha metafísica é carioca: "Entre mortos e feridos, salvaram-se todos."

– Há pouco estivemos falando sobre o melhor modo de morrer e acho que escolhemos o enfarte, que não obriga as pessoas queridas a sofrerem nos hospitais com a gente. Você disse que piloto de provas e jornalistas (portanto escritores) em geral morrem de enfarte. É mesmo verdade? Como seria bom se fosse.

– É verdade, pelo menos nos Estados Unidos, onde a pesquisa foi feita. Mas, já que estamos falando em morte, vamos ser objetivos: Vinícius de Moraes e eu – o poetinha me deu autorização expressa para dizer isso – Vinícius e eu gostaríamos de ser cremados depois que tudo terminasse. O poeta, porque sofre de claustrofobia, e eu porque acho mais higiênico. Entretanto, como só se cremam corpos em São Paulo, temos medo de morrer antes de pegar o avião que nos leve até lá.

– Eu também gostaria de ser cremada depois de morta, eu que já experimentei quase isso em vida. Mas o que fazer com as cinzas minhas? Jogá-las simplesmente fora? Acho que sim,

porque se fossem guardadas iam dar saudade aos meus seres amados.

– Você fala nas 'suas' cinzas, como se o direito de propriedade fosse eterno. Mas eu sou socialista e digo assim: "As cinzas dele são problema de vocês, seus maravilhosos canalhas que continuam vivos!"

– *Esta entrevista pode correr o risco de não terminar nunca. Termine-a você, falando diretamente a mim e a seus leitores.*

– Adeus respeitável público. Acabaram de ouvir dois escritores brasileiros. Duas personalidades diferentes, dois amigos. Comprem os nossos livros, prestem atenção nas nossas vírgulas. Acabaram de ouvir dois escritores brasileiros – a nossa maior prosadora e o nosso maior maluco. Meu Deus, como é difícil terminar uma entrevista! Terminemos assim, à maneira dos inquisidores policiais: "E nada mais declarou nem lhe foi perguntado"...

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA – Seu estilo era um reflexo de seu temperamento, escrevia o que pensava buscando a discussão das idéias: miséria social e moral, hipocrisia, preconceitos e autoritarismo. Foi colaborador do *Jornal do Brasil*, durante as décadas de 60 e 70; da revista *Fatos & Fotos* e *Tribuna da Imprensa.*

PEDRO BLOCH

"Gosto até de quem não gosta de mim."

Fui convidada pela doce Miriam Bloch para almoçar na casa agradabilíssima deles, aceitei contente. E entrevisto Pedro, uma das pessoas mais entrevistáveis que conheço.

– Pedro, você é uma das pessoas de maior coração que já vi. E acho que em todas as bondades entra uma parte de inteligência, senão a bondade não seria eficaz. Quando você julga os outros de um modo tão compreensivo e tão seu, é por bondade estritamente falando, ou por inteligência de descobrir a verdade?

– O que você chama de bondade talvez seja minha sintonia com o mundo. Sou coletivo. Tenho o mundo dentro de mim. Acho que todo ser humano tem uma dimensão universal, única, insubstituível. Por respeito a cada ser humano, em todos os cantos da Terra, e por gostar de gente, gostar de gostar, é que eu encontro em cada indivíduo o reflexo do universo. Desculpe, mas eu gosto até dos que não gostam de mim. Mas gosto dos que gostam.

– Você é um grande médico, teatrólogo famoso: falta-lhe alguma coisa para sentir o homem completo que na verdade você é?

– Não sei se sou grande médico. Sou teatrólogo famoso, porque a estatística o afirma. Mas não sendo grande em nada, ajo como se o fosse. Quando atendo a um paciente, procuro ser o melhor que posso. Quando escrevo uma peça, acredito que estou fazendo a coisa mais importante do mundo. Completo, não. Completo lembra realizado. Realizado é acabado. Acabado é o que não se renova a cada instante da vida e do mundo. Eu vivo me completando nos outros, mas falta um bocado.

– De que modo, Pedro, você reconstruiria o mundo?

– Começaria por me reconstruir. O mundo somos todos nós, responsáveis, um a um, um por um, pelo que fizemos do mundo. Só depois de me reconstruir é que eu me sentiria no direito de reconstruir o mundo.

– Por Deus, como e onde é que você capta tantas coisas maravilhosas ditas pelas crianças?

– E só ter ouvidos de ouvir criança. Confesso a você que tenho a vaidade de ser "o homem das historinhas de crianças". Elas afinam comigo. Tanto que a diferença de idade nem dói. Por isso é que saíram aquelas coisas como "O cor-de-rosa é um vermelho... mas muito devagar", "Coitado do trenzinho do Pão de Açúcar... está pensando que é avião." "O gato morreu... porque o gato saiu do gato e só ficou o corpo do gato." Aprendo com as crianças tudo que os sábios ainda não sabem.

– Você é considerado um papa na reabilitação da voz, dando, inclusive, voz a quem não tem. Como é que você se sente neste trabalho?

– No mundo em que vivemos, de conhecimentos tão vastos e informação tão constante, ninguém é papa em nada. Só mesmo o próprio. Como me sinto? Com uma permanente, grande responsabilidade. E é por isso que eu recomeço a cada dia, às cinco da manhã, estudando, duvidando e procurando aprender com quem sabe mais.

– Além de foniatra, você tem dado cursos para médicos e técnicos. O que levou você a atividades didáticas? A fraternidade humana? A capacidade de dar de si sem avareza? Pioneirismo?

– Ninguém é pioneiro de nada. Houve sempre alguém que fez antes. O problema não é de prioridade. É a gente se encontrar a si mesmo. Eu já disse que a gente só é gente quando a gente é a gente mesmo. Se eu sei... ensino. Se não sei... procuro aprender. Aliás, eu poderia repetir que "eu não ensino... mostro".

– Quantas peças teatrais suas foram levadas ao palco?

– Todas. Quase trinta.

– E quais foram as representadas no exterior?

– Quase todas. Quase trinta. Tive a alegria de saber que uma peça minha, no mesmo dia, era representada em todos os continentes.

– Eu acho que não consegui me realizar como escritora. Você consegue se realizar como teatrólogo?

– Se você diz que não conseguiu se realizar como escritora, sendo a maior escritora do continente, então ninguém se realizou em nada.

– Que acha você do amor?

– Não acho. Amo. Não acho. Achei: Miriam.

– Todos acham – embora sem mover uma palha para isso – que há falta de amor no mundo, amor no seu sentido amplo. A seu ver, é esse ingrediente que faria o mundo se mover em sentido enfim construtivo?

– As pessoas chamam de amor ao amor-próprio. Chamam de amor ao sexo. Chamam ao amor de uma porção de coisas que não são amor. Enquanto a humanidade não definir o amor, enquanto não perceber que o amor é algo que independe da posse, do egocentrismo, da planificação, do medo de perder, da necessidade de ser correspondido, o amor não será amor. O que faz o mundo se mover em sentido construtivo é a verdade. Ainda que provisória. Ainda que seja mais caminho que meta. As palavras afogam tudo: o amor, a verdade, o mundo. Enquanto o homem não marcar um encontro sério consigo mesmo, verá o mundo com prisma deformado e construirá um mundo em que a Lua terá prioridade, um mundo de mais Lua que luar.

– Por que motivo você não escreve uma espécie de memórias, de diário?

– É que eu já reparei que só quando a gente começa a perder a memória é que resolve escrever memórias. Eu

ainda a tenho razoável. Quanto ao meu diário, ele estaria vazio de mim e cheio das pessoas que amo. Por isso prefiro escrever sobre elas, e não o meu diário.

– Pedro, você me parece expansivo, espontâneo. E, no entanto, é um homem também reservado, voltado para dentro de si, no sentido em que você dá aos outros e pouco pede para si. Como é você de verdade?

– Fiz, uma vez, uma receita de viver que acho que me revela. Viver é expandir, é iluminar. Viver é derrubar barreiras entre os homens e o mundo. Compreender. Saber que, muitas vezes, nossa jaula somos nós mesmos, que vivemos polindo as grades em vez de libertar-nos. Procuro descobrir nos outros sua dimensão universal e única. Não podemos viver permanentemente grandes momentos, mas podemos cultivar sua expectativa. A gente só é o que faz aos outros. Somos conseqüência dessa ação. Talvez a coisa mais importante da vida seja não vencer na vida. Não se realizar. O homem deve viver se realizando. O realizado botou ponto final. Tenho um profundo respeito humano. Um enorme respeito à vida. Acredito nos homens. Até nos vigaristas. Procuro desenvolver um sentido de identificação com o resto da humanidade. Não nado em piscina se tenho mar. Gosto de gostar. Todo mundo é perfeito até prova em contrário. Gosto de fazer. Não fazer... me deixa extenuado. Acredito mais na verdade que na bondade. Acho que a verdade é a quintessência da bondade, a bondade a longo prazo. Tenho defeitos, mas procuro esquecê-los a meu modo. "Saber olvidar lo malo también es tener memoria."

– Você acredita em milagre?

– Eu só acredito em milagre. Nada mais miraculosa que a realidade de cada instante. Acredito mais no sobrenatural. O sobrenatural seria o natural mal explicado, se o natural tivesse explicação. Gilberto Amado anotou esta frase minha. Deve ser boa.

– Miriam é a sua companheira ideal, são pássaros do mesmo ninho. Em que mais, além do grande amor, essa criatura acompanha você?

– Não há mérito em amar a Miriam, porque nela encontro todas as mulheres do mundo. Ela me acompanha em tudo. No trabalho – é minha colaboradora melhor, na reabilitação da voz – na vida, em tudo. Ela é tão despida de egoísmo que chega às raias do desumano. Nunca vi de Miriam um gesto, uma palavra, uma atitude que não fosse para o bem dos outros. Quis casar com ela na mesma hora em que a conheci. Mas, agora que a conheço mais gostaria de tornar a casar todos os dias.

– De suas peças, qual levou mais tempo em cartaz?

– Muitas levaram "mais tempo". A recordista, porém, é *As mãos de Eurídice*. *Os pais abstratos* vai pelo mesmo caminho... e é a penúltima. Agora termino *Orfeu espacial* que é a visão do mundo através dos olhos lúcidos e apavorados de uma juventude que ama os astros e os computadores.

– Suas peças são arquitetadas ou você as segue mais ou menos ao sabor do que vai acontecendo?

– Minhas peças são primeiro sofridas, depois escritas e depois arquitetadas. A arquitetura vem em último lugar. Eu só escrevo o que vivi, senti e sofri, na própria pele ou transbordando dentro da corrente humana, mesmo quando meus problemas estão superados. Acho que *Os pais abstratos* reflete o homem de hoje mais do que qualquer peça de protesto. A verdade é sempre o maior protesto.

– Você gosta de você?

– Eu poderia dizer que gosto de todo mundo... até de mim.

PEDRO BLOCH – Pioneiro da foniatria no Brasil escreveu *As mãos de Eurídice,* um dos maiores sucessos teatrais brasileiros. Destacam-se também *Dona Xepa* e *Os pais abstratos.*

– Dr. Alceu, minha alegria foi tão completa ao falar com o senhor ao telefone que mal pude falar. E quando ouvi a sua franca e expansiva expressão de agrado ao me ouvir, aí é que eu senti que estava dando e recebendo, ato humano por excelência. Nem sei o que lhe perguntar, tanto tenho a aprender do senhor. O senhor é o perfeito homem alegre que sofre na carne as dores do mundo. Mas vamos falar em fatos. O que foi debatido de um modo geral, na Comissão Justiça e Paz do Vaticano?

– Por ora, mais problemas de organização interna que de ação exterior. Trata-se, aliás, de uma comissão de *estudiosos*, dos problemas de Justiça e de Paz, Commissio Studiosorum Justitia et Pax e não de ação imediata. Esta caberá às comissões nacionais, já em vias de organização, como entre nós, embora ainda no papel, ou já em função, como na França, nos Estados Unidos, na Holanda, na Alemanha, na Venezuela. A função de todas, inclusive da central em Roma, é procurar, ao mesmo tempo, estudar os problemas concretos de patologia social, no tocante à Justiça e à Paz, e disseminar, nas consciências, nas legislações e na prática social, os princípios consubstanciados nas grandes Encíclicas Sociais, especialmente a *Populorum progressio.*

– Qual é a sua atitude em face do problema das pílulas anticoncepcionais? Gostaria que o senhor se lembrasse de que só os pobres, os que não têm como sustentar filhos, é que mais filhos têm.

– Só confrontando a *Humanae vitae* com a *Casticonnubii*, de 1930, é que podemos ver o passo enorme que a Igreja deu na reta interpretação do problema da fecundidade no casamento. Essa era considerada como o primeiro e principal objetivo da união conjugal. Agora, o

amor e a fidelidade recíprocos é que passam a ser considerados, como devem ser, a principal finalidade do sacramento fundador da família. O princípio da paternidade responsável é resguardado, como se preserva o primado da consciência dos cônjuges na determinação da prole, tal como já fora expressamente afirmado na *Populorum progressio* e o reafirmaram expressamente as conclusões dos encontros das diferentes Conferências Episcopais Nacionais, como a dos bispos franceses, norte-americanos, alemães, holandeses e creio que ingleses. A convocação do sínodo, para o próximo mês de outubro (1969), virá provavelmente explicar alguns pontos ambíguos da Encíclica, levando em conta o resultado dessas reuniões episcopais e da reação encontrada na opinião pública, tendo em vista particularmente problemas de realidade social, como esse que você levanta. Assim como Pio XII, proclamando perfeitamente legítimo, do ponto de vista moral, o parto sem dor, por muito tempo considerado como contrário à lei natural e à lei divina, assim também a paternidade responsável e a regulação racional da fecundidade conjugal são elementos da lei natural tão respeitáveis quanto a própria fecundidade. A lei de Deus, evidentemente, é que cada espécie se multiplique de acordo com sua natureza: os animais, de modo instintivo e quantitativo; os seres humanos, de modo racional e qualitativamente.

– Qual seria, na sua opinião, a solução imediata para o Brasil como país subdesenvolvido?

– O Brasil é, ao mesmo tempo, um país subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento como preferem dizer os que sentem suscetibilidade pela expressão "país subdesenvolvido", e subpovoado. O problema da limitação da natalidade, entre nós, afeta principalmente as classes ricas, que se sentem prejudicadas pela interpretação literal e restritiva da Encíclica, pois a média e a alta burguesia é que a praticam e não o povo. O nosso problema é, acima de tudo, o da *defesa da natalidade*, do

ponto de vista econômico e sanitário. Favorecer a fecundidade instintiva sem criar as condições econômicas e sanitárias para proteger realmente a vida humana é perpetuar situações de injustiça intolerável. Esse amparo à natalidade é que representa problema primacial entre nós, para que não sejamos atingidos por um malthusianismo imposto de fora, pelos que pretendem condicionar os auxílios financeiros a uma política estatal malthusiana, que em hipótese alguma poderemos aceitar.

– Algumas pessoas dizem que submeter-se à psicanálise é tolice, que sai muito mais barato e fácil confessar-se. Para mim é inteiramente óbvio que se trata de campos completamente separados. Qual é a sua opinião?

– Estou de acordo com você. Embora haja entre elas pontos de contato, especialmente no plano rigorosamente psicológico, o que as separa é muito mais do que o que as une. Se não colocarmos a confissão no plano primacialmente sobrenatural, perde todo o seu sentido e torna-se apenas uma psicanálise barata e de má qualidade. Pessoalmente não tenho a menor inclinação pelo processo psicanalítico de tratamento e vejo até os perigos e uma extensão abusiva desses métodos. Devemos, entretanto, colocar o problema no terreno puramente pragmático. Se tem êxito, em determinados casos, nada impede ou antes é necessário que seja aplicado. Só rejeito a generalização. Afrânio Peixoto era um cético, como aliás Miguel Couto, em relação ao abuso de remédios, que em seu tempo prevalecia. Mas dizia, ironicamente: "Tratemos de tomá-los enquanto curam".

– O padre ortodoxo, o pastor protestante e o rabino se casam, sem que percam a fé em Deus e no homem, e sem deixarem de ser um intermediário entre Deus e a criatura humana no seu sofrimento e nas suas raras alegrias. Por que também não se casa o padre católico?

– É um problema de disciplina nos costumes e não de doutrina. Por isso mesmo só foi introduzido na Igreja Católica no século III ou IV e poderá ser alterado a qual-

quer momento. Acredito mesmo que, no futuro, haverá uma distinção entre sacerdotes seculares, não obrigados à regra do celibato, e os monges, que por amor de uma vida mais perfeita se submeterão a ela voluntariamente. Nietzsche, entretanto, afirmava que a maior força da Igreja Católica era o sacerdócio célibe. De qualquer modo, o casamento, em si, nunca será um empecilho substancial à missão sacerdotal de mediação entre Deus e os homens. Assim como o celibato voluntário, especialmente a virgindade, serão sempre formas de elevação moral e de purificação espiritual incomparáveis.

– Alguma vez o senhor já sentiu em conflito suas próprias idéias e as idéias da doutrina católica?

– Só senti a verdadeira liberdade desde que voluntariamente me submeti à Fé católica, depois de um período inicial muito duro. E não há nessa afirmativa nenhum jogo de palavras. O que é preciso é não confundir liberdade com veleidades ou movimentos temperamentais. Nem doutrina católica com interpretações individuais de que podemos livremente discordar. E de que temos mesmo, dentro da Igreja, a mais ampla liberdade de discordar. O próprio Papa, como se sabe, só é infalível dentro de normas rigorosas e em casos expressamente determinados. Embora a sua supremacia episcopal universal seja um elemento essencial para essa mesma liberdade de que desfrutamos dentro da Igreja Católica.

– Sua fé em Deus foi ato de graça ou foi uma lenta aprendizagem?

– Uma longa procura, coroada por um ato de graça. E esta, afinal, é que vale. E que dura.

– O senhor acha que só a prática da religião bastaria para resolver os problemas de reivindicações dos jovens?

– Não. Não se pode dissociar, na vida individual como na vida social, a vida religiosa, propriamente dita, da vida doméstica, cultural, econômica e política. Nem mesmo pode haver uma vida religiosa sadia onde as

vidas política e econômica, cultural e doméstica não estejam organizadas racionalmente.

– Se somos produtos da criação divina, e por Ele controlados, em que consistiria o livre-arbítrio do homem?

– A grandeza do homem está precisamente em ser o único animal que tem o dom de negar a Deus. E, portanto, o mérito de o reconhecer livremente. E o adorar.

– Qual foi a sua atuação nesse congresso de leigos do Vaticano?

– Aprendi a saber melhor o que não sei.

– Qual é a diferença entre um grande líder católico e um santo? Este, por exemplo, teria que fazer voto de pobreza, de castidade e abandonar os prazeres do mundo?

– A santidade está sempre em fazer a vontade de Deus e acima de tudo em saber onde está essa vontade. Eis por que o orgulho e a avareza são obstáculos maiores ao mínimo de santidade, neste mundo, do que qualquer atentado aos votos de pobreza, de castidade ou de renúncia aos prazeres do mundo.

– O senhor já se sentiu alguma vez em estado de graça? Eu, humildemente, já senti mais de uma vez. Morro de saudade de sentir de novo, mas tanto já me foi dado que não exijo mais.

– Cada momento de despreocupação total em relação às coisas humanas é, para mim, um estado de graça. Sinto-o como a presença de Deus, que é sempre inefável e intraduzível, como o Silêncio. Por isso mesmo há dias cheios de graça. E semanas vazias delas. Nunca de tudo, sem dúvida, o essencial é ter sempre as janelas abertas à chegada da Graça, que é sempre imprevista e representa a Inspiração sobrenatural para todos, como esta, no plano da vida natural, é a graça para os poetas ou para os nossos momentos de poesia.

– Como se sente o senhor como professor? Ensinar é mais gratificador do que escrever?

– Sempre gostei muito de ensinar e tenho saudade da cátedra. Mas sempre exerci o ensino como uma forma de criação poética.

– *O senhor se sente perplexo no mundo de hoje?*

– Confesso que não, revoltado, sim, muitas vezes.

– *Como é que o senhor se sentiu ao vivenciar a primeira aproximação do homem à Lua?*

– Não mais do que adolescente, em 1909, estando em Berlim, ao ler nos jornais que Blériot atravessara o canal da Mancha de avião! *Il n'y a que le premier pas qui coûte...*

– *Dr. Alceu, uma vez eu o procurei porque queria aprender do senhor a viver. Eu não sabia e ainda não sei. O senhor me disse coisas altamente emocionantes, que não quero revelar, e disse que eu o procurasse de novo quando precisasse. Pois estou precisando. E queria também que o senhor esclarecesse sobre o que pretendem de mim os meus livros.*

– Você, Clarice, pertence àquela categoria trágica de escritores, que não escrevem propriamente seus livros. *São escritos por eles.* Você é o personagem maior do autor dos seus romances. E bem sabe que esse autor não é deste mundo...

– *Qual a saída para o intelectual no regime subdesenvolvido?*

– Sofrer calado ou protestando sempre.

– *Que me diz da crise da Igreja?*

– A Igreja viveu sempre em estado de crise, isto é, de passagem e de luta. Com a aceleração crescente do ritmo da história humana e seus acontecimentos, também esses estados de crise, isto é, de intensificação ou de anomalia das funções espirituais da Igreja afetam naturalmente os seus órgãos. Tudo isso, porém, é uma prova de vitalidade e não de decadência. E nunca a Igreja esteve tão viva como agora, perseguida em seus missionários e mudando algumas de suas estruturas.

– *E as dissensões entre católicos?*

– É mais uma prova da liberdade de que gozamos dentro da Igreja. Enquanto houver essa tensão entre

conservadores e renovadores, ou, como dizem por aí, entre reacionários e progressistas, e eu pessoalmente me coloco entre esses últimos, é prova da vitalidade da vida católica. O perigo seria se uma dessas vertentes se arvorasse em montanha, tentando dominar a outra e suprimir o convívio dos contrários ou dos diferentes dentro de uma Casa comum, que é o próprio universo. Pois, se não fosse *universal*, a Igreja deixaria de ser católica. Se não houvesse, dentro dela, a liberdade de discordar dentro do respeito recíproco, não haveria unidade de homens livres e sim uniformidade totalitária de robôs.

– *Qual o seu juízo sobre a literatura brasileira de nossos dias?*

– Creio que continuamos a viver no desdobramento da revolução modernista de 1922. Os séculos se sucedem, é verdade, sem se repetirem. É possível que o século XX, portanto, divirja do século XIX, onde houve dois grandes momentos de renovação: a década de 1830 a 40 e a de 1880 a 90. Na primeira, passamos do classicismo ao romantismo; na segunda, deste ao realismo e ao simbolismo. No século XX, houve a revolução literária da década de 1920. Será que a próxima ocorrerá também antes de 1980? Será então a revolução *audiovisualista*, com a passagem da literatura escrita à oral e visual, como em 1920 houve a revolução modernista, com a passagem da escrita lógica à escrita mágica. Como não estarei por aqui em 1980, você me dirá se havia algum fundamento na minha previsão...

– *Tem algum plano de publicações para 1969?*

– Nada de inédito, sem dúvida, alguns projetos de reunião em volume de coisas esparsas, como o segundo volume dos *Estudos literários*, compreendendo as cinco séries de *Estudos*, todos esgotados há muito; um volume de pequenas biografias, *Vidas bem vividas*; a continuação das crônicas semanais de 1967 a 1968, sob o título de *Peripécias da liberdade*; comentários sobre a *Populorum*

progressio, sob esse título; um volume sobre *Violência ou não?*, e um *Adeus à disponibilidade* (1928) e *Outros adeuses*.

– *Qual foi o maior elogio que o senhor recebeu em sua longa vida?*

– Foi guiando automóvel, numa curva difícil da estrada Rio–Petrópolis, chovendo, estrada superlotada, névoa. Fiz uma manobra arriscada e ouvi um dos meus filhos, então pequenos, dizer para o outro: "O velho é *fogo na roupa*..." Mas isso já foi há muito tempo...

ALCEU AMOROSO LIMA – Crítico literário, professor, pensador e líder católico. Adotou o pseudônimo Tristão de Ataíde, ao se tornar crítico em *O Jornal*. Foi diretor do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. Símbolo de intelectual progressista na luta contra os desmandos do regime militar pós-1964.

CHICO BUARQUE OU XICO BUARK

Esta grafia, Xico Buark, foi inventada por Millôr Fernandes, numa noite no Antônio's. Gostei como quando eu brincava com palavras em criança. Quanto ao Chico, apenas sorriu um sorriso duplo: um por achar engraçado, outro mecânico e tristonho de quem foi aniquilado pela fama. Se Xico Buark não combina com a figura pura e um pouco melancólica de Chico, combina com a qualidade que ele tem de deixar os outros o chamarem e ele vir, com a capacidade que tem de sorrir conservando muitas vezes os olhos verdes abertos e sem riso. Ele não é de modo algum um garoto, mas se existisse no reino animal um bicho pensativo e belo e sempre jovem que se chamasse Garoto, Francisco Buarque de Holanda seria da raça montanhesa dos garotos.

Marcamos encontro às quatro horas porque às cinco Chico tinha uma lição de música com Vilma Graça. Há um ano está estudando teoria musical e agora começará com o piano. Estávamos os dois em minha casa e a conversa transcorreu sem desentendimentos, com uma paz de quem enfim volta da rua.

– Você viveu ainda tão pouco que talvez seja prematuro perguntar-lhe se você teve algum momento decisivo na vida e qual foi.

– Eu sou ruim para responder. Na verdade tive muitos momentos decisivos, mas creio que ainda sou moço demais para saber se eram de fato decisivos esses momentos. No final de contas, não sei se eles contaram ou não.

– Tenho a impressão de que você nasceu com a estrela na testa: tudo lhe correu fácil e natural como um riacho de roça. Estou certa se pensei que para você não é muito laborioso criar?

– E não é. Porque às vezes estou procurando criar alguma coisa e durmo pensando nisso, acordo pensando nisso – e nada. Em geral eu canso e desisto. No outro dia a coisa estoura e qualquer pessoa pensaria que era gratui-

ta, nascida naquele momento. Mas essa explosão vem do trabalho anterior inconsciente e aparentemente negativo. E como é seu trabalho?

– Vem às vezes em nebulosa sem que eu possa concretizá-lo de algum modo. Também como você, passo dias ou até anos, meu Deus, esperando. E, quando chega, já vem em forma de inspiração. Eu só trabalho em forma de inspiração.

– Até aí eu entendo, Clarice. Mas a mim, quando a música ou a letra vêm, parece muito mais fácil de concretizar porque é uma coisa pequena. Tenho a impressão de que se me desse idéia de construir uma sinfonia ou um romance, a coisa ia se despedaçar antes de estar completa.

– Mas Chico, aí é que entra o sofrimento do artista: despedaça-se tudo e a gente pensa que a inspiração que passou nunca mais há de vir.

– Se você tem uma idéia para um romance, você sempre pode reduzi-lo a um conto?

– Não é bem assim, mas, se eu falar mais, a entrevistada fica sendo eu. Você, apesar de rapaz que veio de uma grande cidade e de uma família erudita, dá a impressão de que se deslumbrou, deslumbrando os outros com sua fala particular. O que quero dizer é que você, ao ter crescido e adquirido maior maturidade, deslumbrou-se com as próprias capacidades, entrou numa roda-viva e ainda não pôs os pés no chão. Que é que você acha: já se habituou ao sucesso?

– Tenho cara de bobo porque minhas reações são muito lentas, mas sou um vivo. Só que pôr os pés no chão no sentido prático me atrapalha um pouco. Tenho, por exemplo, uma pessoa que me explica o contrato e não consigo prestar atenção a certas coisas. O sucesso faz parte dessas coisas exteriores que não contribuem nada para mim. A gente tem a vaidade da gente, a gente se alegra, mas isso não é importante. Importante é aquele sofrimento com que a gente procura buscar e achar. Hoje, por exemplo, acordei com um sentimento de vazio danado porque ontem terminei um trabalho.

– Eu também me sinto perdida depois que acabo um trabalho mais sério.

– Tenho uma inveja: o meu trabalho de música está exposto a um consumo rápido e eu praticamente não tenho o direito de ficar pensando numa idéia muito tempo.

– Talvez você ainda mude. Como é que Villa-Lobos criava? Seria interessante para você saber.

– Sei alguma coisa. Por exemplo, uma frase dele que Tom Jobim me contou: diz que Villa-Lobos estava um dia trabalhando na casa dele e havia uma balbúrdia danada em volta. Então o Tom perguntou: como é, maestro, isso não atrapalha? Ele respondeu: o ouvido de fora não tem nada a ver com o ouvido de dentro. É isso que eu invejo nele. Gostaria muito de não ter prazo para entrega das músicas, e não fazer sucesso: você gostaria, por exemplo, de sair para a rua e começar a dar autógrafos no meio da rua mesmo?

– Detestaria, Chico. Eu não tenho, nem de longe, o sucesso que você tem, mas mesmo o pequeno que tenho às vezes me perturba o ouvido interno.

– Então estamos quites.

– Todas as mães com filhas em idade de casar consentiriam que casassem com você. De onde vem esse ar de bom rapaz? Acho, pessoalmente, que vem da bondade misturada com bom-humor, melancolia e honestidade. Você também tem o ar de quem é facilmente enganado: é verdade que você é crédulo ou está de olhos abertos para os charlatões?

– Não é que eu seja crédulo, sou é muito preguiçoso.

– O que é que você sentiu quando o maestro Karabtchewsky dirigiu A Banda no Teatro Municipal?

– Claro que gostei, mas o que me interessa mesmo é criar. A intenção de Karabtchewsky foi das melhores, inclusive corajosa. Eu quero ver ainda a coisa se repetir com outros compositores populares.

– *Você foi precoce em outras manifestações da vida? Fale sem modéstia.*

– Não, tudo o que eu fiz como garoto é de algum modo ligado com o que eu faço hoje, isto é, versinhos.

– *Você quer fazer um versinho agora mesmo? Para você se sentir não vigiado, esperarei na copa até você me chamar.*

Chico riu, eu saí, esperei uns minutos até ele me chamar e ambos lemos sorrindo:

Como Clarice pedisse
Um versinho que eu não disse
Me dei mal
Ficou lá dentro esperando
Mas deixou seu olho olhando
Com cara de Juízo Final.

– *A banda lembra música de nossas avós cantarem: tem um ar saudoso e gostoso de se abrir um livro grosso e encontrar dentro uma flor seca que foi guardada exatamente para durar. De onde você tirou essa modinha tão brasileira? Qual a fonte de inspiração?*

– Não sei não, é uma coisa difícil de conscientizar. Lembro da banda mesmo não tendo vivido no interior, mas atrás de minha casa tinha um terreno baldio onde às vezes havia circo, parque de diversões, essas coisas.

– *Vi você na primeira passeata pela liberdade dos estudantes. Que é que você pensa dos estudantes do mundo e do Brasil em particular?*

– No mundo é para mim difícil de falar, mas aqui no Brasil eu sinto em todos os setores um apodrecimento e a impossibilidade de substituição senão por mentalidades completamente jovens e ainda inatingidas por essa podridão. Aqui no Brasil só vejo esta liderança. Um rapaz do *New York Times* entrevistou-me e perguntou: está bem, vocês não querem censura nem repressão nem os métodos arcaicos de educação; mas se vocês ganharem, quem

vai substituir as autoridades? Por incrível que pareça, o mundo político está envolvido por essa decadência e acomodação. E você? Eu também te vi na passeata.

– Fui pelos mesmos motivos que você. Mudando de assunto, Chico, você já experimentou sentir-se em solidão? Ou sua vida tem sido sempre esse brilho tão justificado? Chico, um conselho para você: fique de vez em quando sozinho, senão você será submergido. Até o amor excessivo dos outros pode submergir uma pessoa.

– Também acho e sempre que posso faço a minha retirada.

– Na música chamada clássica, apesar de ela englobar compositores aos quais o classicismo não poderia ser aplicado, nessa música o que você prefere?

– Aí não é questão de preferência, é costume para mim. Tenho sempre à mão um Beethoven.

– Sua família preferia que você seguisse a vocação de outros talentos seus que em aparência, pelo menos, são mais asseguradores de um futuro estável?

– No começo sim. Logo que entrei para a arquitetura, quando comecei a trocar a régua T pelo violão, a coisa parecia vagabundagem. Agora (sorri) acho que já se conformaram.

– Você está compondo agora alguma coisa e com letra sua mesma? Sua letra é linda.

– Estou na fase de procura. Ontem acabei um trabalho que era só de música, que exigia prazo. Para uma canção nova, eu estou sempre disponível.

– No domínio da música popular, quem seria por sua vez o seu ídolo?

– Muitos, e é por isso que é difícil citar.

– Seu pai é um grande pai. Quem mais na sua família eu chamaria de grande, se conhecesse?

– Minha mãe, apesar de ter um metro e cinqüenta e poucos de altura. Eu li muito e papai sempre me estimulava nesse sentido.

– *Qual é a coisa mais importante do mundo?*

– Trabalho e amor.

– *Qual é a coisa mais importante para você, como indivíduo?*

– A liberdade para trabalhar e amar.

– *O que é amor?*

– Não sei definir, e você?

– *Nem eu.*

CHICO BUARQUE – Compositor de clássicos da música popular brasileira como *A banda, Olhos nos olhos* e *Teresinha*. Autor das peças de teatro *Roda viva, Calabar* e *Ópera do malandro*, tem se dedicado também à literatura. Publicou *Estorvo, Benjamin* e *Budapeste*.

"Detesto tudo que oprime o homem, inclusive a gravata."

Mulher, poesia, música

– Vinícius, acho que vamos conversar sobre mulheres, poesia e música. Sobre mulheres porque corre a fama de que você é um grande amante. Sobre poesia porque você é um dos nossos grandes poetas. Sobre música porque você é o nosso menestrel. Vinícius, você amou realmente alguém na vida? Telefonei para uma das mulheres com que você casou, e ela disse que você ama tudo, a tudo você se dá inteiro: a crianças, a mulheres, a amizades. Então me veio a idéia de que você ama o amor, e nele inclui as mulheres.

– Que eu amo o amor é verdade. Mas por esse amor eu compreendo a soma de todos os amores, ou seja, o amor de homem para mulher, de mulher para homem, o amor de mulher por mulher, o amor de homem para homem e o amor de ser humano pela comunidade de seus semelhantes. Eu amo esse amor mas isso não quer dizer que eu não tenha amado as mulheres que tive. Tenho a impressão que, àquelas que amei realmente, me dei todo.

– Acredito, Vinícius. Acredito mesmo. Embora eu também acredite que quando um homem e uma mulher se encontram num amor verdadeiro, a união é sempre renovada, pouco importam as brigas e os desentendimentos: duas pessoas nunca são permanentemente iguais e isso pode criar no mesmo par novos amores.

– É claro, mas eu ainda acho que o amor que constrói para a eternidade é o amor paixão, o mais precário, o mais perigoso, certamente o mais doloroso. Esse amor é o único que tem a dimensão do infinito.

– Você já amou desse modo?

– Eu só tenho amado desse modo.

– Você acaba um caso porque encontra outra mulher ou porque se cansa da primeira?

– Na minha vida tem sido como se uma mulher me depositasse nos braços de outra. Isso talvez porque esse amor paixão pela sua própria intensidade não tem condições de sobreviver. Isso acho que está expresso com felicidade no dístico final do meu soneto "Fidelidade": "que não seja imortal posto que é chama / mas que seja infinito enquanto dure".

– Você sabe que é um ídolo para a juventude? Será que agora que apareceu o Chico, as mocinhas trocaram de ídolo, as mocinhas e os mocinhos?

– Acho que é diferente. A juventude procura em mim o pai amigo, que viveu e que tem uma experiência a transmitir. Chico não, é ídolo mesmo, trata-se de idolatria.

– Você suporta ser ídolo? Eu não suportaria.

– Às vezes fico mal-humorado. Mas uma dessas moças explicou: é que você, Vinícius, vive nas estantes de nossos livros, nas canções que todo mundo canta, na televisão. Você vive conosco, em nossa casa.

– Qual é a artista de cinema que você amaria?

– Marilyn Monroe. Foi um dos seres mais lindos que já nasceram. Se só existisse ela, já justificaria a existência dos Estados Unidos. Eu casaria com ela e certamente não daria certo porque é difícil amar uma mulher tão célebre. Só sou ciumento fisicamente, é o ciúme de bicho, não tenho outro.

– Fale-me sobre sua música.

– Não falo de mim como músico, mas como poeta. Não separo a poesia que está nos livros da que está nas canções.

– Vinícius, você já se sentiu sozinho na vida? Já sentiu algum desamparo?

– Acho que sou um homem bastante sozinho. Ou pelo menos eu tenho um sentimento muito agudo de solidão.

– *Isso explicaria o fato de você amar tanto, Vinícius.*

– O fato de querer me comunicar tanto.

– *Você sabe que admiro muito seus poemas, e, mais do que gostar, eu os amo. O que é a poesia para você?*

– Não sei, eu nunca escrevo poemas abstratos, talvez seja o modo de tornar a realidade mágica aos meus próprios olhos. De envolvê-la com esse tecido que dá uma dimensão mais profunda e conseqüentemente mais bela.

– *Reflita um pouco e me diga qual é a coisa mais importante do mundo, Vinícius?*

– Para mim é a mulher, certamente.

– *Você quer falar sobre sua música? Estou escutando.*

– Dizem, na minha família, que eu cantei antes de falar. E havia uma cançãozinha que eu repetia e que tinha um leve tema de sons. Fui criado no mundo da música, minha mãe e minha avó tocavam piano, eu me lembro de como me machucavam aquelas valsas antigas.

– Meu pai também tocava violão, cresci ouvindo música. Depois a poesia fez o resto.

Fizemos uma pausa. Ele continuou:

– Tenho tanta ternura pela sua mão queimada...

(Emocionei-me e entendi que este homem envolve uma mulher de carinho.) Vinícius disse, tomando um gole de uísque:

– É curioso, a alegria não é um sentimento nem uma atmosfera de vida nada criadora. Eu só sei criar na dor e na tristeza, mesmo que as coisas que resultem sejam alegres. Não me considero uma pessoa negativa, quer dizer, eu não deprimo o ser humano. É por isso que acho que estou vivendo num movimento de equilíbrio infecundo do qual estou tentando me libertar. O paradigma máximo para mim seria: a calma no seio da paixão. Mas realmente não sei se é um ideal humanamente atingível.

– *Como é que você se deu dentro da vida diplomática, você que é o antiformal por excelência, você que é livre por excelência?*

– Acontece que detesto tudo o que oprime o homem, inclusive a gravata. Ora, é notório que o diplomata é um homem que usa gravata. Dentro da diplomacia fiz bons amigos até hoje. Depois houve outro fato: as raízes e o sangue falaram mais alto. Acho muito difícil um homem que não volta ao seu quintal, para chegar ou pelo menos aproximar-se do conhecimento de si mesmo.

– Como pessoa, Vinícius, o que é que desejaria alcançar?

– Eu desejaria alcançar outra coisa. Isso de calma no seio da paixão. Mas desejaria alcançar uma tal capacidade de amar que me pudesse fazer útil aos meus semelhantes.

– Quero lhe pedir um favor: faça um poema agora mesmo. Tenho certeza de que não será banal. Se você quiser, Menestrel, fale o seu poema.

– Meu poema é em duas linhas: você escreve uma palavra em cima e a outra embaixo porque é um verso.

É assim:

Clarice
Lispector

– Acho lindo o teu nome, Clarice.

– Você poderia dizer quais as maiores emoções que já teve? Eu, por exemplo, tive tantas e tantas, boas e péssimas, que não ousaria falar delas.

– Minhas maiores emoções foram ligadas ao amor. O nascimento de filhos, as primeiras posses e os últimos adeuses. Mesmo tendo duas experiências de quase morte – desastre de avião e de carro – mesmo essa experiência de quase morte nem de longe se aproximou dessas emoções de que te falei.

– Você se sente feliz? Essa, Vinícius, é uma pergunta idiota, mas que eu gostaria que você respondesse.

– Se a felicidade existe, eu só sou feliz enquanto me queimo e quando a pessoa se queima não é feliz. A própria felicidade é dolorosa.

Meditamos um pouco, conversamos mais ainda, Vinícius saiu.

Então telefonei para uma das esposas de Vinícius.

– *Como é que você se sente casada com Vinícius?*

Ela respondeu com aquela voz que é um murmúrio de pássaro:

– Muito bem. Ele me dá muito. E mais importante do que isso, ele me ajuda a viver, a conhecer a vida, a gostar das pessoas.

Depois conversei com uma mocinha inteligente:

– A música de Vinícius, disse ela, fala muito de amor e a gente se identifica sempre com ela.

– *Você teria um "caso" com ele?*

– Não, porque apesar de achar Vinícius amorável, eu amo um outro homem. E Vinícius me revela ainda mais que eu amo aquele homem. A música dele faz a gente gostar ainda mais do amor. E "de repente, não mais que de repente", ele se transforma em outro: e é o nosso poetinha como o chamamos.

Eis pois alguns segredos de uma figura humana grande e que vive a todo risco. Porque há grandeza em Vinícius de Moraes.

VINÍCIUS DE MORAES – Poeta, assumiu postos diplomáticos em Los Angeles, Paris e Roma. Tornou-se um dos compositores mais populares da MPB, e um dos integrantes da Bossa Nova. Colaborou com vários jornais e revistas, como articulista e crítico de cinema. Escreveu *Orfeu da Conceição*, que teve montagem teatral em 1956, com cenários de Oscar Niemeyer. Posteriormente transformada em filme (com o título de *Orfeu negro*) pelo diretor francês Marcel Camus, em 1959, foi premiada com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e com o Oscar, em Hollywood, como o melhor filme estrangeiro do ano. Nesse filme acontece seu primeiro trabalho com Tom Jobim. Entre seus parceiros estão Carlos Lyra, Edu Lobo, Francis Hime, Dorival Caymmi, Baden Powell e Toquinho.

TOM JOBIM

"Minhas sinfonias estão inéditas."

Tom Jobim e eu já nos conhecíamos: ele foi o meu padrinho no Primeiro Festival de Escritores, quando foi lançado meu livro *A maçã no escuro*. E ele fazia brincadeiras: segurava o livro na mão e perguntava: quem compra? quem quer comprar? Para este diálogo, marcamos às seis da tarde: às seis e trinta e cinco tocavam a campainha da porta. E era o mesmo Tom que eu conhecia: bonito, simpático, com um ar puro *malgré lui*, com os cabelos um pouco caídos na testa. Um uísque na mesa e começamos quase que imediatamente a entrevista.

– *Como é que você encara o problema da maturidade?*

– Tem um verso do Drummond que diz: "A madureza, esta horrível prenda..." Não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente.

– *Não faz mal, Tom, a gente exige bem.*

– Com a maturidade a gente passa a ter consciência de uma série de coisas que antes não tinha, mesmo os instintos os mais espontâneos passam pelo filtro. A polícia do espaço está presente, essa polícia que é a verdadeira polícia da gente. Tenho notado que a música vem mudando com os meios de divulgação, com a preguiça de se ir ao Teatro Municipal. Quero te fazer esta pergunta, Clarice, a respeito da leitura dos livros, pois hoje em dia estão ouvindo televisão e rádio de pilha, meios inadequados. Tudo o que escrevi de erudito e mais sério fica na gaveta. Que não haja mal-entendido: a música popular considero-a seriíssima. Será que hoje em dia as pessoas estão lendo como eu lia quando garoto, tendo hábito de ir para a cama com um livro antes de dormir? Porque sinto uma espécie de falta de tempo da humanidade – o que vai entrar mesmo é a leitura dinâmica. Que é que você acha?

– *Sofro se isto acontecer, que alguém me leia apenas no método do vira-página dinâmico. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E no entanto o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.*

– Mas aí você está se negando, Clarice!

– *Não, meus livros felizmente para mim não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos no indivíduo. Há quem diga que a literatura e a música vão acabar. Sabe quem disse? Henry Miller. Não sei se ele queria dizer para já ou para daqui a 300 ou 500 anos. Mas eu acho que nunca acabarão.*

Riso feliz de Tom:

– Pois eu, sabe, também acho.

– *Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita são como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal.*

– E mineral também, e vegetal também! (Ele ri.) Acho que sou um músico que acredita em palavras. Li ontem o teu *O búfalo* e a *Imitação da rosa.*

– *Sim, mas é a morte às vezes.*

– A morte não existe, Clarice. Tive uma (uma com agá: huma) experiência que me revelou isto. Assim como também não existe o *eu* nem o *euzinho* nem o *euzão*. Fora essa experiência que não vou contar, temo a morte vinte e quatro horas por dia. A morte do eu, eu te juro, Clarice, porque eu vi.

– *Tem alguma coisa além do eu, Tom?*

– Além de tudo (ri) e vivam os estudantes! Se eu não defender os estudantes, estou desprotegendo meus filhos. Se esse eco do sucesso não nos interessa em vida, muito menos depois da morte. Isso é o que eu chamo de mortalidade.

– *Você acredita na reencarnação, Tom?*

– Não sei. Dizem os hindus que só entende de reencarnação quem tem consciência das várias vidas que viveu. Evidentemente não é meu ponto de vista: se existe reencarnação só pode ser por um despojamento.

Dei-lhe então a epígrafe de um de meus livros: é uma frase de Bernard Berenson, crítico de arte: "Uma vida completa talvez seja aquela que termina em tal identificação com o não-eu que não resta um eu para morrer".

– Isto é muito bonito, é o despojamento. Caí numa armadilha porque sem o eu, eu me neguei. Se nós negamos qualquer passagem de um eu para outro, o que significa reencarnação, então a estamos negando.

– *Não estou entendendo nada do que nós estamos falando, mas faz sentido. Como podemos, Tom, falar do que não entendemos? Vamos ver se na próxima reencarnação nós dois nos encontramos mais cedo. Que é que você acha do fato da liderança do mundo estar hoje na mão dos estudantes?*

– Acho que não podia ser de outra forma e que venham os estudantes. Vladimir sabe disso.

– *A sociedade industrial organiza e despersonaliza demais a vida. Você não acha, Tom, que está reservado aos artistas o papel de preservar a alegria do mundo? Ou a consciência do mundo?*

– Sou contra a arte de consumo. Claro, Clarice, que eu amo o consumo... Mas do momento em que a estandardização de tudo tira a alegria de viver, sou contra a industrialização. Sou a favor do maquinismo que facilita a vida humana, jamais a máquina que domina a espécie humana. Claro, os artistas devem preservar a alegria do mundo. Embora a arte ande tão alienada e só dê tristeza ao mundo. Mas não é culpa da arte porque ela tem o papel de refletir o mundo. Ela reflete e é honesta. Viva Oscar Niemeyer e viva Villa-Lobos! Viva Clarice

Lispector! Viva Antonio Carlos Jobim! A nossa, Clarice, é uma arte que denuncia. Tenho sinfonias e músicas de câmara que não vêm à tona.

– Você não acha que é dever seu o de fazer a música que sua alma pede? Pelas coisas que você disse, suponho que significa que o nosso melhor está dito para as elites?

– Evidentemente que nós, para nos expressarmos, temos que recorrer à linguagem das elites, elites estas que não existem no Brasil... Eis o grande drama de Carlos Drummond de Andrade e Villa-Lobos.

– Para quem você faz música e para quem eu escrevo?

– Acho que não nos foi perguntado nada a respeito, e, desprevenidos, ouvimos no entanto a música e a palavra, sem tê-las realmente aprendido de ninguém. Não nos coube a escolha: você e eu trabalhamos sob uma inspiração. De nossa ingrata argila de que é feito o gesso, ingrata mesmo para conosco. A crítica que eu nos faria, Clarice, nesse confortável apartamento no Leme, é de sermos seres rarefeitos que só se dão em determinadas alturas. A gente devia se dar mais, a toda hora, indiscriminadamente. Hoje quando leio uma partitura de Stravinski ainda mais sinto uma vontade irreprimível de estar com o povo, embora a cultura jogada fora volte pelas janelas – estou roubando C.D.A.

– Por que nós todos somos parte de uma geração quem sabe se fracassada?

– Não concordo absolutamente! – disse Tom.

– É que eu sinto que nós chegamos ao limiar de portas que estavam abertas – e por medo ou pelo que não sei, não atravessamos plenamente essas portas. Que no entanto têm nelas já gravado nosso nome. Cada pessoa tem uma porta com seu nome gravado, Tom, e é só através dela que essa pessoa perdida pode entrar e se achar.

– Batei e abrir-se-vos-á.

– Vou confessar a você, Tom, sem o menor vestígio de mentira: sinto que se eu tivesse tido coragem mesmo, eu já teria atravessado a minha porta, e sem medo de que me chamassem de louca. Porque existe uma nova linguagem, tanto a musical quanto a escrita, e nós dois seríamos os legítimos representantes das portas estreitas que nos pertencem. Em resumo e sem vaidade: estou simplesmente dizendo que nós dois temos uma vocação a cumprir. Como se processa em você a elaboração musical que termina em criação? Estou simplesmente misturando tudo, mas não é culpa minha, Tom, nem sua: é que esta entrevista foi se tornando meio psicodélica.

– A criação musical em mim é compulsória. Os anseios de liberdade nela se manifestam.

– Liberdade interna ou externa?

– A liberdade total. Se como homem fui um pequeno burguês adaptado, como artista me vinguei nas amplidões do amor. Você desculpe, eu não quero mais uísque por causa de minha voracidade, tenho é que beber cerveja porque ela locupleta os grandes vazios da alma. Ou pelo menos impede a embriaguez súbita. Gosto de beber só de vez em quando. Gosto de tomar uma cerveja, mas de estar bêbado não gosto.

(Foi devidamente providenciada a ida da empregada para comprar cerveja.)

– Tom, toda pessoa muito conhecida, como você, é no fundo o grande desconhecido. Qual é a sua face oculta?

– A música. O ambiente era competitivo, e eu teria que matar meu colega e meu irmão para sobreviver. O espetáculo do mundo me soou falso. O piano no quarto escuro me oferecia uma possibilidade de harmonia infinita. Esta é a minha face oculta. A minha fuga, a minha timidez me levaram inadvertidamente, contra a minha vontade, aos holofotes do Carnegie Hall. Sempre fugi do sucesso, Clarice, como o diabo foge da cruz. Sempre quis ser aquele que não vai ao palco. O piano

me oferecia, de volta da praia, um mundo insuspeitado de ampla liberdade – as notas eram todas disponíveis e eu antevi que se abriam os caminhos, que tudo era lícito, e que se poderia ir a qualquer lugar desde que fosse inteiro. Subitamente, sabe, aquilo que se oferece a um menor púbere, que o grande sonho de amor estava lá e que este sonho tão inseguro era seguro, não é, Clarice? Sabe que a flor não sabe que é flor. Eu me perdi e me ganhei, enquanto isso sonhava pela fechadura os seios de minha empregada. Eram lindos os seios dela através do buraco da fechadura.

– *Tom, você seria capaz de improvisar um poema que servisse de letra para uma canção?*

Ele assentiu e, depois de uma pequena pausa, me ditou o que se segue:

Teus olhos verdes são maiores que o mar.
Se um dia eu fosse tão forte quanto você
eu te desprezaria e viveria no espaço.
Ou talvez então eu te amasse.
Ai! que saudades me dá da vida
que nunca tive!

– *Como é que você sente que vai nascer uma canção?*

– As dores do parto são terríveis. Bater com a cabeça na parede, angústia, o desnecessário do necessário, são os sintomas de uma nova música nascendo. Eu gosto mais de uma música quanto menos eu mexo nela. Qualquer resquício de *savoir-faire* me apavora.

– *Tom, Gauguin, que não é meu predileto, disse no entanto uma coisa que não se deve esquecer, por mais dor que ela nos traga. É o seguinte: "Quando tua mão direita estiver hábil, pinta com a esquerda, quando a esquerda ficar hábil, pinta com os pés". Isso responde ao seu terror do* savoir-faire.

– Para mim a habilidade é muito útil mas em última instância a habilidade é inútil. Só a criação satisfaz.

Verdade ou mentira, Clarice, eu prefiro uma forma torta que diga, a uma forma hábil que não diga.

– *Você é quem escolhe os intérpretes? e os colaboradores?*

– Quando posso escolher intérpretes, escolho. Mas a vida veio muito depressa. Gosto de colaborar com quem eu amo, Vinícius, Chico Buarque, João Gilberto, Newton Mendonça, Dolores Duran. E você?

– *Faz parte de minha profissão estar mesmo sempre sozinha, sem colaboradores e intérpretes. Escute, Tom, todas as vezes em que eu acabei de escrever um livro ou um conto, pensei com desespero e com toda a certeza de que nunca mais escreveria nada. Você, que sensação tem quando acaba de dar à luz uma canção?*

– Exatamente o mesmo. Eu sempre penso, Clarice, que morri depois das dores do parto.

– *Vou agora lhe fazer as minhas três perguntas clássicas. Qual é a coisa mais importante do mundo? Qual é a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo? E o que é amor?*

– A coisa mais importante do mundo é o amor. Segunda pergunta: a integridade da alma, mesmo que no exterior ela pareça suja. Quando ela diz que sim, é sim, quando ela diz que não, é não. E durma-se com um barulho desses. Apesar de todos os santos, apesar de todos os dólares. Quanto ao que é o amor, amor é se dar, se dar, se dar. Dar-se não de acordo com o seu eu – muita gente pensa que está se dando e não está dando nada – mas de acordo com o eu do ente amado. Quem não se dá, a si próprio detesta, e a si próprio se castra. Amor sozinho é besteira.

– *Houve algum momento decisivo na sua vida?*

– Só houve momentos decisivos na minha vida. Inclusive ter de ir, aos 36 anos, aos Estados Unidos, por força do Itamarati, eu que gostava já nessa época de pijama listrado, cadeira de balanço de vime, e o céu azul com nuvens esparsas.

– *Muitas vezes, nas criações em qualquer domínio, pode-se notar tese, antítese e síntese. Você sente isso nas canções? Pense.*

– Sinto demais isso. Sou um matemático amoroso, carente de amor e de matemática. Sem forma não há nada. Mesmo no caótico há forma.

– *Quais foram as grandes emoções de sua vida como compositor e na sua vida pessoal?*

– Como compositor nenhuma. Na minha vida pessoal, a descoberta do eu e do não-eu.

– *Qual é o tipo de música brasileira que faz sucesso no exterior?*

– Todos os tipos. O velho mundo, Europa e Estados Unidos estão completamente exauridos de temas, de força, de virilidade. O Brasil, apesar de tudo, é um país de alma extremamente livre. Ele conduz à criação, ele é conivente com os grandes estados de alma.

TOM JOBIM – Compositor, cantor, arranjador e instrumentista é um dos nomes que melhor representam a música brasileira na segunda metade do século XX. Foi um dos destaques do Festival de Bossa Nova do Carnegie Hall, em Nova York, em 1962. No ano seguinte compôs, com Vinícius, um de seus maiores sucessos e possivelmente a música brasileira mais executada no exterior: *Garota de Ipanema*. Gravou com um dos grandes mitos americanos, Frank Sinatra.

ELIS REGINA

"Eu me encontrei tanto nessa coisa de cantar
que jamais pensei em procurar outros caminhos."

Pequenina, de traços delicados, cabelo cortado rente à cabeça, movimentos livres, gesticulando um pouco, com uma inteligência alerta e rápida, facilidade de expressão verbal – eis Elis Regina, pelo menos uma delas.

– Por que você canta, Elis? Só porque tem voz magnífica? Conheço pessoas de ótima voz que não cantam nem no banheiro.

– Sei lá, Clarice, acho que comecei a cantar por uma absoluta e total necessidade de afirmação. Eu me achava um lixo completo, sabia que tinha uma voz boa, como sei, e então essa foi a maneira para a qual fugi do meu complexo de inferioridade. Foi o modo de me fazer notar.

– O que é que você sente antes de enfrentar o público: segurança ou inquietação?

– Inquietação. Sou segura em relação ao que eu vou fazer, mas profundamente inquieta quanto a reação das pessoas que me ouvirão.

– Se você não cantasse, seria uma pessoa triste?

– Seria uma pessoa profundamente frustrada e que estaria buscando uma outra forma de afirmação.

– Qual seria essa outra forma de afirmação?

– Não tenho realmente a menor idéia, porque eu me encontrei tanto nessa coisa de cantar que nunca pensei nisso.

– Você tem um tipo extrovertido. É o natural em você ou você se faz assim a si mesma para não se deprimir, ou seja, fala tudo para não ficar muda*?*

– Sou um ser do tipo sangüíneo que oscila muito. Tenho momentos de extrema alegria e momentos de profunda depressão. Não obedeço a uma agenda: hoje

vou sentir isso, amanhã vou sentir aquilo. Reajo aos acontecimentos à medida em que o ambiente reage sobre mim. Mas como sou hipersensível, as coisas têm às vezes um valor que a maioria das pessoas acha ridículo. Mas eu sou assim mesmo. Por exemplo, às vezes fico furiosa com uma pessoa cujo problema talvez, você contornasse com um simples puxão de orelha. Ao mesmo tempo, tomei agora consciência de que essa não é uma atitude lógica e estou procurando me reestruturar.

– Que é que você tem feito de positivo em matéria de auto-reestruturação?

– Estou fazendo um tratamento genial que é, dizem, modernissimo – reflexologia.

– Em que consiste?

– Parte das descobertas dos reflexos condicionados de Pavlov. No meu caso, está sendo atacada de início a minha taquipsiquia, isto é, minha tendência de pensar mais rápido do que eu mesma posso agir. Portanto, quando as coisas chegam a acontecer, já tomaram proporções monstruosas, não na realidade, mas dentro de minha *cuca.*

– E como é que o médico intervém nesse sistema?

– Primeiro, mostrou que tenho essa tendência e provou que isso era verdade. E está agora me dando condições psíquicas para que eu saiba exatamente o momento em que a aranha da taquipsiquia começa a se movimentar, e como devo jogá-la para fora de casa.

– Você foi considerada má colega. Pelo que tenho lido a seu respeito, me parecera pelo contrário: boa colega. O que é ser má colega?

– Bom, toda a minha vida disseram que fui má colega. Mas, enquanto eu dei quarenta no Ibope tive um programa de televisão na mão e as pessoas puderam se sobressair. Utilizaram-se de todas as vantagens que a artista Elis Regina poderia lhes dar no momento.

Nenhum artista dos que hoje me acusam de má colega deixou de comparecer e usufruir de meu programa e meu sucesso. Então, eu não sei mais quem foi e quem é má colega. Má colega, na minha opinião, é aquela que esconde seus parceiros. Eu, muito pelo contrário, nunca agi assim e fui até criticadíssima porque no meu programa acontecia de tudo, sem que tenha havido uma estrutura prévia. Se eu fosse a déspota que dizem, no meu programa só daria eu. Mas acontece o oposto: quanto mais pessoas estiverem agregadas ao processo, melhor para mim. Seria mais cômodo ter minha gangue, e não trabalhar como trabalhei tanto tempo com gente diferente e de sucesso. Que os meus colegas digam que sou uma pessoa geniosa, dou a mão à palmatória. Mas mau caráter é quem cospe no prato em que comeu.

– *Se você não pisasse no palco, o que faria de sua vida?*

– Não sei. Realmente não tenho a menor idéia.

– *Pense agora então.*

– É que o palco está tão ligado à minha maneira de ser, à minha evolução, aos meus traumas, que eu acho que me separar de um palco é a mesma coisa que castrar um garanhão: ele deixa de ter razão de existir.

– *A vida tem sido boa para você?*

– Muito boa. Acho até que eu tenho mais do que mereço ter. E não estou fazendo demagogia barata: acho mesmo isso.

– *Você já esteve apaixonada? Se esteve, suas interpretações mudaram nesse período?*

– A pessoa apaixonada se comporta completamente diferente em relação a tudo, principalmente sendo sensível como eu sou.

– *É bom estar apaixonada?*

– Bem melhor do que não sentir nada!

– *Você mudou de estilo de cantar. Por exemplo, não usa tanto os braços. Por que a mudança? Para sair da rotina ou porque você ficou mais moderna?*

– A gente vai vivendo – e eu sou uma pessoa que vive intensamente, tirando o máximo de tudo – a gente vai vivendo e modifica-se a cada dia. Juntando-se a isso a pouca idade e maturidade incompleta no meu início de carreira, é absolutamente normal, penso eu, que eu esteja me modificando sempre. Acho que nenhum ser tem o direito de se cristalizar nem os outros têm o direito de exigir isso dele.

– *Como é que você tem recebido os comentários negativos sobre Elis Regina?*

– Procuro antes saber porque a pessoa falou isso. Depois, analiso se existe algum envolvimento pessoal na crítica. Faço a soma, tiro a prova dos nove, e passo a limpo, se for o caso.

– *Quando você está em casa, com o tempo disponível, e põe um disco na vitrola, quem canta nesse disco?*

– Frank Sinatra – respondeu Elis prontamente, sem hesitação.

– *Dizem alguns que o seu* show *é o Miéle. Que é que você acha?*

– Este *show* é um conjunto de coisas. Talvez, mais que Miéle, o *show* seja Bôscoli. Isso no que diz respeito à parte dos bastidores. Agora, em palco, Miéle é o maior artista que já vi trabalhar em cena, além de que tudo o que ele faz é absolutamente natural: ele é assim. Sinto-me profundamente feliz de ter sabido escolher bem, mais uma vez, o meu parceiro de trabalho. Não se deve esquecer também, nas críticas, que eu sou a íntima conhecida de todo o mundo e que o Miéle é que é o novo no espetáculo. Sei que não sou nenhuma novidade. Mas estou feliz que a novidade seja exatamente Miéle, que é meu amigo, meu produtor, meu confidente e uma das poucas pessoas que me restituíram no pouco que lhes dei.

Estava mais ou menos encerrada a entrevista, se bem que esta pudesse se completar muito mais. Foi o que aconteceu quando Elis me deu carona no seu carro e conversou comigo. Infelizmente não posso transmitir a conversa, que me mostrou uma Elis Regina responsável, misteriosa nos seus sentimentos, delicada quanto aos sentimentos dos outros. Uma Elis Regina, enfim, que tem mais problemas do que o de ser acusada de mau coleguismo. Mostrou-me uma Elis Regina que não quer ferir ninguém. Se há outras Elis, no momento, não me foi dado ver. A que eu conheci tem uma espontaneidade e uma simpatia raras.

ELIS REGINA – Tornou-se conhecida nacionalmente em 1965, ao sagrar-se vencedora do I Festival de Música Popular Brasileira da TV Excelsior, defendendo a música *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes. Ao lado de Jair Rodrigues apresentou um dos programas musicais mais importantes da televisão brasileira: *O Fino da Bossa*, estreado em 1965 na TV Record. Lançou inúmeros compositores como Milton Nascimento, Ivan Lins, Zé Rodrix, Belchior, Aldir Blanc e João Bosco.

ISAAC KARABTCHEVSKY

"Prefiro o grito ao silêncio."

Isaac Karabtchevsky é regente assistente da Orquestra Sinfônica Brasileira. É um homem moço, bonito, ágil, calmo mas vibrante, inteligente – e vê-lo e ouvi-lo reger é um espetáculo de beleza.

– *Quando é que começou sua música?*

– Nunca fui um aluno brilhante. O estudo de música, no ginásio, aborrecia-me e entediava – nunca poderia supor que com notas e pautas iria eu cristalizar uma vocação, definir meu futuro de artista. Minha diversão era, durante longas horas, ouvir uma fuga de Bach e ir criando, simultaneamente, novas linhas e vozes – daí vem, desde cedo, uma estranha atração pela polifonia, pelos contrapontos mais densos e complexos – daí também, talvez em estado embrionário, minha tendência em considerar a música como um todo, reflexo de várias vozes ou instrumentos, e minha ojeriza ao gênero solista. Mas até então música era apenas um estímulo para suportar as horas tristes de minha adolescência – poucos amigos, pouca diversão, e obrigado a ajudar minha família desde cedo. Aos quinze anos trabalhava como balconista numa loja de artigos para crianças. Lembro-me de uma passagem gozada – estava vendendo qualquer coisa de cor branca e argumentava: "Não, não descora, não!" Como uma planta que cresce e não sente, assim foi-se desenvolvendo em mim uma paixão sem limites pela música – fundei um coro, no colégio onde estudava, e ensaiava de ouvido, sem conhecer uma nota sequer. Improvisava os tenores, baixos e sopranos, e cada ensaio era uma revelação. Regi meu primeiro concerto de cima de uma cadeira, pois não havia pódio.

– *E depois?*

– Com dezessete anos, resolvi ser sincero com as minhas convicções e tornar-me um sionista – e, mais especificamente, um sionista no *kibutz* em Israel, forma

de grandes cooperativas, onde não existe a propriedade individual, tudo é dividido irmamente e onde eu tinha dois irmãos trabalhando e vivendo.

Já então um militante, aprendi a amar a natureza, a viver em barracas; preparei-me para o meu futuro de camponês. Em nossa colônia experimental, cheguei até a plantar morangos. Deixei o colégio e escolhi uma profissão onde pudesse ser útil no futuro: a eletrotécnica. Foi no Mackenzie, em São Paulo – lembro-me de soldas e ferro fundido, voltímetros e amperímetros, um sem-fim de números e cálculos, e um sentimento de frustração que cada vez mais me dominava. Foi aí que fundaram, bem ali atrás do cemitério da Consolação, na rua Sergipe, a então Escola Livre de Música da Pró-Arte, espécie de "lugar maldito". O seu diretor, o alemão H. J. Koellreutter pregava um sistema complicado baseado na técnica dos doze sons, o "dodecafonismo". Em torno desse sistema de composição criou-se verdadeira polêmica em São Paulo: discussões acirradas e violentas, o desespero ilógico dos folcloristas – nesse ambiente de tensão, assistindo ocasionalmente a uma palestra de Koellreutter, decidi-me definitiva e irreversivelmente pela música.

– *Quando é que você tomou consciência profissional?*

– Com intensidade e firmeza dediquei-me aos estudos – de manhã à noite, sem descanso, e durante cinco anos assimilei o que normalmente seria feito em dez. Passei a considerar utópico meu futuro no *kibutz* como músico, necessitava de novos ambientes, sentir e viver as velhas tradições. Parti para a Europa em 1958, dois anos após haver fundado o conjunto que estabeleceria um verdadeiro marco no panorama musical brasileiro: o Madrigal Renascentista.

– *Você se sente plenamente realizado como maestro?*

– Minha vida tem sido um sem-fim de concertos aqui e no exterior – creio que tenho tido sorte, mas estou longe, aos 33 anos, de julgar-me realizado. Entre dúvidas e angústias, de uma coisa apenas estou certo:

estou organicamente ligado à música, como uma ostra à sua casa. Não acredito que pudesse fazer outra coisa a não ser música, seria um medíocre a mais.

– *Que é que você sente enquanto rege?*

– Quando rejo sinto-me transportado – perco minha individualidade e vivo com intensidade a partitura. Após o concerto sou um farrapo, consumido pelo suor e cansaço; mas quando tudo foi bem, sou o homem mais feliz do mundo.

Silêncio nosso.

– Tenho uma experiência a contar. Uma vez fui à *Manchete* falar com Adolpho Bloch sobre um plano destinado a levar a música sinfônica às diversas camadas da população ainda não atingidas pela música erudita. Ele me ouviu – e disse-me: "Isaac, isto é uma bobagem! Por que pensar em três mil quando podemos atingir trinta mil? Deixe por minha conta!" Reuniu então o seu *staff* e programou um espetáculo, no Monumento dos Pracinhas, com a OSB, três bandas militares, canhões e sinos. A peça principal era a *Abertura 1812*, de Tchaikovski. A princípio não acreditei que desse certo – sempre tive receio de aglomerações para ouvir música, multidões só para comícios e enterros importantes. Nos acordes finais da *1812*, onde o Hino Russo se impõe, vi o povo correr em minha direção. Na frente de todos, de braços abertos, quase chorando, vinha Adolpho. Senti que havia ganho nesta noite um grande amigo. E não só isso: em diferentes etapas de minha vida, foi Adolpho o conselheiro, pai e irmão.

– *O que é que o Brasil precisa, maestro Karabtchevsky, para atingir a sua maioridade musical?*

– Uma reestruturação completa e radical no ensino musical, não com a intenção de formar músicos profissionais, mas sim de forjar as futuras gerações que ouvirão música com prazer e sinceridade.

– *Que é que você sentiu regendo Chico Buarque?*

– Criticaram-me muito por ocasião do concerto com obras do Chico Buarque – houve reação dos puris-

tas, daqueles que não compreendem que é necessário o grito, a loucura, qualquer coisa menos este silêncio mortal, este silêncio de gelo. Pretendi não a simbiose da música popular com a erudita (nem ousaria tanto), mas a motivação que poderia atrair uma juventude dispersa, sequiosa de novos valores. É ingenuidade pensar que se construa o que quer que seja sobre palavras – num país como o nosso onde grande parte é ainda analfabeta, o problema da música deve ser colocado em outras bases, mais amplas, mais dinâmicas. O concerto do Chico foi uma tentativa, a abertura dos caminhos.

– *Como é que um regente estuda?*

– O essencial é memorizar, integrar-se completamente na obra. O regente estuda com amor e teimosia.

– *Por que as mulheres não são regentes?*

– Creio que o problema é o físico. Uma orquestra exige de um regente capacidade de resistir a um concerto durante várias horas, em pé, além de ensaiar intensamente.

– *Qual é a coisa mais importante do mundo?*

– Amar plenamente.

– *Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?*

– Respondo com a resposta anterior e acrescento: realizar, produzir.

– *Que é o amor?*

– O amor é imponderável. Só sei que existe e é difícil imaginar viver-se sem ele.

ISAAC KARABTCHEVSKY – Fundador do Madrigal Renascentista, de Belo Horizonte, em 1956. Dirigiu as orquestras sinfônicas de Tel Aviv e Praga. Foi diretor musical da Orquestra Sinfônica Brasileira durante 20 anos, com a qual fez turnês pela Europa e Estados Unidos. Diretor do Teatro La Fenice desde 1995.

JACQUES KLEIN

"Se eu não fosse pianista, seria escritor."

Quem já ouviu Jacques Klein tocar não precisa de descrições sobre o que suas mãos preciosas (estão no seguro) conseguem de um piano. Quem não ouviu, mal poderá imaginar. Como figura humana, Jacques Klein também é grande. Tem o chamado calor humano. E foi assim que me recebeu ao telefone, quando marcamos o dia do diálogo. Estava, quando o conheci, em período de férias merecidíssimas, o que não excluiu o estudo de piano.

– Como e quando se deu a sua primeira aproximação da música?

– Meu pai era um apaixonado pela música. Foi fundador da Cultura Artística e do Conservatório de Música de Fortaleza, Ceará, onde nasci. E quando completei cinco anos de idade, levou-me para estudar piano. A mim e a minha irmã, aos dois. Estudei então no Ceará até a idade de nove anos, quando nos transferimos para o Rio de Janeiro. Aqui participei de um concurso no Conservatório Brasileiro de Música, e com nove anos, tirei o primeiro lugar. Estudei com dona Liddy Schiafarelli Mignone, esposa de Francisco Mignone, até a idade de 13 anos. Foi quando o *jazz* me chamou. E eu atendi ao apelo.

– Que é que você fez?

– Eu? Passei cinco anos e meio sem freqüentar um só concerto, sem ouvir uma música clássica, e tocando muito *jazz* em todos os momentos livres que tinha. Esse foi justamente o tempo das grandes *jam sessions* que Carlinhos e Jorge Guinle organizavam, onde se reuniam todos os músicos e amantes de *jazz*. Ah, eram memoráveis essas *jam sessions*, eram memoráveis. Ao lado disso tudo, eu continuava a estudar no Santo Inácio e a me preparar para seguir a carreira diplomática.

– *Como você voltou à música clássica?*

– Foi do modo mais inesperado. Fui assistir a um filme como outro qualquer – e esse filme mudou toda a minha vida. Nele tocavam o *Segundo Concerto* de Rachmaninov, fiquei maravilhado. A vontade de tocá-lo fez com que eu procurasse um professor e começasse a ler de novo música, porque até isso eu já não sabia mais. Estudei com Dona Lúcia Branco, fui aos Estados Unidos estudar, voltei para cá e decidi que o piano era muito difícil e que eu deveria voltar-me ao estudo para a carreira diplomática. Essa resolução só durou seis meses. Voltei a Nova York onde estudei com um grande pianista americano, William Kapell. Depois fui a Viena, tive um período de estudos com Bruno Seidlhofer, de onde saí para competir no Concurso Internacional de Genebra, naquela época o concurso mais importante da Europa. E para a minha surpresa – surpresa mesmo – tirei o primeiro lugar entre os 114 concorrentes. Esse concurso era anual, mas o primeiro prêmio já havia cinco anos que não era concedido a ninguém. Aí vi que estava perdido (ri), não havia como escapar, eu tinha que seguir a carreira de pianista.

– *E seu primeiro contrato?*

– Foi com a Filarmônica de Londres, seguido de vários outros justamente provocados pela curiosidade por aquele rapaz de Aracati, Ceará, que tirava um prêmio há cinco anos não concedido.

– *E no Brasil?*

– O meu *début* no Brasil foi em 19 de junho de 1954. Eu era completamente desconhecido, a não ser com a propaganda prévia do concurso. Foi uma das grandes emoções de minha vida esse contato com o público do Rio de Janeiro, minha terra adotiva. Esse público me tem sido de uma fidelidade excepcional: adoro tocar no Rio de Janeiro.

– *E em seguida?*

– Em seguida... Já toquei em vinte e cinco países, já passei da casa dos mil concertos, já toquei com as grandes orquestras do mundo, com a Filarmônica de Berlim, de Nova York, de Londres, Nacional de Paris, Sta. Cecília de Roma, para citar algumas. Já toquei com os mais famosos regentes e faço anualmente temporadas de quatro a cinco meses no estrangeiro, com extensas *tournées* de concertos. É um pouco fora de meu estilo falar aos jornais brasileiros sobre os concertos que dou, os regentes com que toco ou as críticas elogiosas ou menos elogiosas que recebo nas minhas atuações no exterior.

– *Quem descobriu o artista em você?*

– O tempo.

– *Com que idade você foi considerado, e se considerou, pronto para tocar em público?*

– Só depois do Concurso de Genebra. Antes eu nunca dera um concerto na minha vida. Lembro-me muito bem de minha ansiedade na noite anterior à minha primeira apresentação no concurso, pois representava a primeira vez que eu pisava no palco. Ai! minha Nossa Senhora, que momentos aqueles.

– *Você ainda fica nervoso antes de entrar no palco?*

– Não. Posso dizer que sou uma pessoa 97% calma antes de entrar no palco. Os outros 3% vão por conta do imponderável.

– Em que países você sentiu uma audiência mais quente, mais receptiva?

– Gosto imensamente de tocar em Viena, em Roma, em Londres, no Rio de Janeiro. Adorei tocar em Israel, sob a regência de Isaac Karabtchevsky. Toquei também na África do Sul com muita alegria.

– *Que compositores são os seus preferidos?*

– Beethoven, Mozart, Schubert, Chopin.

– *E Bach?*

– Demais... Mas para mim Bach é tão alto que estou esperando o momento de me aproximar dele.

– *Quando o programa exige que você toque músicas que não são de sua preferência, como é que você faz para senti-las?*

– Esse caso não acontece. Porque sou sempre eu a enviar os programas de concertos para as várias sociedades e elas escolhem dentro do material enviado. Uma vez somente aconteceu que, para ingressar no ciclo de solistas internacionais de Konzerthaus, de Viena, fui obrigado a estudar uma peça para piano e orquestra que não me agradava em absoluto. Depois do concerto, durante a ceia com amigos, queimei solenemente a música: e nunca mais.

– *Qual é a sensação de tocar sozinho e a de tocar com orquestra sinfônica?*

– A de tocar sozinho é de maior liberdade e, eventualmente, maior facilidade de concentração. A de tocar com orquestra eu diria que produz o entusiasmo da colaboração de muitos outros músicos e de uma completação sonora infinitamente mais rica.

– *Qual foi a sua maior emoção na carreira de pianista?*

– A pergunta é difícil. Eu digo que a maior emoção que tive foi durante o segundo movimento do *Imperador*, de Beethoven, que executei com a Filarmônica de Berlim. O som e a beleza que a orquestra produzia era algo de indescritível. Isso como emoção. E um dos maiores entusiasmos de que me recordo foi o meu *début* em Nova York, com a Filarmônica daquela cidade sob a regência de Eleazar de Carvalho, quando executei o terceiro concerto de Rachmaninov no Carnegie Hall, lotado, com a presença de Chostakowitch, Kabalevski e outros grandes compositores russos.

– *Sua educação musical interferiu com sua cultura geral? Quero dizer, você é capaz de gostar de um quadro de pintura excelente ou de ler um livro e captar sua mensagem?*

– Eu diria que não interferiu em nada, muito pelo contrário. Sempre sentia necessidade de apreciar as grandes obras de arte, e a literatura foi sempre, ao lado da música, uma grande paixão.

– *Nunca lhe aconteceu uma falha de memória ao tocar?*

– Com a graça de Deus, até hoje nunca me aconteceu. Mas como dizem no Ceará, isso acontece nas melhores famílias. E não estou livre dessa hipótese.

– *Quantas horas você continua a estudar por dia?*

– Estudo, em média, de quatro a cinco horas diárias. Mas toco outras horas mais. Estudar é uma coisa, tocar é diferente.

– *Se você não fosse o pianista que é, que forma de arte o atrairia?*

– Certamente a literatura.

– *Quais foram as críticas que mais lhe agradaram? Que mais tocaram no seu ponto ou pontos fortes?*

– Depois de mais de mil concertos, a quantidade de críticas é tal que é difícil responder a essa pergunta.

– *Quais são os seus projetos para breve e para mais longe?*

– Os meus projetos por hora são quatro meses de férias que não tiro desde 1954. Neste período vou aprender vários concertos de Mozart e Debussy. Depois, reiniciarei a atividade de concertista, inicialmente na África do Sul, na comemoração do bicentenário do nascimento de Beethoven. Em seguida, para a Europa, numa extensa *tournée*.

– *Depois de um concerto você se sente exaurido por ter dado tanto de si?*

– Exaurido por ter dado tanto de mim, e feliz e ansioso para receber dos outros.

– *Você tem algum* hobby, *alguma coisa fora da música que você goste de fazer?*

– Bater papo.

– *Você aceita alunos?*

– Só tenho três alunos aos quais me dedico. Infelizmente, não tenho tempo para mais. No entanto, dou anualmente um curso no Conservatório Brasileiro de Música, curso público assistido por muita gente.

Despedimo-nos, certos de que nos encontraremos para um bate-papo.

JACQUES KLEIN – Estreou em 1954 na Filarmônica de Londres e recebeu inúmeros prêmios e medalhas. Em 1955 foi eleito o melhor pianista do ano, em Londres, recebendo então a Medalha Harriet Cohen. Como intérprete, gravou alguns discos de MPB com obras de Dorival Caymmi como os sambas-canção *Tão só* e *João valentão.*

PAULO AUTRAN

"Talvez eu esteja realizando o sonho de todo menino:
fugir com o circo."

Vinte anos de palco faz Paulo Autran este ano. E Paulo Autran é um nome que vale o mesmo que dizer: teatro bom. Em vinte anos, quanta experiência acumulada. O fruto dessas experiências: cada vez mais, melhor como ator e, tenho certeza, mais aperfeiçoado como ser humano. Trata-se de um homem moço, particularmente belo. Trata-se de um homem que compreende os outros. Fora do palco ele não age como vedete. Eis o homem.

Eis a conversa:

– *Paulo Autran é pseudônimo?*

– É meu nome mesmo. Nunca usei pseudônimo.

– *Boa sorte a sua com um nome belo destes, que prometem tanto, e que soa aos ouvidos como um nome de alguém como você, que está cumprindo os desígnios de um grande ator. Até que ponto* Morte e Vida Severina *nos representa?*

– João Cabral nos apresenta o subdesenvolvimento, e a peça, sendo profundamente brasileira, é universal na medida em que esse tema tem interesse mundial.

– *Você se refere aos países chamados subdesenvolvidos ou à condição humana e o fruto da falta de justiça social?*

– O poema de João Cabral mostra o homem desamparado diante de uma natureza hostil e de condições sociais adversas. É o subdesenvolvimento com todas as suas implicações humanas e sociais.

– *Nas suas excursões recentes que é que você tem mais levado em cena?*

– *Liberdade, Liberdade,* em 66, *Édipo Rei,* de Sófocles, em 67, *O burguês fidalgo,* em 68 e este ano *M.V.S.*

– *Muito já foi escrito sobre* Morte e Vida Severina, *desde o primeiro espetáculo levado pelo TUCA a que eu assisti com grande emoção. Você teve algum contato pessoal com o autor. João Cabral de Mello Neto?*

– Somente por carta, e infelizmente não pude estar com ele nesta sua recente visita ao Brasil porque estava no Sul levando *M.V.S.*

– *Como lhe veio a idéia de ser artista de teatro?*

– Eu era um advogado de *promissora* carreira, já ganhando algum dinheirinho mas totalmente enfastiado e irritado com a profissão, sem o menor horizonte além dela. Comecei a fazer teatro amador como diversão, até que Tônia me convidou para juntos ingressarmos no teatro profissional. Clarice, foi minha descoberta, foi minha sorte.

– *Sorte sua, apenas, não, sorte do teatro brasileiro. Quem mais influiu na sua carreira como diretor?*

– O diretor que mais influiu na minha carreira, dando-me base técnica e teórica foi Adolfo Celi. Tive, porém, a oportunidade de aprender muito com Ziembinsky, Luciano Salce, Silveira Sampaio, Flávio Rangel etc...

– *Quais são os estados do Brasil onde você representou e em qual deles você sentiu uma repercussão mais próxima de sua sensibilidade e da sensibilidade dos textos?*

– Em todas as capitais brasileiras se encontra gente interessada por teatro, e sensível e inteligente. Não poderia apontar uma platéia especificamente. E a platéia quase sempre tem razão.

– *Qual é o texto que você um dia tem vontade de montar, que é o seu ideal, e que ainda montará?*

– Clarice, não sei, a vida muda tanto, nosso país passa por transformações tão rápidas, que o ideal de ontem fica obsoleto hoje ou amanhã. Não tenho *a* peça ideal no bolso da algibeira.

– *Qual foi o papel que mais lhe agradou?*

– Foram tantos! *Otelo*, *Entre quatro paredes*, *Liberdade*, *Depois da queda*, *Édipo*, não sei mesmo qual deles.

– *Você tem consciência de que o Brasil lhe deve muito nessas excursões, pois você dá oportunidade aos brasileiros –*

não somente aos cariocas e paulistas – de assistirem a um teatro bom?

– Faço aquilo que acho certo e útil, e não sei se alguém me deve alguma coisa por isto. Agora mesmo, por exemplo, recebi uma carta do Itamarati me avisando que não há qualquer verba para mandar *Morte e Vida Severina* às capitais da América Latina, como eu queria. Acho que a obrigação do Itamarati não era comigo, mas com o Brasil.

– *Quanto tempo você fica em cada estado; depende da receptividade do público?*

– Em geral, uma ou duas semanas, três em Porto Alegre, dependendo também do tamanho do teatro.

– *Quantas pessoas você calcula que já assistiram a você nessas excursões recentes?*

– Mais de 400 mil pessoas nestes últimos quatro anos. Perto do público de uma só telenovela lacrimosa, é muito pouca gente, mas é o público que o teatro tem no Brasil e que aumenta cada ano.

– *Você já sonhou alguma vez em ser autor teatral?*

– Nunca, não sei escrever diálogo. Tudo que escrevo soa falso para mim.

– *Um adjetivo que vai bem para você é* impecável. *Você é um ator impecável. Isso vem de muita escola de teatro ou você costuma ser impecável em tudo o que faz?*

– Todos temos nossos pecadinhos e nossos pecados maiores. Não sou exceção de jeito nenhum.

– *Você tem talvez a melhor dicção do teatro brasileiro. De qualquer ponto da platéia ouve-se cada sílaba que você pronuncia, essa dicção é natural em você, ou você estudou-a de algum modo até torná-la perfeita?*

– Estudei muito a impostação, a colocação da voz, mas dicção, nunca.

– *Quer dizer que você não teve sorte apenas em ter um belo nome para o teatro, mas já nasceu pronto para o palco.*

– Não, aprendi muita coisa nestes 20 anos, e continuo aprendendo. Acho mesmo que o bom no teatro é esse *aprender cada dia uma coisa nova.* Aliás, não era mais ou menos o que você dizia há pouco quando contou que a cada livro seu você espera *não errar?*

– *Há uma diferença. É que você pode* se ver *no palco e aprender consigo mesmo. Mas eu não consigo sequer reler-me. Financeiramente falando, sua excursão está rendendo o esforço?*

– Felizmente. Estou conseguindo viver e viver razoavelmente *só* com teatro, e isso porque jamais tive a finalidade de enriquecer na vida.

– *Como é que pessoalmente você se tem dado nessa sua vida de circo ambulante? Você, quando é anunciado, a sua vinda deve na certa movimentar toda uma cidade, como acontece com os circos.*

– Circo. É. É bem a palavra e eu gosto sim. Gosto, talvez, porque eu esteja realizando o sonho de todo menino em *fugir com o circo.*

– *Quando é que vemos você em peça nova no seu repertório?*

– Ainda não sei qual será, mas no ano que vem, com certeza.

– *Quantas peças tem seu repertório?*

– Nunca contei. Já devo ter feito em teatro umas cem peças.

– *Pelo que vejo você tem um traço a mais parecido comigo – um pouco de desorganização – senão você teria respondido precisamente à pergunta anterior.*

– É sim. Não gosto de tudo muito arrumadinho, não.

– *Não me espanta o fato de, sendo desorganizado, você organizar tão bem um grupo de teatro. Também sou assim. Aliás todos os meus defeitos e* pecados mortais *não me impedem de ganhar minha vida escrevendo. Quais são os autores novos que você prefere?*

– O século XX será, forçosamente, no teatro, o século de Brecht. Dos novíssimos, gosto regularmente de

Albee, José Vicente (autor de *O assalto*), Plínio Marcos e muitos outros.

– *Por quanto tempo ainda pretende viajar?*

– Estou cansado. Fisicamente. Gostei muito dessas viagens todas, mas estou exausto. Em 70, em 71, pretendo só ficar no Rio e em São Paulo e recomeçar com as excursões em 72. Para variar, irei talvez no fim deste ano a Paris, gozar o Prêmio Molière que ganhei com *O burguês fidalgo.*

– *Paulo, você acha que a vida é boa?*

– Não conheço nada melhor que viver, apesar de tudo. Apesar de tudo, Clarice.

– *Você é religioso?*

– Oficialmente, não. Mas se ser religioso é acreditar na capacidade humana de progredir por dentro, é acreditar em ser bom pelo amor aos outros, é tentar ser útil – então, sim, sou religioso.

– *Você ainda sente um certo* frisson *antes de entrar em cena?*

– No dia em que não sentir mais isso é porque nada mais terei a dizer num palco. E você, Clarice, acha que a vida é boa?

– *É bom ser. Mas só isso.*

PAULO AUTRAN – Em mais de 50 anos de carreira no teatro algumas de suas interpretações de clássicos, como *Édipo Rei, Minha querida lady, Seis personagens à procura de um autor, A morte do caixeiro-viajante,* marcaram a história do teatro brasileiro. No cinema, protagonizou, em 1967, *Terra em transe* e *O país dos tenentes,* em 1987.

"Se me pedissem um quadro da solidão, eu escolheria
a fotografia de um teatro vazio."

E de repente, para mim que não suspeitava de nada – eis que Bibi Ferreira está sentada numa das poltronas de minha casa. É simplesmente linda! Não que eu prefira entrevistar pessoas bonitas, mas é que é tão bom olhar para elas. Só quem viu Bibi pessoalmente perceberá quanto brilham seus olhos orientais de expressão tão variada, seu pequeno queixo pontudo como o de uma criança, seu jeito eslavo.

Ela foi à minha casa e depois do primeiro cafezinho, estando nós no terraço, Bibi quis mais café e ela própria, com deliciosa naturalidade, atravessou as salas e foi à cozinha. Pode-se imaginar como esse gesto encantou a cozinheira e a mim. Já era uma amiga que eu tinha em casa.

– *Seu nome é mesmo Bibi ou é apelido?*

– Eu sempre fui Bibi.

Mas é claro, pensei, como é que não tinha me ocorrido antes? Bibi é substantivo, é adjetivo, é tudo, menos nome próprio. Com minha descoberta fiquei tão contente, que esqueci de perguntar-lhe o nome próprio. Bibi se escreve com letra minúscula. Por exemplo: "Fulana estava hoje um amor de bibi, mas bibi mesmo é a mulher do delegado." "Sicrana estava tão antipática que perdeu sua única oportunidade de ser bibi." "Aquelas rosas fazem o bibi encantatório de meu dia de hoje." E é interminável a aplicação desse nome cuja dona o tornou uma palavra perfeita para mim.

– *Bibi, na sua casa moram três gerações: a de sua mãe, você e a de sua filha. Quem manda mais? Quem é temperamental?*

– Acho, ri ela, que a jovem guarda está dominando, ou pelo menos vivemos em função dela. Tem 14 anos. Não se parece nem comigo nem com o pai.

– *Você se parece fisicamente com seu pai, mas em bonitíssimo. Quanto deve você a ele como talento?*

– Acho que eu devo a ele aquilo que ele me ensinou, aquilo que foi me ensinando no palco e na vida, e daí a minha escolha.

– *Desde quando você trabalha em palco e em televisão?*

– Eu não tive estréia, Clarice, porque nasci dentro desta carreira. Cheguei até a substituir uma boneca que um ator precisava no palco. O palco era um dos quartos de minha casa.

– *O que você prefere: palco ou televisão?*

– São tão diferentes...

– *Qual foi, de todas as suas personagens, a que mais lhe agradou?*

– Tive vários sucessos, mas não saberia dizer qual foi a personagem de que gostei mais, porque gostei de muitos, assim como tenho mais de um amigo, assim como já gostei na vida de mais de um homem.

– *Alguém escreve para você os seus programas de televisão?*

– É a turma enorme chamada equipe.

– *Você tem um grande pai. Você se assemelha por dentro com ele?*

– Acho que por dentro não sou parecida com ele. Acharam-nos, porém, tão parecidos que não me davam outra oportunidade.

– *Você é muito inteligente e tem sangue-frio: não lhe acontece às vezes inserir frases que não estavam no programa?*

– Por vezes, sim...

– *Sua filha dá para o teatro?*

– Não posso dizer porque ela está numa idade em que a gente dá muito palpite, e, saturada, ela deve por vezes ficar confusa, sem saber para onde ir. Quero ver se ela se tornará livre e ela própria. Mas tem uma voz muito bonita, e uma graça excepcional, além de ter um ouvido supersensível.

– Em que grau de evolução está o teatro brasileiro comparado com o dos países que você conhece?

– Está em relação exata de quanto nos permitem.

– Quais são os seus autores preferidos?

– Só a jovem geração é que, hoje, vai tomar contato com o tema e o palco. Mas por que Nelson Rodrigues não continuou aquele teatro sério que ele escrevia? Por que Guilherme Figueiredo vem da Europa e não diz que tem uma peça a montar? Rachel, você ficou em *Maria Beata* e *Lampião*? Callado, só livros agora? Jorge Amado só na peça de Castro Alves? O que houve? Muitas vezes gosto e compartilho com Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, Plínio Marcos.

– Você tem uma máscara muito móvel: você poderia representar papéis que nem pensa. Seu rosto é dramático assim como a sua voz. Por que você não se arrisca no drama?

– Meu pai me achava um rosto mais dramático do que cômico. Mas quando eu me dedicava exclusivamente ao teatro e este era o meu único meio de vida, eu tinha que dar ao cliente a mercadoria que ele queria. O cliente sempre preferia comprar gargalhadas. Daí ser o meu repertório cômico maior do que o dramático. Depois passei para o musical, também gênero popular. A grande realidade é a peça que agrada, seja cômica ou dramática, então sei porque eu acertava mais nas cômicas. Havia uma frase que me diziam, e que me matava lentamente. Era: "Tristezas já bastam as da vida". Essa filosofia tão barata é que me desanimou. O drama vem dessa falta de compreensão, dessa falta de diálogos possíveis. E depois vem a tristeza: acabada a peça, você atravessa o palco depois que o público vai embora. Se me pedissem um quadro da solidão, eu escolheria a fotografia de um teatro vazio.

– Que é que você acha do cinema brasileiro? Não se sente inclinada para ele?

– Não posso fazer cinema sozinha. Não exijo muito do cinema brasileiro. Quero um cinema e um teatro que me distraiam. Depois é que vou ver porque eles me distraíram. Eu estou dizendo *distrair* e não *divertir*. Nunca faço planos porque eles nunca acontecem como eu gostaria.

– *É verdade que um colégio brasileiro de freiras não a aceitou como aluna porque seu pai era desquitado e ator?*

– Foi o Colégio Sion do Rio de Janeiro. Eu tinha cinco anos de idade. Mas isso já passou.

BIBI FERREIRA – Filha do ator Procópio Ferreira e da bailarina e cantora espanhola Aída Izquierdo. Em 1944, montou sua própria companhia teatral, reunindo alguns dos nomes mais importantes do teatro brasileiro, como Cacilda Becker. Na década de 60, brilhou no musical *Minha querida lady*, estrelado por Bibi e Paulo Autran. Bibi Ferreira atuou nos grandes espetáculos teatrais *Brasileiro, Profissão Esperança*, *Gota d'água* e *Piaf*.

TÔNIA CARRERO

"Só acredito num mundo feito de amor."

De vez em quando a natureza faz um ser de beleza perfeita e harmoniosa. Tônia Carrero, por exemplo, é um dos seres mais bonitos que conheço: é uma beleza simpática, a sua, e muito simples. O amadurecimento em Tônia só fez amadurecer sua graça, seu espírito. Trata-se, também, de um ser feminino muito leal, capaz de fazer grandes amizades e dar muito de si aos outros. É, enfim, uma pessoa extremamente viva e bela.

– Até que ponto sua grande beleza interferiu adiando o seu encontro consigo mesma, confronto esse que fez nascer em você uma atriz de verdade?

– Aceitando que eu tenha nascido uma mulher bonita, admito que esse fato tenha interferido no meu amadurecimento artístico. Porque eu fui mocinha que sempre sentia um impacto diante de minha beleza. Eu já tinha uma vantagem inicial, e sentia que de mim exigiam muito pouco mais do que isso: negavam-me. Isso naturalmente se refletiu no teatro, sobretudo em relação à crítica teatral. Desde um primeiro professor, num curso de teatro que fiz em Paris, que me deixou bem claro que eu só estava querendo ir para o teatro por uma questão de exibicionismo. Como se eu quisesse uma grande platéia para testemunhar minha beleza. Levei minha vida toda para provar a mim e aos outros que a coisa não era essa. Também isso se refletiu na minha maneira de vestir. Moça suburbana, normalista, filha de oficial do Exército, casada aos dezesseis anos com um jovem idealista – nunca tive durante a minha mocidade o poder aquisitivo para adquirir boas roupas. Mas, em compensação, fazia tanto sucesso com os meus trapinhos que custei a desenvolver um certo bom gosto para me vestir. O fato de ser bonita simplificava a minha procura de me apresentar bem.

– O que é amor para você, que é um ser tão amado?

– Você se acha um ser muito amado, Clarice?

– Fui amada por alguns e conheço a paixão.

– Eu também, Clarice. E com muita avidez de amor por pessoas que me interessam. Exijo muito porque me dou muito. Isso todos sabem: alguns amigos, meu filho, César e a babá que me criou. Só acredito num mundo feito de amor. Talvez por isso é que meu mundo foi pequeno e sou uma atriz que não ganhou fronteiras.

– Como é que você reage diante da admiração alheia? Também você, surpreendida com o fenômeno da admiração ou achando natural, produto de seu esforço em ir adiante como atriz e como pessoa?

– Reajo com muita gratidão porque sempre são poucos os que nos admiram realmente. Rubem Braga dizia que eu era tão ingênua que, se ao passar na rua, um mendigo me dissesse: "moça bonita", eu exibiria o maior sorriso de alegria.

– Às vezes você sente falta de não ter escrito a peça, em vez de ser apenas um intérprete? Embora a interpretação seja uma grande arte.

– Ah, sim. Eu invejo muito quem pode criar sozinha. Um autor, um artista plástico, um músico, refletem sempre um mundo interior muito maior do que nós, simples atores, intérpretes do pensamento alheio. Invejo muito você, Clarice. Acho seu mundo interior tão delicado e tão comovente que exibe você aos olhos de todos com uma luz muito forte: não pode haver mistificação.

– Você se cansa na repetição diária da mesma peça, ou considera cada noite uma experiência nova por ter público diferente todas as noites?

– Se o texto é fraco, cansa muito. Se o autor é importante, mesmo quando termina a peça, a busca interior não cessou ainda. E o público diferente de cada noite renova sempre as emoções, impedindo a rotina.

– Alguma vez você sentiu necessidade de apelar profundamente a Deus?

– Sempre que penso profundamente, a idéia de Deus me acode. Acho que a gente é muito pequenina ainda para não depender dessa idéia. Quando o mundo for mais bonito e não sentirmos os seres humanos tão carentes de amor e caridade, quem sabe então já estaremos tão próximos a Ele? A idéia de Deus, para mim, é uma espécie de energia geradora do bem, que um dia deve se instalar na Terra entre os seres humanos. A Igreja atual está neste momento mais próxima da idéia de Deus do que nunca.

– Você se veste de um modo muito adequado: não precisa dizer quem desenha suas roupas, mas alguém desenha os modelos para você?

– Agora que eu já aprendi um pouquinho a me vestir melhor, sempre apelo para as pequenas butiques que recebem o *prêt-à-porter* da Europa e dos Estados Unidos. Quando viajo, mais ou menos de dois em dois anos, também trago alguma coisa. No Brasil já me vestiram Denner, Guilherme Guimarães, Clodovil e Maria Augusta Teixeira. Não tenho de mandar fazer roupa: compro tudo pronto. Acho que exige tempo e paciência, tempo perdido escolhendo fazenda e várias provas de vestido: não é para o meu tipo.

– No seu segundo casamento, este com César Tedim, você se sente bastante amadurecida para ser uma pessoa casada, e, portanto, realizada?

– Sim, me sinto muito mais generosa, experimento pela primeira vez o amor que pode dar, e a quem posso me dar plenamente. Mas acho isso um assunto muito íntimo para eu me estender mais.

– Que papel você gostaria de representar no palco?

– São tantos! Mas agora vou fazer uma peça que está me interessando muitíssimo, porque vou estar ao lado de meu filho, Cecil Thiré, pela primeira vez. Isso, para

nós dois, eu e Cecil, é muito importante, porque há um estreitamento de laços de camaradagem e procura intelectual muito maior ainda.

– *Que é que você acha de Plínio Marcos, esse rapaz de grande talento?*

– Tenho a maior admiração pelo autor Plínio Marcos e pelo ser corajoso que ele é. Plínio Marcos é um intuitivo, um ser generoso, cheio de boa-fé. Que acredita naquele mundo ao qual me referi quando falei sobre Deus.

– *Dos personagens que você encarnou no palco, qual é o seu preferido, o que mais se assemelha à sua própria alma?*

– Eu não prefiro o que se assemelhe a mim. Prefiro o mais distante de mim, aquele que me deu a maior dimensão de humanidade: a Neusa Suely de *Navalha na carne*, de Plínio Marcos.

– *Você, Tônia, não é pessoa de dizer palavrões. Mas noto que em peça de teatro diz tudo o que o autor escreveu, e com simplicidade e violência.*

– Na realidade só fiz isso agora. E não me arrependo.

– *Você não pensa em entrar para o cinema? para o cinema novo?*

– Já estou filmando com o cinema novo e tem sido uma experiência fabulosa.

– *Como é o nome do filme que você está rodando agora?*

– *Tempo de violência*. Direção de um jovem de 26 anos chamado Hugo Kusnet. Os outros atores são João Bênio, Raul Cortez, Hugo Carvana, Antero de Oliveira, Isabel Ribeiro e uma pequena participação de Glauce Rocha. O roteiro é ótimo, eu estou muito entusiasmada.

– *Que é que você mais deseja no mundo, Tônia?*

– Paz. Não sei se desejo que se chegue à Lua ou não. Mas se homens partirem, desejaria que retornassem com o sentimento do dever cumprido. Outra coisa que eu desejo muito é custar bastante a envelhecer. E também a

ser útil no que faço. Você me parece hoje muito vaga. Que é que você tem, Clarice?

– *Não só estou vaga como de inteligência um pouco lenta. É porque não dormi esta noite.*

– Que é que você faz quando não dorme?

– *Dou a noite por encerrada, esquento café e tomo.*

– Eu também tenho muita insônia. Aconselho você a fazer palavras cruzadas e a jogar paciência e a não tomar café durante a insônia, como você faz.

– *Qual foi o diretor que mais influiu na sua capacidade de se expressar em cena?*

– Nunca tenho o que mais influiu. Para cada fase de amadurecimento há um diretor que sempre nos consegue fazer dar mais de um passo à frente. Para mim, os mais importantes foram Ziembinski, Celi e Fauzi Arap. Você sente falta de mais alguma coisa que eu diga? Gostaria de conversar com você muito mais, mas acho que você está muito cansadinha. Então vamos dar por encerrado esse diálogo que foi para mim muito bom.

TÔNIA CARRERO – Integrante do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), contratada pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, onde fez *Tico-tico no fubá*, *É proibido beijar*. Protagonizou no teatro *Leito nupcial* e *Navalha na carne*. Na televisão fez, entre outras novelas, *Pigmaleão 70*, *O cafona*, *Primeiro amor*, *Louco amor*. Recebeu os prêmios: Velho Guerreiro, Molière, o APCT, o APTESP, Légion des Arts et des Lettres da França.

"Minhas fãs não são alucinadas."

Tarcísio não perde seu jeito de gentleman, não tem ar apressado ou afobado. Tanto ele como sua mulher, Glória Menezes, mantêm-se calmos e sorridentes. São dois exemplares bonitos de seres humanos, mas não parecem se contentar com esse dom de beleza: "queremos ser mais do que bonitos", parece dizer o casal.

– Tarcísio, você é ator por assim dizer, de nascença ou as circunstâncias o impeliram para essa profissão?

– Foi totalmente circunstancial o fato de me tornar ator. Nunca pensara nessa possibilidade, até que surgiu a chance de representar num grupo amador. Aí, um pouco do caminho já havia se oferecido para que eu me fixasse nessa atividade.

– A que você se destinava antes?

– Eu estudava e pretendia fazer o curso de preparação à carreira de diplomata, no Instituto Rio Branco, do Itamarati.

– O que é que você acha de suas novelas? Responda o mais sinceramente possível: acha que elas são de bom nível?

– De um modo geral, é muito difícil você conseguir interessar o público numa novela, dando a ele, simultaneamente, alguma qualidade artística. A novela *Rosa rebelde* conseguiu essa proeza. É bem escrita por Janete Clair e bem dirigida por Daniel Filho. E todos nos empenhamos, os atores e técnicos, por poder fazer o melhor dentro das nossas possibilidades.

– Tem alguma outra novela em vista?

– De momento, não. Vamos descansar e dar descanso ao público, fazendo uma excursão pelo Brasil, com a peça *Linhas cruzadas*, levada à cena no Teatro Copacabana. Voltaremos à televisão somente em abril do ano que vem.

– *Você é um bom ator. Com quem e onde aprendeu a expressar-se através de tantas modificações fisionômicas?*

– Bem, isso de ser um bom ator, é opinião sua. Não sei dizer se tenho aprendido com os outros ou se tenho buscado isso dentro de mim. Acho que ninguém é primitivo a ponto de ser apenas si mesmo. O que somos é uma conseqüência de nossa relação com os demais e, quando representamos, procuramos filtrar as experiências alheias através do nosso próprio temperamento.

– *Você sente emoção quando beija sua própria esposa, Glória Menezes, na novela em que ela participa como atriz principal?*

– Na novela e fora dela, *arre!*

– *Na sua novela, você é terrivelmente ciumento. E na vida real, também?*

– Acho que o ciúme não existe, enquanto a gente não o percebe. E, quando a gente o sente, é porque já não está mais seguro em relação à pessoa que é objeto de nosso afeto. Isso ainda não aconteceu comigo.

– *Você se sente frustrado por não ter seguido a carreira diplomática?*

– Não. De modo algum.

– *Desculpe a minha ignorância, mas você trabalhou no palco, em peças? Só me lembro de* Linhas cruzadas.

– Foi a única peça que fiz no Rio. Em São Paulo, trabalhei em quase vinte peças, das quais as mais importantes foram *Toda donzela tem um pai que é uma fera, De repente no verão passado, Apartamento indiscreto, A grande chantagem* e *Calígula.*

– *O que é que seu diretor nas novelas espera de você?*

– Quando está para começar uma novela, o diretor reúne o elenco e diz o que devem ser os personagens. Daí, ele só espera que os atores tenham entendido a sua explicação, porque mais do que isso ele não terá tempo de fazer, quanto à formação dos personagens. As marca-

ções, as intenções, só são ensaiadas momentos antes de cada gravação.

– *Você pisa no palco com o hábito ou a sensação de coisa renovada?*

– O hábito, propriamente, não se forma. Inclusive porque a cada nova representação acontecem fatos novos que determinam mudanças na sua maneira de representar: uma marcação que é trocada, um esquecimento do texto, uma pausa maior no diálogo, são situações que devem ser resolvidas pelo *personagem* naquele momento e não pelo ator que o interpreta.

– *Como é que você conheceu Glória Menezes? Foi logo propondo casamento?*

– Conheci Glória trabalhando com ela numa peça de televisão, em São Paulo. Desse conhecimento, chegar ao casamento foi uma conseqüência natural do amor que nasceu entre nós.

– *Que papel você sonha interpretar no palco?*

– Não é um papel ou outro que vai me dar satisfação. É, isto sim, representar bem este ou aquele papel.

– *Você recebe muitas cartas e telefonemas de admiradoras alucinadas?*

– Mas não são alucinadas! Na maioria das vezes, bastante equilibradas, até.

– *Você consegue chorar em cena?*

– Consigo. Se entender bem o sentimento do personagem. Se como ator choro naquele momento, representando, é porque, como pessoa, eu provavelmente choraria também, se passasse pela mesma situação.

– *Diga-me Tarcísio, como é que se desenvolve sua rotina diária?*

– Não há rotina, no meu dia-a-dia. O que há de rotineiro são exatamente os inesperados diários...

– *Você e Glória levam uma vida boêmia ou são pacatos?*

– Nem boêmios, nem pacatos. Procuramos dosar bem a nossa vida.

– *Você e Glória se assistem na própria novela? E o que é que sentem?*

– Assistimos, quando temos oportunidade. Mas como é que você se sente quando lê, dias depois, o que escreve?...

– *Certa desilusão, insatisfação.*

– Eu, às vezes, me sinto satisfeito. Outras vezes, a autocrítica me censura. Às vezes, me desiludo. Mas sempre assistir-nos na televisão é construtivo, viu?

– *Tarcísio, fazer dois papéis na mesma novela não lhe dá um certo sentimento de ambigüidade?*

– Se isso acontecesse, o que é que eu faria sabendo que, terminada a gravação, vou representar outro personagem no teatro e, no dia seguinte um terceiro, num filme?

– *Sua popularidade nas novelas leva o público ao teatro e aos filmes em que você trabalha?*

– Certamente. O público tem curiosidade por saber até que ponto o ator é aquele personagem da novela.

– *Vocês têm filhos?*

– Tenho um, do meu casamento com Glória. Herdei mais dois, do primeiro casamento dela.

– *O que é que você está achando deste nosso diálogo?*

– Um diálogo agradável, que confirmou a impressão que eu tinha de sua pessoa. Tenho a certeza de que foram perfeitamente entendidas as coisas que tentei dizer e sou grato por essa oportunidade de conversar com o público, por seu intermédio.

Despedi-me com a impressão de que acabara de assistir a alguns momentos da vida de duas pessoas intimamente ligadas pela compreensão mútua e muito amor.

TARCÍSIO MEIRA – Ator que ocupa um papel de destaque na história da telenovela brasileira. Protagonizou *225499 Ocupado* (1963), *Irmãos coragem* (1970), *Escalada* (1975), *Os gigantes* (1980), *Roda de fogo* (1986), *O rei do gado* (1996), *Torre de Babel* (1999). Recebeu o prêmio de melhor ator da Associação Paulista de Críticos de Arte pela sua atuação na minissérie *A muralha,* da TV Globo.

JARDEL FILHO

"Ganho mais no teatro do que nas novelas."

Jardel Filho é sobretudo um ator muito bom. E sua versatilidade é grande. Quem o vê numa peça representando um determinado papel fica convencido de que ele dá mesmo é para encenar esse tipo. Mas, vendo-o em outra peça, a surpresa, a transformação se faz de acordo com o personagem, e de novo se tem a impressão de que ele somente pode encarnar aquela personalidade.

Pessoalmente, trata-se de um bonito homem, com olhos azuis muito intensos, tanto na cor quanto na translucidez. Há algo de primitivo nele que, no entanto, é uma pessoa intelectualizada. Sua voz é belíssima, de puro homem.

Tive vontade, com Jardel Filho, de fazer um diálogo do gênero ginasial – vocês sabem, aqueles cadernos grossos com perguntas sobre o que acha do amor, qual é o ideal de sua vida, qual é o seu tipo preferido. Eu mesma nunca fiz desses cadernos, mas sempre respondia sucintamente nos cadernos floridos das colegas. Quem sabe Jardel Filho se espalharia mais do que eu? Era tentar. Fiquei previamente com pena de lhe fazer perguntas que eu mesma não saberia responder. Mas, como se verá, Jardel não se perturbou.

– *O que é amor, Jardel?*

– Eu acho que é difícil poder definir. O amor é sentido, é uma existência. Uma pessoa que está em estado de amor, está purificada, filtrada. Existe além do amor, na minha concepção, a amizade profunda que sobrepõe toda a condição do próprio amor.

– *O que é que você, que se casou várias vezes, pensa do casamento?*

– Acho extraordinário. Mas quando as coisas não dão certo, quando não se consegue o equilíbrio que ambas as partes procuram, dentro do mundo atual, a separação é a forma lógica e objetiva, a mais madura. Por ocasião de meu primeiro casamento eu tinha 18 anos. Estou com quarenta e sinto-me plenamente realizado nesse sentido.

– *Como é que lhe veio a idéia de ser ator?*

– Eu sempre senti inclinação, é uma força interior, é algo com que se nasce ou não. Desde a minha infância eu sentia necessidade do diálogo com a espécie humana. A arte me deu a possibilidade de manifestar aquela força interior e o desejo desesperado de comunicação que eu tenho.

– *As telenovelas compensam mais, financeiramente falando, que o teatro?*

– Não. Depois de um certo número de anos de trabalho – e lá se vão muitos – alguns atores conseguem uma certa *estabilidade* financeira. Vou completar 25 anos de profissão e nunca fui muito ligado à televisão. Agora estou fazendo uma novela, e ganho mais em teatro.

– *Que papel você sonharia um dia interpretar?*

– Vários. Posso citar, só de teatro shakespeariano, uma infinidade de personagens, o que já é uma ambição desmesurada. Por que não dizer pretensão? Agora, o mais importante para mim é sempre o personagem que eu vou interpretar. Agora, o Príncipe Von Berg, de Arthur Miller, em *Beco sem saída* (*Incident at Vichy*, é o título do original). Foi criado em Londres por Alec Guiness e, em Nova York, por David Wayne, dois admiráveis atores.

– *Qual é a lembrança mais feliz que você guarda, no domínio profissional?*

– Sou relativamente amargurado no domínio profissional. No meu país, acho que existe uma medida de proporção errada, e disso resulta às vezes em mim um desequilíbrio profundo, uma tristeza incalculável. No entanto, já tive, sim, uma grande alegria. Foi quando representei ao lado da minha querida de sempre, a grande Cacilda Becker, inigualável sob todos os aspectos.

– *E no domínio de vida propriamente dita?*

– A minha vida atual. Vivo intensamente para a minha família, minhas filhas, pois é com elas que passarei o resto da vida.

– Até que ponto você é religioso, se é que o é?

– Sou, dentro de um plano metafísico. Respeito todas as religiões. Considero a fé o pensamento positivo, toda a energia e sustentáculo dessa coisa maravilhosa que nós temos: a vida.

– Se você não fosse ator, que profissão provavelmente adotaria?

– Nenhuma. (Riu.) Pescador...

– Você tem o que se chama de uma "filosofia de vida"?

– Tenho, se é que se pode considerar filosofia, não desejar aos outros o que não quero para mim mesmo.

– Quais os autores teatrais modernos que mais lhe interessam?

– Todos os *angry men* ingleses, Osborne e companhia. Entre os americanos, Arthur Miller, Tennessee Williams, O'Neill. Entre os franceses, Genet, Camus, Anouilh, Ionesco. Quanto aos nossos... são inúmeros.

– Eu digo que não sou supersticiosa, mas bem que sou. E você? Qual é a sua superstição preferida, a mais acarinhada?

– A mais acarinhada é minha mulher (ele sorriu). Ela me dá muita sorte. É o meu *porte-bonheur* (a esposa ri).

– Você tem assistido a peças teatrais fora do Brasil? E pode dizer se há um desnivelamento?

– No sentido de quantidade, muito. Na qualidade de alguns espetáculos, nenhum.

– De que maneira seria embaraçosa para você uma pergunta minha?

– Clarice, a admiração que tenho por você é imensa. Respeito você como criatura humana e o nosso relacionamento me traz uma enorme felicidade e ao mesmo tempo me embaraça.

– Por que sou embaraçosa?

– Quando se contempla uma obra de arte, quando se assiste a um espetáculo, quando se ouve música,

quando nos transportamos a um sentimento mais amplo de emoção, você se sente embaraçado. Você me causa essa sensação.

– *Você tem alguma nostalgia, um sentimento do que deveria ter feito e não fez?*

Jardel medita um pouco.

– Tenho muitos, mas o melhor ainda está por fazer.

– *Como é que você define a mulher brasileira?*

– A mais sensacional do mundo.

– *Fale-me de seus filmes, Jardel.*

– Bem, eu tenho 25 filmes feitos, fora os da televisão que são 36. Minha experiência em *Terra em transe*, com Glauber, *Macunaíma*, com Joaquim Pedro, *Setenta viezes siete*, com Leopoldo Torre Nílson, é das mais proveitosas e importantes. Realmente gostaria que o ator brasileiro tivesse maiores possibilidades de trabalho no exterior, e acima de tudo aqui mesmo. Infelizmente, por motivos de mercado e limitações de idioma, estamos colocados bem à margem do mundo cinematográfico. Sobretudo nós, atores, além de milhares de problemas, das leis que impossibilitam a penetração, ainda há a considerar visto de permanência, nacionalidade etc. Até agora só tenho visto ator brasileiro fazer lá fora papel de bandido sul-americano. Pode ser que a coisa mude. Esperemos. Quanto a atrizes existem grandes talentos autênticos e de beleza consagrada. É só.

– *Jardel, me conte em traços rápidos a sua vida.*

– Criança triste, criança alegre, criança feliz, criança profundamente infeliz. Homem em busca, homem triste, homem incompreendido, homem injusto, homem feliz, homem sério. O que virá?

JARDEL FILHO – Ator de teatro, cinema e TV. No teatro fez 61 peças, trabalhou no cinema com diretores como Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Hector Babenco. Atuou

em *Floradas na serra*, *Terra em transe*, *Macunaíma*, *Pixote*. Representou o Brasil no Festival de Veneza. Prêmio de melhor ator no Festival de Brasília. Trabalhou em novelas como *O bem amado* (Dias Gomes), *O homem que deve morrer* (Janete Clair), *Brilhante* (Gilberto Braga) e *Sol de verão* (Manoel Carlos).

JECE VALADÃO

Jece Valadão é mais bonito ao vivo do que nos filmes. Segundo Clarice Lispector.

"A meu ver – disse-me Jece Valadão – Ângela Diniz era uma suicida em potencial, que viveu toda a sua vida buscando alguém que fizesse o que ela não tinha coragem de fazer. Doca é um aventureiro, o último dos românticos."

Essa é a opinião de quem está fazendo um filme sobre o fato policial ocorrido entre Ângela e Doca, personagens, sem dúvida, que eram e continuam fascinantes. Ao meu ver, porém, a versão do crime é outra. Ângela sustentava Doca, que vivia de champanha e caviar e, quando quis mudar de vida, recebeu três tiros na cara. Mas minha opinião não está aqui em jogo. E é claro que um filme vende mais se Doca for transformado num romântico.

Como se vê, eu estava entrevistando Jece Valadão. Confesso que tive vago receio de entrevistá-lo. Receio infantil, de ser ele capaz de ser mesmo bandido, como nos filmes em que trabalha. Em vez disso, encontrei um homem tranqüilo, num apartamento em Ipanema, provavelmente um estúdio, pois estava cheio de gente, cadeiras, câmaras, tecidos e nem sei mais o quê. Era uma balbúrdia de quem está se preparando para filmar. Mas as vozes não se elevavam – acho que por influência da calma de Jece. É um homem tranqüilo, perfeitamente controlado. É muito mais bonito e atraente do que aparece nas fotografias e filmes. Tratou-me com uma delicadeza simples e sabe ter um leve sorriso, quando é preciso.

– *Jece, o que levou você ao cinema?*

– Acho que já nasci cineasta, uma vez que, desde pequeno, ainda no interior onde nasci, já brincava de cinema e sonhava ser um dia um ator, diretor ou qualquer coisa que me ligasse ao mundo encantado do cinema.

– *E hoje? O que significa o cinema para você?*

– Hoje, para mim, cinema é oxigênio, sem o qual não consigo respirar.

(Qual é o meu oxigênio? – pergunto-me eu e a resposta é um silêncio desolador.)

– *Você é uma pessoa interessada em problemas sociais, enfocando sempre o lado marginal de nossa vida?*

– Concordo e me defendo. Acho que o cinema tem como uma de suas principais funções informar e denunciar aquilo que está errado entre nós. O lado bom da vida não necessita de denúncia.

Contando com este *Os amores da pantera*, soma 46 o total de filmes que ele produziu. Perguntei-lhe então o que achava de Joaquim Pedro, que eu considero grande. Respondeu-me:

– Acho um dos melhores diretores do Brasil e está entre os bons do mundo.

Fiz uma pergunta à qual todos se negam a responder ou respondem com evasivas:

– *Cinema dá dinheiro?*

– Para mim sempre deu. E espero que continue dando.

– *Fale-me de sua experiência como ator.*

– Detesto ser ator. O que gosto mesmo é estar atrás das câmeras. Como ator já satisfiz todas as minhas vaidades e vicissitudes.

– *A chanchada é um meio de vida ou estado de espírito?*

(Por mim, é um meio de ganhar dinheiro explorando os sentimentos chamados baixos do povo.)

Respondeu, evasivamente:

– A chanchada representou uma fase do cinema brasileiro, por sinal muito importante.

Fiz-lhe uma pergunta delicada, perigosa:

– *Eu acho você um perfeito cavalheiro. Mas há quem ache você um cafajeste, outros um artista sério. Qual é a verdade?*

– Quem sabe a verdade? Por acaso ela existe ou é apenas o resultado de uma interpretação de cada um?

– *Você é dado a fossas? E como sai delas?*

– Nunca entro em fossas, sempre dou a volta por cima. Por isso não conheço nenhuma fórmula de sair delas.

(Pensei: mas "dar a volta por cima" não é exatamente um bom meio de sair delas?)

– *Dizem por aí que você é sócio de Sílvio Santos. É verdade?*

– Quem me dera!, sorriu ele.

– *Antes de fazer cinema, o que você fazia?*

– Absolutamente nada. Pois qualquer coisa que eu tenha feito é nada!

É o que ele pensa – refleti eu – mas na verdade deve ter acumulado grande experiência de vida, que lhe serviu de base para a sua profissão.

JECE VALADÃO – O ator que mais representou o típico cafajeste no cinema nacional – vide *Rio, 40 Graus* e *Os cafajestes.* Ator, produtor e diretor. Em 40 anos de carreira participou de 106 filmes, novelas e peças teatrais.

OSCAR NIEMEYER

"Nascemos para amar."

Ninguém precisa apresentar o gênio da arquitetura moderna, Oscar Niemeyer. Todos sabem que Lúcio Costa fez o traçado de Brasília, e Oscar a sua arquitetura: uma arquitetura que ultrapassa a nossa época e atinge plenamente o nosso futuro.

Entrevistei Niemeyer. É um homem com maneiras simples, sem vaidades, sem formalismos, com o olhar um pouco melancólico, um pouco desiludido e cansado. E não me pareceu nem por um instante que estava desiludido e cansado com Brasília: é com o nosso mundo, tal qual nele vivemos.

– Por que arquivaram seu plano para a execução do aeroporto de Brasília?

– A Aeronáutica não pretendia recusar meu projeto. Recusou-o o brigadeiro Castro Neves, com a mesma arbitrariedade com que meses antes demitiu cerca de cinqüenta professores do Centro Técnico da Aeronáutica de São José dos Campos, atitude que não se recomenda num país como o nosso, onde faltam técnicos e professores e que, no caso do aeroporto de Brasília, muita coisa pode explicar: o desrespeito pela nova capital, pela prefeitura e pelo Congresso, a intransigência que impediu o diálogo, como se, diante de problemas nacionais, homens da direita e da esquerda não pudessem se aproximar e entender. Explica, também, as manobras ridículas que o pequeno grupo da Aeronáutica – que não a representa – adotou para impor o monstrengo em execução, declarando publicamente ao Congresso tratar-se de um aeroporto militar, para, depois, contradizendo-se, comunicar à Justiça Federal que a obra em realização será a maior estação de passageiros da América Latina. Tudo isso levou-nos à ação popular que acompanhamos tranqüilos. Nosso objetivo é paralisar a obra e, principalmente, denunciar o brigadeiro Castro

Neves por esse crime contra a nova capital, impondo-lhe uma estação de passageiros que nada tem a ver com a sua arquitetura. Quando combatemos o projeto apresentado pela Diretoria de Engenharia da Aeronáutica, não procuramos atingir nossos colegas daquela repartição, mas a interferência negativa do brigadeiro Castro Neves nesse projeto, comprometendo-o irremediavelmente.

– Acha que Brasília, depois de pronta, em sua essência, atenderá ao ideal democrático que sua arquitetura pretendeu quando a planejou?

– A arquitetura não impede nem sugere determinada política. No Palácio do Planalto, por exemplo, previ uma tribuna externa e dela, infelizmente, o povo brasileiro nunca ouviu as decisões que reclama. Mas somos otimistas. Um dia ela terá utilização justa. Afinal, o Palácio é do povo e as minorias dominantes não poderão subsistir.

– Oscar, qual seria a solução arquitetônica que você daria às favelas cariocas?

– Nenhum arquiteto consciente se propõe a resolver o problema das favelas. Sabe que a miséria decorre da injustiça social e que o êxodo do homem do campo em busca dos grandes centros tem sua origem na situação desesperada de exploração e miséria que há séculos o persegue. Trata-se, portanto, de um problema social que somente uma modificação de base poderá resolver. Por todas essas razões, para o arquiteto realmente empenhado no problema, a solução lógica é integrar-se nos movimentos progressistas que visam à reforma da sociedade. Quando um arquiteto insiste na importância da arquitetura social e nas formas simples e pré-fabricadas que sugere, esquece que essa arquitetura só é válida em país socialista. Nos outros, nos países capitalistas como o nosso, ela se limita a pequenas realizações demagógicas, fora da escala que o problema estabelece. É possível apenas mudar as favelas de lugar. Para extingui-las, teríamos que ir fundo no problema que se baseia na discrimina-

ção social e, desculpe o lugar-comum, na exploração do homem pelo homem.

– *Eu uma vez escrevi: "A construção de Brasília: a de um Estado totalitário". Que é que você acha dessa minha impressão, Oscar?*

– Quando Brasília foi inaugurada comentei no meu pequeno livro *Minha experiência em Brasília* o seguinte: "Com a mudança da capital, Brasília mudou muito e vemos com pesar que o ambiente se transformou por completo, perdendo aquela solidariedade humana que antes o distinguia, que nos dava a impressão de viver num mundo diferente, num mundo novo e justo que sempre desejamos. Vivíamos naquela época como uma grande família, sem preconceitos e desigualdades. Morávamos em casas iguais, comíamos nos mesmos restaurantes, freqüentávamos os mesmos locais de diversão. Até nossas roupas eram semelhantes. Unia-nos um clima de confraternização proveniente de idênticos desconfortos. Agora, tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos. Passamos a nos preocupar com a indumentária e a freqüentar locais de luxo e de discriminação. Vemos os nossos companheiros – os mais humildes – apenas de passagem e sentimos que uma barreira de classe nos separa. Nossas casas perderam aquele aspecto proletário que antes os atraíam, como se fossem as suas próprias casas, ou um prolongamento do nosso escritório, e o conforto de que hoje desfrutamos – embora modesto – os assusta e os intimida, retendo-os à nossa porta, como aguardando um convite indispensável. A conversa perdeu aquele calor humano – simples e inocente – que nos refazia, conduzida agora pelos que chegam – com nossa repulsa – para assuntos de lucros e especulações. Apenas aqueles companheiros não mudaram, com as misérias e reivindicações de sempre. Brasília mudou muito e isso nos deprime, apesar de compreen-

dermos as contingências decorrentes da cidade que cresce e que durante algum tempo, pelo menos, representará o regime capitalista, com todos os seus vícios e injustiças. Somos, entretanto, otimistas. Breve, a ilusão que perdemos será realidade".

– *Eu uma vez escrevi: "Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários". Também escrevi: "Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia, vêem nisso uma acusação; mas minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto deles e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério". Que é que você acha disso, Oscar?*

– Sua observação me deixa satisfeito. Meu intuito ao projetar a arquitetura de Brasília foi, antes de tudo, fazê-la diferente e, se possível, plena de surpresa e invenção. Pretendia uma arquitetura que a caracterizasse e, nesse aspecto, sinto-me realizado, vendo que seus elementos arquitetônicos – as colunas do Alvorada, por exemplo – vão se repetindo, utilizados nas formas mais diversas (construções, objetos, símbolos etc.). Um dia, há dois anos, passava por uma rua em Paris, quando vi, surpreso – estávamos no Natal – as colunas do Alvorada construídas em tamanho natural, como decoração do edifício da Kodak. E agradou-me mais ainda ouvir certa vez de André Malraux esse comentário: "As colunas do Alvorada são os elementos arquitetônicos mais importantes depois das colunas gregas."

– *Por que você acha que escrevi: "Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer."*

– Porque Brasília lhe parece uma cidade sem vida. Volto a André Malraux. Quando Le Corbusier comentou que Brasília estava ameaçada de abandono pelo

governo de Castelo Branco, ele respondeu: "Será uma pena! Mas que belas ruínas teremos."

– Eu escrevi: "A alma aqui não faz sombra no chão." "É urgente: se não for povoada, superpovoada, uma outra coisa vai habitá-la. E se acontecer, será demais: não haverá lugar para pessoas. Elas se sentirão tacitamente expulsas."

– O vazio da nova capital, ainda em construção, volta a impressioná-la. Se os operários que a construíram nela estivessem vivendo, se a sociedade fosse mais justa e a vida boa para todos, talvez Brasília não lhe desse esse sentimento de angústia e solidão. Afinal, Brasília já conta com cerca de 300 mil habitantes, mas a grande maioria, infelizmente, não vive nem participa de sua vida.

– Quais são os seus projetos agora, Oscar?

– Meus projetos se adaptam às circunstâncias e às convocações que recebo. Agora, por exemplo, sigo para a Argélia, convidado pelo governo argelino para elaborar o plano urbanístico de Argel, o Monumento à Revolução, a Universidade de Constantino e um centro esportivo. Os temas me atraem e por outro lado trata-se de um país como o nosso, cheio de problemas e esperanças. Vou primeiro a Argel, depois a Paris assistir ao lançamento da pedra fundamental do edifício sede do PCF, daí seguindo para Portugal, Madeira e Líbano, a fim de supervisionar meus projetos. Como você vê, encontro fora do Brasil uma receptividade que me comove. É arquitetura que se impõe e se divulga por todo o mundo.

– Quais as características da arquitetura brasileira?

– A arquitetura brasileira assumiu desde os primeiros tempos uma posição definida e própria no movimento moderno, ingressando corajosamente nas formas livres e inovadoras que hoje a caracterizam. Ao contrário do "ângulo reto", eram a curva e suas relações com o concreto armado e nossa tradição barroca que nos atraíam. Hoje, passados muitos anos, recordamos com agrado esse período importante da nossa arquitetura; as

críticas fáceis que a ignorância e a insensibilidade permitiam, críticas que os arquitetos do mundo, cansados de tanta repetição, hoje repudiam, atraídos como nós para a invenção arquitetural. Fomos os primeiros a recusar o funcionalismo absoluto e dizer francamente que a forma plástica em certos casos (quando o tema o permite) pode prevalecer, que a beleza é uma função e das mais importantes na arquitetura. Alguns arquitetos de outros países conduziram seus trabalhos dentro desses princípios, mas publicamente nunca os admitiram. Estas as características da arquitetura brasileira, características que se mantêm inclusive nas obras pré-fabricadas destinadas à coletividade, sem prejuízo de suas razões fundamentais, de tempo e de economia.

– *E o caso Kennedy?*

– Shiran Shiran é um pobre-diabo e os motivos que apresenta para explicar seu crime – ódio a Kennedy etc. – não mais convencem a ninguém. Os assassinatos dos irmãos Kennedy e de Luther King estão na mesma linha de violência e, a meu ver, os reacionários, os racistas, os grandes trustes e o império industrial militar é que poderão explicá-los. É a reação que, alarmada diante do mundo melhor que desponta, recorre à violência, à guerra e à mistificação. Mas a própria guerra do Vietnã nos faz otimistas, mostrando aos povos subdesenvolvidos que o poderio se abala quando a razão, a coragem e a determinação estão presentes.

– *Que pensa da nossa juventude?*

– Quase sempre julgamos a juventude pensando na juventude de nossa geração. Esquecemos que hoje ela está mais adulta, mais esclarecida e interessada em todos os problemas da época. Daí sua revolta diante desse mundo de privilégios, guerras e preconceitos. Representa um movimento de esquerda, porque para a esquerda segue a humanidade. Um movimento indefinido, mas cheio de espontaneidade e de idealismo. Somente os reacionários, os donos do dinheiro, dos privilégios e

preconceitos a combatem. A juventude representa o futuro, o mundo melhor que até hoje não conseguimos construir. Você está me perguntando qual é a coisa mais importante do mundo, qual a coisa mais importante para a vida de uma pessoa como indivíduo, e o que é o amor. Respondo-lhe: saber situar-se neste mundo de alegrias e tristezas em que vivemos, certos de que não estamos sozinhos, que milhões de criaturas nos cercam e que a vida é injusta e sem perspectivas. Sentir a fragilidade das coisas e a pouca importância de tudo que realizamos; ter prazer em ser útil e solidário com os que sofrem, usufruindo da vida os momentos de prazer e ilusão que ela nos propicia; dar ao amor o sentido universal que merece. Nascemos para amar. Para isso, sem consulta, fomos depositados neste planeta.

OSCAR NIEMEYER – O grande nome da Arquitetura Modernista. Entre suas obras mais importantes destacam-se os prédios governamentais de Brasília (Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto) além da Catedral e do Congresso Nacional. Em Belo Horizonte, o conjunto da Pampulha; no Rio de Janeiro, o Sambódromo. Integrou também as equipes que projetaram a Sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York, e o Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro.

CARLOS SCLIAR

"Gostaria que meus quadros incutissem
esperança e força a todos."

Há muito tempo eu não via Scliar – acho que desde o tempo áureo da revista *Senhor* – de modo que os primeiros momentos de nosso encontro foram gastos em efusões mútuas de amizade. Eu simplesmente gosto de Scliar. Isso é tão simples. E independente da grande admiração que tenho por ele. Bem, mas havia uma entrevista para fazer, ficamos mais sérios e comecei.

Conheço Scliar há muito tempo. Alguém nos apresentou e ficamos amigos. Amigos sinceros, simples e honestos. Entrevistá-lo é fácil porque ele tem as palavras claras e um raciocínio rápido. Nenhum pintor é obrigado a ser inteligente. Mas Scliar é e muito.

Eu lhe disse: "acho que você está sempre buscando novas formas e novas tintas. Estou certa ou estou errada?"

– Sei que estou tentando cada dia compreender melhor o que me cerca. Por isso, na medida em que me aproximo dessa compreensão, talvez tenha que formular diferentemente as coisas. Eu não sei se estou procurando formas novas. Penso que um artista fala sempre na primeira pessoa.

(É como primeira pessoa que ele vê o mundo.)

– *Qual é a sua fase atual?*

– Nunca sei em que fase estou. Sei somente, mais ou menos, aquelas por que passei.

(Com isso ele quer dizer que é um intuitivo e não racionaliza as coisas.)

– *Quais são os seus pintores preferidos?*

– Di Cavalcanti, Portinari, Segall, Tarsila, Bonadei e tantos outros de várias gerações que, com seu talento e teimosia, contribuíram para a criação de uma arte brasileira.

– *O que me diz da falsificação de quadros que anda por aí?*

– Vem do processo natural das coisas que nos cercam. Quando uma atividade se inicia, se dá lucro hones-

tamente, é claro, vem, sem tardar, uma atividade paralela, em que vale tudo.

– *Como é que você inventou um ocre tão extraordinário?*

– Não, eu não inventei nenhuma cor. Os ocres que emprego são todos *encontrados* nas regiões que cercam Ouro Preto e Itabirito, em Minas. Mas, como uso as cores, Clarice, depende de cada momento.

(Suponho que ele se refere à inspiração.)

– *Você está planejando alguma exposição?*

– Tenho, para este ano, uma vasta programação, na qual já estou mergulhado, pintando. Em junho, devo ter uma pequena retrospectiva, cerca de 50 peças, de 1940 a 1977, do meu acervo particular, mostradas no Museu de Arte Moderna da Bahia, organizada pela Fundação Cultural em Salvador. Junto será mostrado também, no mesmo local, meu painel *Ouro Preto 360 graus*, que pertence a um amigo meu de Brasília. Tenho exposições previstas para Porto Alegre (agosto), Rio (setembro) e Recife (outubro).

– *Eu soube que você fez doação de quadros seus. É verdade? Para quem?*

– Venho fazendo doações de quadros não meus, necessariamente, mas de pintores amigos, que respeito, para museus brasileiros. A última doação foi para o Museu de Arte de Resende.

– *Eu não ligo para a má crítica a meus livros. Pouco importa. E você, Scliar?*

– Penso que alguém como eu e você teima em realizar seu trabalho nas circunstâncias em que intelectuais e artistas são marginalizados. A gente acaba sobrevivendo, pois a crítica a que você se refere é parte desse processo que tempera quem tem algo a dizer.

– *Scliar, desde quando você pinta?*

– Há o que eu me lembro e há o que me contam. Com dez anos de idade, colaborava na imprensa do Rio Grande do Sul, na página infantil, escrevendo contos e

poemas, inventando lendas e, pouco depois, ilustrando esses mesmos trabalhos. Eu nem me dei conta da passagem da ilustração para uma preocupação com os problemas da pintura. Aliás, preocupação de tal ordem, que repeti dois anos de ginásio por não lhe dar a devida importância. Já nessa época, em 1935, eu participava de uma primeira exposição coletiva em Porto Alegre e depois organizava com amigos pintores a Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa (Aleijadinho). Não demos o nome de Aleijadinho com medo que nos chamassem de *os aleijadinhos*... Contam que comecei a pintar e a desenhar aos quatro ou cinco anos de idade, quando, desejando aprender a tocar piano, e a família achando que eu primeiro devia aprender a ler e a escrever, vinguei-me riscando todas as paredes internas e externas de nossa casa. Nunca mais parei de fazer isso...

– *Quer dizer que você poderia ter sido um grande escritor ou um grande concertista, pois grande você seria de qualquer modo. Se você não se encontrasse com a pintura, que faria?*

– Cinema.

– *Que tipo?*

– Aliás cinema eu já fiz. Desde que me conheço fui um fascinado por cinema e devo em parte a meu pai, um homem sequioso de conhecimento e arte que, muito garoto, me levava para assistir a filmes do cinema expressionista alemão da década de vinte a trinta, filmes que produziram tremendo impacto na minha sensibilidade. Anos mais tarde, em São Paulo, meu contato com Paulo Emílio Sales Gomes e pouco depois em Paris também com ele, na Cinemateca Francesa, eu redescobri fantásticas emoções já vividas quando garoto, revendo filmes que guardava perfeitos na memória. Em 1943, no Rio, em contato com Rui Santos, então jovem cinegrafista que trabalhava para "atualidades" e sonhava em realizar filmes de sua autoria, eu me vi convidado para fazer um filme. Realizei, com ajuda de Rui Santos na câmara, um

documentário chamado *Escadas*, sobre o ambiente em que viviam os pintores, meus amigos, Maria Helena Vieira da Silva, e Arpad Szenes. Pretendi mostrar o ambiente em que eles trabalhavam e provar que mesmo as aparentes abstrações ou aparentes dificuldades de leitura em seus quadros nasciam de uma vivência, de um contato íntegro com o ambiente novo que eles refletiam em termos de pintura na sua obra. Como estás vendo, era um filme pretensioso. Resultou num filme bonito como fotografia, misterioso como linguagem e, o fato de ter sido vaiado em muitas sessões, segundo me contaram, me convenceu na ocasião de que...

– *... tinha feito obra de arte?*

– Exato. As circunstâncias ajudam a que mantenha este ponto de vista, uma vez que não existe mais uma cópia para provar o contrário...

(Nós dois rimos.)

– Em 1948, em minha estada em Paris, me convenci de que a pretensão de repetir Leonardo da Vinci era exorbitante e, estando convencido de que talento e pretensão não eram suficientes, decidi me concentrar na pintura, que já o trabalho não seria pouco nesta vida.

Neste momento fomos interrompidos pela chegada da fotógrafa. E depois ele trouxe os quadros para a sala. E, se fosse questão de jurar, eu juraria que Scliar está numa fase nova maravilhosa. Scliar está subindo cada vez mais e experimentando sempre. Mas continua a fazer retratos. Inclusive acha que fazer retratos é uma grande disciplina.

Scliar me diz que gostaria de falar sobre a sua responsabilidade.

– Acho que quando uma pessoa estrutura sua profissão assume uma responsabilidade para consigo mesma e para com os outros. Creio que você já deve ter percebido que sou um otimista, porque creio nos destinos da humanidade. Isso pode te parecer vago, mas me considero um homem rico de tudo o que os outros construí-

ram para mim. Minha responsabilidade começa no instante em que me dou conta disso e desejo retribuir. Por pouco que eu faça, se conseguir estimular idéias e sentimentos e outras coisas que não sei, alguma coisa estarei construindo.

Ficamos algum tempo em silêncio.

– Clarice, acho que alguma coisa eu aprendi na Europa, depois de uma primeira viagem como soldado da FEB, quando descobri que a vida é uma coisa fantástica que deve ser vivida todos os instantes: houve então uma primeira modificação substancial em mim e em minha pintura. Até então eu mostrara em meus quadros a minha comoção diante da miséria, o meu protesto contra uma sociedade que criava isso. Na volta da Itália, me vi redescobrindo a beleza de um objeto, a beleza de uma flor, a beleza de um movimento, me vi em idílio com o mundo, com uma saúde que, por mais conspurcada pela sociedade, explodia apesar de tudo com uma força de sol.

(Está bem, Scliar, isso me explica em parte como, apesar de nossa forma social, conseguimos dormir de noite.)

– Eu não creio, continuou ele, que essa posição faça de minha pintura uma arte alegre. Mas não é uma arte negativa também.

Falamos de Djanira. E Scliar disse:

– Ela é uma força de natureza. Por isso não há doença que possa abatê-la.

(Amém.)

Contei que entrevistara Fayga Ostrower, Djanira e ele. Scliar comentou:

– São três artistas de formação diversa.

Silêncio.

– Para mim, que fui um pintor teimoso, mas que não vivia profissionalmente do meu trabalho, vivo, nestes últimos anos, em que encontrei um público interessado, que acompanha tudo o que faço, vivo pois sur-

preendido até hoje e, muitas vezes, acordando sem compreender exatamente o que está acontecendo. Acho que a comunicação é fundamental e sou um homem que gosta de gente, que tem confiança nos homens que trabalham e produzem tudo aquilo que nos rodeia. O que eu desejaria [Clarice] era conseguir que meus quadros fossem uma espécie de esperanto e incutissem esperança e força a todos.

Silêncio.

– Todas as coisas que lhe disse não impedem que eu seja um homem isolado. Mas acho que isso é próprio da condição de quem produz uma obra de arte. Penso também que essa mesma obra se multiplica, se amplia e se transforma em algo que eu não podia prever nos olhos dos que me vêem.

– *Scliar, qual é a coisa mais importante do mundo?*

– O homem.

– *Qual é a coisa mais importante para uma pessoa, como indivíduo?*

– O ser respeitado como homem e o saber respeitar os outros.

– *O que é o amor?*

– É estar integrado nas coisas que me estimulam por todos os poros.

CARLOS SCLIAR – Pintor e gravurista. Ativista social. Participou do projeto gráfico da revista *Senhor*, ocasião em que conheceu Clarice Lispector pessoalmente, pois já entrara em contato com sua obra quando seguiu para a Itália, em 1944, com o 2º Escalão da FEB, levando em sua mochila um exemplar de *Perto do coração selvagem*.

MARIA BONOMI

Maria Bonomi, uma das nossas maiores gravadoras, revela a Clarice Lispector os segredos de sua arte, e da sua alma.

– Estou derrubando limites. É uma fuga para dentro se você quiser. Dá medo, Clarice. É quase brincar com a morte – diz Maria Bonomi. Ela é jovem, forte, vital, franca como um cavalo de fina raça de corrida. Na gravura porém ela é implícita. Isto é, não extravasa o intimismo de sua arte. Gosto de Maria, o que não é novidade, já que sou madrinha de seu filho Cassio. Maria, apesar de ser bem adulta é consciente de si própria e dos outros, tem um sorriso inocente de criança. Ela sabe se divertir... com as coisas e com o mundo.

– *Maria, o que a levou à gravura?*

– O que te levou à literatura, ou melhor, ou que te levou à escrever? Minha resposta é igual à que você daria. É aquela mania de ficar procurando como dizer melhor o que se precisa dizer.

– *Você alguma vez já pintou retrato?*

– Eu pintava muito retrato, muita paisagem muito nu artístico, enfim, estava seguindo os conselhos de Lasar Segal (garota, ainda) e acompanhando o curso de Yolanda Mohalyj, em São Paulo. Em 1952, participei de uma mostra coletiva no Museu de Arte de São Paulo, com uma porção de *gouaches* e aquarelas de naturezas mortas. Havia até o retrato de um galo de louça portuguesa. Desenhava, a carvão, corpos nus, bem acadêmicos com até sombras de claro-escuro. Fora isso adorava paisagens de tudo que era jeito e lugar. O fundo do meu quintal foi quadro mil vezes e bem caprichado a óleo sobre tela e aquarela. Não fosse assim como tinha ousado com 11 anos de idade ilustrar apenas para o meu consumo, o autor nem sabe disso, *O Cobra Norato* de Raul Bopp?

– A quem você deve a aprendizagem da gravura?

– Era aquela loucurada de ver tudo o que fosse exposição. Da Yolanda Mohalyj, fui trabalhar com Karl Plattner em pinturas de encaustica. Um belo dia entro numa exposição do Lívio Abramo. Foi aquela coisa. Vi algo que procurava há muito tempo. Sabe, eu pintava e desenhava mas não era bem o que queria. Tanto assim que tenho uma porção de desenhos daquele tempo em que riscava ou *cavava* com uma ponta por cima de espaços pintados. Como conseqüência rasgava o papel ou sulcava o cartão. Enfim, estava procurando mesmo sem saber, um outro resultado, algo de luz vindo por trás da imagem, um efeito que estruturasse o espaço e não apenas o preenchesse. É difícil explicar mas ao ver as gravuras de Lívio Abramo fiquei completamente alucinada. Era algo no plano da revelação. Abandonei todos os trabalhos e técnicas e fiquei no pé do Lívio um tempão, para que me ensinasse a gravar. Foi duro. Ele achava que eu não tinha jeito e, após uma recusa inicial, diante da minha insistência, me deixou lixando madeira e afiando instrumentos por mais de dois meses. Pouco depois me colocou no linóleo. Ainda não merecia as árvores. E eu, doendo só de olhar ele trabalhando perto de mim. Fui olhando e a aprendizagem começou. O resto, você sabe. Com aquela bolsa fui aos Estados Unidos (em Washington conheci você, lembra-se?) e trabalhei com um gravador alemão expressionista (Hans Muller) no curso de artes gráficas da Universidade de Columbia, além do chinês Seong Moy, no Instituto Pratt. Este também me marcou muito, ele e o Lívio foram os que mais me formaram. Adja Yunkers, cujo ateliê eu freqüentei em Nova York, também me marcou. Enfim, a gente é soma mesmo. Mais soma do que gostaria de ser.

– O que acha de Fayga Ostrower?

– Da Fayga tirei muito leite também. Aliás ela é essencialmente uma mestra mesmo quando o contato não é de aluno-professor. Ela ensina gravura para a gente

até subindo sentada a teu lado no bondinho de Santa Teresa. É assim que eu ia vê-la antigamente quando ela morava no fim da linha. Lá em cima Fayga é gente e está acima do bem e do mal. Me assustam um pouco as certezas que ela tem. Aliás todas as pessoas que sabem das coisas e tem certezas me apavoram um pouco.

(Maria Bonomi, se você soubesse como eu sou incerta e assustada...)

Quando eu era mais moça – prossegue ela – queria crescer e, um dia, ser como Fayga. Ela fez a gravura certa no pior momento.

– *Você gosta de fazer cenários de teatro?*

– Clarice, gosto de tudo. E também de cenário de teatro, porque se sai para um espaço mais certo e envolvente. Porque é trabalho de equipe, em cima de um conceito. Porque se pode chegar a uma enorme eloqüência com o visual, antes do dramático e do textual. O olho pode ver num segundo e abranger em poucos lances o que vai levar horas para ser dito ou representado. Quando digo que gosto de tudo, é porque no visual se comunica além da consciência. Você fala aos sentidos antes de falar a razão. Por isso, meu próximo passo em gravura serão uns enormes painéis de concreto que estou fazendo em fachadas ou saguões de prédios. São experiências com cinema, projeções e até alguns inventos. No momento, estou teoricamente empenhada em desviar um rio. É novo tipo de desenho que gostaria de operar na natureza, dedicando-o a uma certa pessoa que agüenta o meu cotidiano. É um sulco para um rio deixar de correr no seu leito e passar a correr dentro. Não deixa de ser uma forma de gravura. Saí da área dos inventos e passei aos territórios das pulsações. Isto está muito ligado à gravura, onde o impulso da mão no instrumento *informa* a imagem.

– *Por que você começou a imprimir com cores?*

– Devo confessar que a cor, para a minha gravura, demorou muito a surgir. Talvez porque abrandasse

muito a linguagem gráfica mais pura. A cor me parecia algo a mais para a imagem final ganhar toda a força. Mais uma possibilidade incorporada a expressão. No entanto, até hoje, concebo as imagens sempre em branco e preto, ou em cheios e vazios, ou massa e luz, como você preferir. Só na fase final da imagem entro com a cor.

MARIA BONOMI – Gravadora e pintora, viajou para os Estados Unidos em meados da década de 50, onde fez aprendizado de artes gráficas na Universidade de Columbia. Nesta ocasião conheceu Clarice Lispector, qua acabou se tornando madrinha de Cássio, filho de seu casamento com Antunes Filho. Entre as suas obras mais recentes estão *Epopéia paulista* (Estação da Luz), *Futura memória* e *Etnias* (Memorial da América Latina).

FAYGA OSTROWER

Fayga Ostrower sabe do que está falando quando escreve sobre a arte de fazer arte. Ela estuda há 20 anos todas as expressões da criatividade humana. E também cria.

Falar em Fayga Ostrower é falar na essência da arte. E quando um artista deste nível escreve sobre *Criatividade e processos de criação* (pois é este o título de seu precioso livro) – então é o caso de se levar tudo muito a sério mesmo. Achei Fayga extremamente bondosa em repartir conosco o que pensa da criação.

No livro procurei abordar o problema da criatividade em geral. O segundo ponto a esclarecer é que embora eu use ilustrações de obras de arte para poder exemplificar certos aspectos na criatividade – por ser a linguagem artística a mais familiar a mim – o livro não é de modo algum unicamente sobre arte nem mesmo principalmente sobre arte. E sobretudo sobre o trabalho humano. Vinculo a criatividade a propostas de trabalho, sendo que considero a arte como uma das formas de trabalho. E acrescentou uma bela verdade: "Não é somente na arte que se cria."

– Fayga, por que você sentiu necessidade de escrever esse livro?

– Nos 20 anos em que leciono teoria de arte, problemas de composição, espaço, estilos, pude constatar que a criatividade é o problema mais íntimo e mais profundo das pessoas, jovens ou adultas, problema ligado ao senso de produtividade de cada um e portanto ao próprio sentido da vida. Por isto é tão importante para as pessoas. Escrevi o livro pela mesma razão por que leciono: sei que tenho potencialidades didáticas e quero comunicar algo que para mim é da maior relevância, algo sobre as riquezas da cultura humana.

– Está havendo uma verdadeira avalancha de artistas plásticos, bons e ruins. Como é que você explica este surto, esta espécie de inflação do mercado?

– Penso que o fenômeno se prende menos a considerações de *mercado* se bem que elas influam quanto aos

valores de nossa sociedade na chamada qualidade de vida. Procura-se na arte uma saída diante das opções francamente anti-humanistas de nossa sociedade. A arte representa um caminho onde o homem eventualmente ainda poderia realizar-se enquanto ser humano.

– *Nesta avalancha, Fayga, há realmente arte ou apenas grandes habilidades, como é a minha opinião?*

– Deve ter de tudo. Não é possível responder de modo geral. Só é possível avaliar casos concretos.

– *Você vive de sua arte?*

– Hoje após quase 30 anos de trabalho profissional, eu talvez pudesse viver de minha arte. Este problema é da dignidade de viver do seu trabalho e um dos problemas seriíssimos em nossos dias não só para o artista como para o intelectual em geral.

– *Quanto tempo você leva para terminar um quadro, de um modo geral?*

– Novamente acho impossível responder à pergunta de um modo geral. Às vezes chego ao fim depressa e às vezes não. O tempo de elaboração de uma obra é inteiramente imprevisível – eu imaginava poder escrever o livro em três ou quatro meses e acabei levando 18 meses. O momento final de uma obra, quando a consideramos *terminada*, é um momento decisivo, percebido intuitivamente. Não apenas é pessoal como nunca pode ser programado.

– *É como na arte literária, exatamente. E que conselho você daria a um artista principiante?*

– Acho muito difícil dar conselhos. Só poderia perguntar ao jovem por que ele quer ser artista. Se é por questões de carreira ou de dinheiro ou de *status*, não vale a pena. Existem outros caminhos mais rápidos e também mais satisfatórios para esses casos, mesmo no sentido de uma afirmação interior por um trabalho realizado. Se porém for por uma necessidade interior, de sensibilidade e de potencialidades específicas então acho que ele deverá prosseguir. Aliás, neste caso ele o fará de qualquer modo, independentemente de conselhos. E também ele

encontrará a coragem de enfrentar os problemas materiais e espirituais, os problemas consideráveis de marginalização em nossa sociedade e que existem no caminho artístico. (E também o que de um modo geral digo quando me pedem conselhos sobre como ser escritor.)

– *Você sofre enquanto cria?*

– Sim.

– *Você planeja sua arte antecipadamente ou a realiza enquanto cria?*

– Penso que se trata de um só processo. Enquanto se realiza um determinado trabalho, ele continua sendo planejado. Ou seja, quando se executam certas possibilidades que foram imaginadas. É um processo dinâmico pois no momento da criação criam-se novos fatos (...) que trazem novas possibilidades a serem realizadas.

Foi por isso que fiz uma pergunta a Fayga, pergunta essa que tanto fazem a mim. A pergunta:

– *Você se julga realizada?*

– Não sei responder a sua pergunta. (Nem eu.)

– *Fayga, eu às vezes tenho náusea da palavra escrita. Isto só sucede com a palavra escrita ou acontece também o mesmo ao artista plástico?*

– O que sinto é uma mistura de muita coisa a qual me é difícil dar nome. Mas certamente não a chamaria de náusea. Talvez... talvez responsabilidade, talvez fracasso, talvez busca ativa.(...)

FAYGA OSTROWER – Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora. Seus trabalhos se encontram nos principais museus brasileiros, da Europa e das Américas. Recebeu o Grande Prêmio nas bienais de Florença, Buenos Aires, México, Venezuela e outros. Lecionou em universidades estrangeiras e brasileiras. Desenvolveu também cursos para operários e centros comunitários, visando a divulgação da arte.

AUGUSTO RODRIGUES

"Os artistas são raros. Os equívocos são mais comuns."

Era uma vez um homem bom, muito inteligente, cheio de talento para desenho e fotografia, e cheio de amor ao próximo. Este homem se chama Augusto Rodrigues e mora num dos lugares mais bonitos do Brasil, o largo do Boticário, entre árvores e pássaros e borboletas. Diante de tanto, perguntei-lhe:

– *Augusto, você se sente um homem realizado?*

– Não. Nem quando o sujeito veste o pijama de madeira pode se achar realizado. O que caracteriza o homem quando ele tem uma dimensão criadora – e será que todos não a têm? – é uma busca incessante, uma constante reformulação e a dramática procura do encontro com a sua verdadeira imagem.

– *Você levava uma vida de boêmio. Como é a boêmia?*

– Como fui boêmio, sou ex. E o "ex" é sempre a coisa mais nostálgica do mundo. Até quando o sujeito, de ferroviário, passa a industrial e a espectador de balé. O boêmio tem que ser livre. E ter uma cumplicidade com a noite, que é menos responsável que o dia. Eu já não me sinto tão livre.

– *Por quê?*

– Porque hoje eu já tenho compromisso com o dia e com a manhã. Uma vez, me desentendi com uma funcionária dos Correios e, como boêmio, tive de repente a certeza de que, sendo ela do dia e eu da noite, os dois não podiam se entender. É verdade que, não sendo mais boêmio, procuro preservar dentro de mim a tranqüilidade da noite. Boêmia é conversa sem fim. Só o boêmio podia fazer a biografia de Caymmi. Ele é que tem disponibilidade de tempo para compreender as andanças de Caymmi em terra e mar. Suas canções foram feitas de parceria com os peixes. Eu tenho dúvida se o Caymmi transcende o baiano ou se é receita ou soma de baiano.

– Quais eram os seus companheiros de boêmia?

– Bom, o Fernando Lobo, ainda de calças curtas, o Antonio Maria, antes de saber ler e escrever, Caymmi. Mas, na verdade, para boêmio, quem se senta na mesa e conhece a noite é da família.

– Você é o que se chama de boêmio. No entanto, é um grande realizador. Fale-me, por exemplo, das "escolinhas de arte" que você inventou.

– É mais fácil a gente falar de um sonho do que da coisa que existe. Quando você me formula a pergunta e diz "a sua escolinha", me obriga a pensar em alguma coisa que é mais minha: às vezes, há sujeitos que compram duas ações da Brahma e pensam que são donos da Brahma. Em verdade, eu participei de um grupo que imaginou algo onde os dividendos não devem ir para quem faz ou trabalha, mas para os que recebem.

– No entanto sabemos que a idéia partiu dele.

– A idéia veio por um processo de reminiscência de viver numa escola repressiva, onde a palavra liberdade estava destituída de sentido e onde a criação era substituída pela monotonia da memorização, da repetição e da imposição de tudo já preestabelecido, entende? A lei de gravidade, por exemplo, só tem encanto para mim por causa da história da maçã. Eu posso mesmo imaginar que antes da maçã Newton estava já cansado de saber da lei de gravidade. Então, eu vinha de uma escola onde o mundo era explicado num círculo de giz no quadro-negro frio e vazio, enquanto dentro da criança havia a inquietação do saber através da vivência. Deve ter sido uma das razões da escolinha de arte. Aquilo que eu pensava, vim depois encontrar numa frase do padre Lebret que fala na relação direta entre ser e objeto – a experiência viva que é você poder encontrar a verdade da vida. Falando do padre Lebret, me lembro de uma frase dele que me fez esforçar-me para não perder a humildade. "Não adianta ruminar antes de pastar" é a frase que me fez não andar por aí cantando loas.

Aliás, ele dizia ainda outro troço que é mais importante: "Não há outro jeito senão entrar no banho". Quando a gente fala demais, a gente se enrola, mas para bom entendedor meia palavra basta.

– Já saiu dessas escolinhas algum nome que se pudesse destacar no plano da arte?

– Os artistas são raros. Há mais equívocos que artistas. E eu acredito que o que mais importa na escolinha é que evita equívocos, ou seja, o falso encaminhamento. Bem, vamos dizer que existem preconceitos com arte. Mas se os adolescentes tivessem, no seu processo educativo, o desenvolvimento de amplas capacidades criadoras certamente surgiriam, por exemplo, químicos encontrando na química o processo criador. Ou em qualquer outra atividade humana. Seriam seres livres e criadores. Toda escola institucional ainda está impregnada da idéia do artista como ser sobrenatural. O que evidentemente só pode preparar equívocos ou então a valorização do habilidoso em detrimento dos mais sensíveis. Você sabe que quem faz a tese da necessidade vital de criação e a tese de que todo ser é um ser criador, é um biólogo. Antigamente era o artista em angústia de sobreviver e salvaguardar sua imagem o que defendia a arte. Como necessidade vital. Está entendendo? Vamos ver se eu posso dizer. (Longa pausa, olhar longínquo.) Houve tempo em que para mim algumas coisas eram importantes. Hoje talvez, por um processo de amadurecimento, eu não sei mais o que não é importante. Eu talvez comece a desconfiar de que tudo é importante. Tudo, desde que seja genuíno, desde que venha de dentro para fora. Ver é tão importante como desenhar, se o olho envolve a imagem com paixão. O pensamento abstrato é tão importante como se você semear e antever o fruto e a flor. É possível que o desenhar, para mim, seja uma forma, natural e espontânea, de trazer à superfície emoções, sentimentos etc.

– Seu traço, Augusto, é muito puro. Por que você não faz uma exposição do que você já deve ter acumulado?

– Vou fazer uma exposição agora, na Cavilha, que é uma galeria que se inaugurou na rua Dias da Rocha. Há muito tempo que não exponho. Fiz uma exposição em Belo Horizonte e com bastante êxito. Ultimamente, comecei a pensar se não estava virando um artista de grupo: se não estava desenhando para pessoas que vinham ver os meus desenhos. E ninguém deve fazer arte para A ou B. Quando se fez como Van Gogh, que só encontrou Teo, foi com a intenção de tornar Teo um depositário de uma arte que era para todos. A única arte com endereço marcado é a de pintor de grã-finas. Não sou contra as grã-finas, nem contra esses pintores. Não uso a repressão. Só me interessa saber se o cerne da paixão não está contaminado com o germe do mal, da destruição.

– Você, que é comunicativo, receptivo e tem tantos amigos, experimenta também a solidão?

– Claro, claro. E quem é, sem a solidão? E quem vai ter a consciência do ser, se às vezes não está só? Quem lhe dá a sua dimensão, senão a solidão? E quem se comunica, se não é também só?

– Então, sua solidão não é dolorosa.

– A solidão é um processo normal da consciência. Se o sujeito não é também um solitário, termina sendo um comedor de croquetes de embaixada ou então o orador que vai na oratória do pianíssimo ao Wagner.

– Como é seu dia, Augusto, de um modo geral?

– Meu dia? Estou preocupado em descobrir uma hora em que eu possa ficar sentado numa rede, conversar gratuito e olhar a paisagem.

– Você é tão ocupado assim?

– Sou muito dividido entre a análise do problema da educação, porque tenho uma escola, na descoberta de uma palavra amiga para o amigo, estou fazendo desenho, ocupado no atendimento do corriqueiro do coti-

diano, no que a gente podia chamar no levantamento de mês para a gente sobreviver, no beber a cervejinha, no esperar ou ver as cópias das fotografias tiradas. No sofrer os acontecimentos do dia tão trágico em todos os lados, no pensamento constante de dois filhos – uma filha em São Paulo e o outro em Paris. E, pensando bem, as horas são poucas para a gente resolver tanto quanto imagina.

– Qual foi (ou foram) a experiência mais significativa de sua vida?

– A experiência que deu mais significação à minha vida foi entrar no campo da educação, que exige um inter-relacionamento com todos os aspectos da vida. Ensinar não é senão aprender. E o conhecimento transcende na atitude, não sei se a palavra é transcende – como é que eu poderia explicar? É assim: puramente na atitude, você já transmite o conhecimento ou toma vivo algo por um simples processo de emulação. Educação deve ser um processo tão criador que tudo o que resulte dela seja por contaminação. O que existe de mais constante na minha vida é a reformulação dela.

– Você já foi obrigado a fazer um sacrifício? E como se deu?

– Já. Por exemplo, chegar num lugar, ser chamado de figura do magistério e ter que falar alguma coisa. Isso para mim é um sacrifício, como é sacrifício me condicionar dentro de situações falsas. Claro que o crescimento de uma árvore não escapa ao condicionamento com a terra, o sol etc. Mas acho que o homem, no mundo atual, tem condicionamentos mais dramáticos do que a árvore. Por exemplo, a planta pequena se esgueira entre as grandes para descobrir o sol. Mas o homem, entre tantas dificuldades, consegue se esgueirar, de tal forma estão organizadas as forças coercitivas.

– Você é muito amado pelos seus amigos e amigas. Na sua opinião, isso se deve a quê?

– É porque eu tenho amor a eles e às vezes circula a mesma moeda.

– Se inteligência e bondade não puderem vir juntas, qual é a que você prefere?

– A bondade é a forma mais alta de inteligência. Um sábio que não é bom ignora o pressuposto mais alto da vida. E quem pode ser sábio ignorando o básico?

– Quando se revelou em você o talento para desenho?

– Em primeiro lugar, tenho uma dúvida enorme se tenho talento e nem acho fundamental ter o talento. Fundamental é, dentro do que se é, realizar o que se pode e, se possível, bem. A meta é fazer bem. Talento, no fundo... Eu talvez prefira ficar com o sapateiro passional de Campina Grande que, por tão pouco, fazia tão bem o seu trabalho. E ele me respondeu: se não é para fazer bem, para que fazer?

– Você é uma das pessoas mais cordiais que conheço. Isso é um dom com que você nasceu ou foi adquirido pela experiência com os seres humanos?

– Não sei, realmente talvez eu tenha humildade. Não digo que é como a de São Francisco de Assis que conseguia conversar com os passarinhos. Mas aquela humildade que uma empregada descobriu em mim quando dizia: "meu patrão anda baixinho". O orgulho que tenho é no meio de tanta confusão ainda ser o que fui e ser o que sou. Sem drama, mas sensível ao drama existente. A coisa que realmente é possessiva é a do homem quanto à mulher amada. O resto, para quê?

– Quando eu posei para você, você jogou muito papel fora. Foi porque você me achou difícil de desenhar ou simplesmente não era o dia "certo"?

– Ao retrato antecede uma imagem. E a imagem que a gente tem de alguém pode estar dentro de nós, mas o problema plástico é outro. Matisse, por exemplo, pegava vários retratos de um modelo para descobrir o que, em essencial, era o modelo. Ele era intuitivo e racional. O problema que eu tinha em relação a seu retrato é que eu tinha mais sensações do que idéias e,

quem sabe, talvez eu considerasse mais importante conversar em vez de fazer o retrato. Conversar na busca de conhecer que independe do retrato. Existem pessoas para quem só existe o retrato, a imagem reproduzida. Há pessoas que existem porque têm uma biografia. E outros que só existem.

AUGUSTO RODRIGUES – Artista plástico e chargista. Publicou charges e caricaturas em vários veículos da imprensa brasileira, entre os quais *A Nota*, *O Jornal* e *Diário de São Paulo*. Foi o fundador, em 1948, da primeira Escolinha de Arte no Brasil, que tinha, entre suas propostas, renovar os métodos de educação da criança brasileira.

MARIA MARTINS

"A juventude sempre tem razão."

Como começar o diálogo com minha amiga Maria Martins? A escultora e embaixatriz Maria Martins, cujo marido, Carlos Martins, teve uma das mais belas carreiras do Itamarati? Bem, achei que de qualquer modo terminaríamos tocando em pontos importantes pois trata-se de uma pessoa com várias facetas e em todas se realizou. O que lhe dá encanto também – além de uma juventude surpreendente, que a torna mais jovem do que muitos jovens de alma endurecida que andam por aí – é que, misturada à segurança que vem de uma personalidade forte, há nela uma espécie de doçura e de falta de orgulho.

– Maria, diga-me, se puder, o que você acha da vida diplomática. Já jantei várias vezes em sua casa e você sabe receber como poucas vezes vi na minha própria "carreira" de ex-mulher de diplomata. Qual é o seu segredo?

– Você me fez duas perguntas. Acho que a vida diplomática outrora foi uma beleza porque de fato o embaixador representava o seu governo: a responsabilidade era total do representante diplomático que decidia na hora o que julgava ser o melhor para o seu país. Hoje a diplomacia é uma droga. O diplomata não passa de um caixeiro-viajante para vender café, meia de náilon etc., e quando tem uma vitória política, se por acaso acontece, é do seu governo. Quando tem um fracasso é dele, diplomata. O lado bom da carreira é que em cada país a gente encontra gente interessante nas artes, na ciência, na política. Pois ninguém sabe por quê, o diplomata fascina. E você, Clarice, qual é a sua experiência de vida diplomática, você que é uma mulher inteligente?

– Não sou inteligente, sou sensível, Maria. E, respondendo à sua pergunta: eu me refugiei em escrever.

– Meu segredo de receber, como você perguntou, é o de reunir amigos inteligentes, mesmo que de campos inteiramente opostos.

– Como é que você conservou a espontaneidade, mesmo depois de uma longa carreira de mulher de diplomata, o que é raríssimo?

– Respondo como você: porque eu me refugiei na arte.

– É, você conseguiu esculpir, eu consegui escrever. Qual o nosso mútuo milagre? Acho, eu mesma, que conseguimos devido a uma vocação bastante forte e uma falta de medo de ser considerada "diferente" no ambiente social diplomático. Que é que você acha?

– Estou segura de que você tem razão. Eu sempre dividi a minha vida em duas partes: das sete da manhã às seis da tarde eu vivia fechada em meu *atelier*, entregue absolutamente aos meus problemas de formas, de cores, e num isolamento que me permitia depois uma imensa alegria de reencontrar não raro bons amigos. Você, como eu, sem que ninguém acredite, é tímida. Por que não aceitam a nossa timidez?

– Assim como não aceitam a verdadeira humildade. Além do mais a maioria das pessoas é estereotipada e não consegue admitir de coração puro o individualismo.

– Mas, Clarice, você já superou essa fase, você é um monstro sagrado, e não há ninguém no Brasil incapaz de te ver tal como és: luminosa e triste.

– Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa. Como é que você descobriu que tinha talento para a escultura?

– Eu não descobri. Um dia me deu vontade de talhar madeira e saiu um objeto que eu amei. E depois desse dia me entreguei de corpo e alma à escultura. Primeiro em terracota, depois em mármore, depois cera perdida que não tem limitações.

– *O que é cera perdida?*

– É um processo muito remoto, do tempo dos egípcios antigos. É cera de abelha misturada com um pouco de gordura para ficar mais macia. Aí você vai ao infinito porque não tem limites.

– *É durável esse material? Desculpe minha ignorância.*

– A cera perdida é um modo de se expressar. Porque depois se recobre essa cera com sílico e gesso e põe-se ao forno para que a cera derreta e deixe o negativo. Aí você vê a coisa mais linda do mundo: o bronze líquido como uma chama e que toma a forma que a cera deixou.

– *Onde você fez exposições e onde é que se podem ver seus trabalhos?*

– Fiz diversas exposições individuais em Nova York, Paris, no Rio, em São Paulo. E também em conjunto em quase todas as capitais da Europa. Meus trabalhos estão em museus de Nova York, San Francisco, Chicago etc., e Paris, São Paulo e Rio. E em diversas coleções particulares.

– *Como você vê sua escultura, como figurativista ou abstracionista?*

– Eu sou antiismos. Dizem que sou surrealista.

– *Qual é a sua melhor lembrança como escultora?*

– A melhor lembrança é quando começo uma escultura. No meio fico um pouco desanimada, no fim nunca é o que eu queria, e fico com esperança na próxima.

– *Qual foi a sua melhor lembrança como mulher de diplomata?*

– Conhecer o Japão. Foi o posto que mais me interessou, porque lá tudo era novo para mim.

– *E seus livros?*

– Escrever para mim, Clarice, é um prazer tão grande que nem sei explicar, e menos penoso do que esculpir. Mas nunca chego a dizer exatamente o que eu queria.

– *Que é que você acha da juventude de hoje?*

– Acho, Clarice, que a juventude tem sempre razão e isso de querer fazer deles robôs não dará certo nem eles se submeterão. É a minha esperança.

– *E o que é que você me diz, Maria, do movimento dos estudantes no mundo inteiro?*

– Acho que é um fenômeno tão interessante, tão extraordinário, tão humano. Havendo o mesmo movimento nos países socialistas e nas democracias é um sinal evidente de que a mocidade tem razão.

– *Se você tivesse que recomeçar sua vida do início, que destino escolheria, se é que se escolhe destino?*

– Eu seria uma artista como sou, livre e libertada.

– *Maria, a vida é difícil. Mas vale a pena viver?*

– Vale, Clarice, porque a morte, afinal, é a última coisa de onde a gente não pode voltar. Apesar de tudo, acho a vida uma beleza.

MARIA MARTINS – Escultora. Sua obra é citada com destaque em quase todos os estudos sobre o surrealismo. Casada com o embaixador Carlos Martins construiu sua carreira na Europa, tornou-se amiga de Picasso e Mondrian, desafiou a sociedade de seu tempo vivendo um romance proibido com Marcel Duchamp, que a teve como musa e modelo de obras fundamentais. Uma das primeiras artistas premiadas na Bienal de São Paulo, da qual foi uma das mentoras, assim como influiu na criação do Museu de Arte Moderna do Rio. Em 1941, destacou-se na Corcoran Gallery of Art em Washington e um dos trabalhos expostos foi adquirido pelo Museum of Modern Art in New York.

MÁRIO CRAVO

"O dedão do pé pode ser mais expressivo que
o rosto de uma donzela."

Num catálogo para uma exposição em Salvador, Mário Cravo escreveu: "Três estados do ferro, título dado à presente mostra, surge de 16 anos de colóquio mantido com o ferro, material insólito e frágil, ao mesmo tempo terno e bárbaro. Os estados, aos quais me refiro, são os diferentes tipos de tratamento de superfície das esculturas." E explica os estados: o primeiro estado do ferro é encontrado nas esculturas lixadas ou levemente polidas, protegidas por uma tênue camada de verniz sintético e incolor, para evitar a ferrugem e a perda de brilho. "Sua cor de chumbo é marcante, o reflexo um tanto fosco."

O segundo estado, segundo Mário Cravo, está em esculturas de menor porte, de cor amarelo-brilhante: aplicação de latão em fusão sobre a superfície do ferro ao rubro. "Em alguns casos adiciono o cobre a tal técnica de revestimento e notamos sua presença através de tons levemente róseos." E o último e terceiro estado: as esculturas oxidadas, que deixam o escultor frente a frente com a matéria. "A predominância é de marrom-avermelhado, característica do óxido de ferro. A superfície grossa vem dos respingos de solda elétrica." E, acrescenta Cravo, "finalmente o ferro descobre sua quietude baça, presente ao escultor, que tantos anos levou para aceitar a oxidação como valor imanente à própria matéria".

Foi em busca de ver esses fascinantes estados da escultura de Mário Cravo que o procuramos no seu enorme atelier: todo um porão de uma casa grande. Foi difícil achar a casa, e afinal eis-nos diante do escultor: 46 anos e uma bela cabeça de homem.

– *Que é que faz de um homem um artista, Mário?*

– Primeiro, ser essencialmente homem, primeiro que tudo. Segundo, uma dose acima da média de sensibilidade. Terceiro, a capacidade de controlar e orientar em termos construtivos essa força interior. Quarto, querer, como todo homem, transformar o mundo, interferir nele.

– *Quais foram os seus mestres?*

– No início meu interesse era astronomia, e o prof. Aurélio Menezes, professor de geodésia, deu-me sua

compreensão. Depois tive o apoio de um velho santeiro baiano, o último de sua estirpe, Pedro Ferreira.

– *Que tipo de apoio o santeiro lhe deu?*

– Ele me introduziu nas técnicas tradicionais da escultura em madeira. No Rio de Janeiro, Humberto Cozzo, um escultor, transmitiu-me seus conhecimentos da modelagem em barro. Meu último mestre foi um iugoslavo: Ivan Mestrovic, com quem aprendi a trabalhar em pedra e mármore.

– *Você acha que escultura é passível de didatismo, isto é, pode-se ensinar alguém a fazer escultura, numa fase inicial?*

– Só se o indivíduo tem potencializadas certas características fundamentais. Por exemplo, um homem que tem total aversão ao uso das mãos possivelmente estará menos aparelhado basicamente para se iniciar como escultor e, portanto, absorver a técnica. Há outras características que são do domínio das artes plásticas: perseverança, continuidade, intensidade etc. A escultura tem muito a ver com a ação física, embora esta seja, segundo meu modo de ver, resultante por sua vez de uma válvula sensorial e intelectual.

– *Como é que você descobriu em si mesmo o artista, e particularmente o escultor?*

– Eu teria que resumir primeiro a fase inicial e fundamental da descoberta da vocação, o que abrange uma média de cinco a oito anos. Essa fase de procura determinou as linhas básicas do temperamento e da maneira de ser. Este ciclo fornece subsídios para a segunda fase, mais intensa e ativa, já compromissada profissionalmente. Mais outros dez anos, esse segundo ciclo. Finalmente, o ciclo de definição do seu estilo como artista, o que ocupa os restantes anos de vida. A resposta está situada em cada uma dessas etapas, porque eu não tenho uma definição ortodoxa de 'o artista'. As primeiras experiências foram quando descobri que era capaz de criar, no sentido de fazer bidimensionalmente um objeto. Foi

uma intensa sensação, porém de duração curta, pois o ato de criar aos poucos foi se dissolvendo na prática cotidiana da profissão. O escultor em mim foi cuidado através da prática sensorial com materiais primeiro naturais, depois artificiais. Me senti escultor quando descobri um imenso amor pelos materiais e pelas formas. Tenho uma especial necessidade do contato com a matéria que será o instrumento de minha comunicação. Entre o escultor e a matéria tem que haver um diálogo, antes que o resultante venha a se transformar em mensagem.

– *Algumas esculturas que vi de você me causaram impacto e não entendi completamente por quê. O que é que atualmente você está querendo transmitir?*

– Essa pergunta é fogo... O que o artista pretende exatamente está implícito no que ele faz. Nem sempre a proposta do artista é assimilada pelo observador. A aceitação de um objeto de arte inusitado por parte do observador é oriunda de sintonia em faixas comuns entre o artista e o observador. As minhas esculturas, de um modo geral, sempre se acentuaram numa faixa de agressividade, o que cobre grande parte do meu trabalho executado até hoje. Procuro atualmente uma síntese para a minha escultura, possivelmente mais contida e menos inquietante.

– *Que parte do seu* eu *você transmite em ligação com o mundo?*

– Preferencialmente o *eu* construtivo, no sentido de contribuir para a existência do próprio homem. Creio firmemente que o trabalho de arte é carregado de responsabilidades éticas, não importa a forma exterior que ele toma. A arte é feita por homens e para homens. O resto são variações sobre temas de interesses pessoais ou de serventia ideológica.

– *Você vive muito em contato com seus amigos, em Salvador, ou prefere uma vida mais isolada?*

– Por temperamento, sou um homem arredio, sem por isso considerar este fato como aspecto relevante de

meu caráter. Sou comunicativo e expansivo, da mesma forma que apaixonado e intenso, até mesmo nos erros. Gosto de muita gente, porém pouco tempo. (Ri olhando para sua mulher.) Prefiro a intimidade de poucos, mesmo que não sejam pessoas excepcionais.

– *Na sua opinião, quais são os maiores escultores do mundo no momento?*

– Escultores vivos?

– *Sim.*

– Marino Marini, César, Brancusi (já morto, mas muito recentemente). David Smith também é um grande escultor.

– *Você passou definitivamente da fase figurativista à abstracionista?*

– Eu sou um escultor figurativista mesmo quando faço coisas não figurativas. As minhas formas mais puras, mais despojadas, têm relação com o mundo orgânico. São núcleos, formas germinantes, óvulos ou ovulação, crescimento etc., todos eles termos essencialmente figurativos, embora não apresentados por forma humana ou animal. Estou preocupado em sintetizar estruturalmente, economicamente, o universo baiano, em princípio.

– *Como foi que se deu a passagem da forma humana à forma atual? Aos poucos ou de uma vez?*

– A todo parto antecede uma gestação. Não quero dizer que esteja excluída do rol das possibilidades a volta à figura humana. Não aceito a dualidade, da mesma forma que recuso limitar o problema de arte da humanidade à estreita faixa do figurativo e do não-figurativo. Desde a época das cavernas que o homem vem executando essas duas modalidades de arte, sem o aspeto conflitual que queremos hoje em dia emprestar. Existe boa arte figurativa como boa arte não-figurativa.

– *O rosto humano interessa a você como escultor?*

– O rosto humano me interessa como rosto humano. O rosto humano me interessará como tema para

fazer escultura quando na minha fase esse detalhe do corpo humano for importante para tal. O dedão grande do pé pode ser mais expressivo se feito por um grande artista do que a mais linda face de uma donzela executada por uma senhora rica e entediada que se dedique à escultura.

– *Quem, no Brasil, você destaca na escultura?*

– Escultores importantes no passado e no presente, no Brasil? Eis alguns nomes: Frei Agostinho da Piedade, Francisco Chagas, o "Cabra", e, obviamente, o Aleijadinho. Contemporâneos: Bruno Giorgi, Franz Weissman.

– *Quando é que você pretende fazer uma exposição de seus novos trabalhos?*

– Sempre faço no Rio e em São Paulo. O ano passado expus em São Paulo e lá também será minha próxima exposição. Assim que tenha chance farei uma no Rio. Ouvi falar de uma mostra no Museu de Arte Moderna, de quatro escultores brasileiros na qual eu tomaria parte. Mas como não tive nenhuma comunicação oficial, aguardo.

– *Você vende bem?*

– Razoavelmente bem para um escultor brasileiro que nasceu, vive e trabalha em Salvador.

– *Para sustento de vida, pode-se no Brasil viver apenas de arte, da escultura, por exemplo?*

– Eu vivo exclusivamente da arte.

– *Se você não esculpisse, que outra arte serviria para você se manifestar?*

– Eu sou perfeitamente integrado na minha profissão. Se fosse repetir, percorreria o mesmo trajeto, se em igualdade de condições.

– *Em que parte do mundo você moraria, sem ser Salvador?*

Se eu desejasse viver em alguma parte do mundo que conheço, já estaria lá. Sou um homem integrado no meu meio. Se assim não fosse, repito: estaria fora daqui.

– Você é realmente baiano ou escolheu esta terra para trabalhar?

– Sou baiano e já adulto descobri a terra ideal para o trabalho. Senão estaria no Rio, em São Paulo, em San Francisco etc., pois já tive chances. Para um artista é importante encontrar o seu local de trabalho, o seu *atelier*, a sua paisagem, a sua gente. Porque só desta maneira poderá ele situar-se em profundidade numa área universal. Paris foi, e em parte ainda o é, uma cidade que por várias razões tem ambiência e atmosfera propícias às artes e aos artistas. É assim que considero minha permanência nesta velha cidade do Salvador.

– Você trabalha com modelos?

– Sim, porque não? Os meus modelos são a planta que brota no chão junto de minha casa, os pássaros, a natureza, os deuses, os homens com seus costumes, seus mitos e tudo o mais. Há muito de inseto, minha amiga, no módulo lunar.

– Em que você está trabalhando agora?

– Agora estou me preparando para executar uma escultura composta de dois grandes tanques de transporte de petróleo, que será uma espécie de meio-tótem e meio nave espacial. Será arrumada com um grande *T*, no qual o observador, além de valorizar a escultura por fora, tomará parte nela percorrendo o seu interior. O *T* terá três seções: a base, ou seja, o apoio, terá o seu interior trabalhado a fim de que o observador entre em contato com formas, sons e cores, relacionando-nos com o ancestral.

Digamos, com certos arquétipos. Na segunda ala do *T*, na parte elevada, formas, sons e cores relacionados com o mundo contemporâneo. E finalmente a terceira ala: uma tentativa de antevisão através dos mesmos elementos sensoriais do amanhã.

Todas as esculturas que vi no ateliê de Mário Cravo, eu as compraria, se pudesse. E nelas descobri realmente formas germinantes, óvulos, ovulação: vida, enfim. Eu

poderia conversar horas com Mário Cravo, sobre o Mário Cravo escultor, sobre o Mário Cravo homem. Ele é uma pessoa que vale a pena. Senti a sua grandeza.

MÁRIO CRAVO – Colocou em sua obra as tradições, crenças, costumes e mitos do povo baiano. Em 1951, ganhou o prêmio jovem aquisição na I Bienal de São Paulo e passou a ser reconhecido no resto do país. Com esculturas de grande porte, como a Fonte da Rampa do Mercado, ao lado do Elevador Lacerda, é presença marcante na cidade de Salvador.

DJANIRA

"Sou uma autodidata em tudo."

Como não amar Djanira, mesmo sem conhecê-la pessoalmente? Eu já amava o seu trabalho, e quanto – e quanto. Mas quando se abriu a porta e eu a vi – parei e disse:

– *Espere um pouco, quero ver você.*

E vi – eu vi mesmo – que ela ia ser minha amiga. Ela tem qualquer coisa nos olhos que dá a idéia de que o mistério é simples. Não estranhou o fato de eu ficar olhando para ela, até eu dizer:

– *Pronto, agora já conheço você e posso entrar.*

Djanira tem a bondade no sorriso e no resto, mas não uma bondade morna. Nem é uma bondade agressiva. Djanira tem em si o que ela dá no seu trabalho. É pouco isso? Nunca, isso é tudo. Isso é a veracidade do ser humano dignificado pela simplicidade profunda que existe em trabalhar.

Sentamo-nos, eu sem tirar os olhos do rosto dela, ela me examinando com bondade, sem me estranhar nem um pouco.

Não se deve escrever Djanira e sim DJANIRA.

– *Djanira, você é uma criatura fechada. E eu também. Como vamos fazer? O jeito é falar a verdade. A verdade é mais simples que a mentira.*

Ela me olhou profundamente. E eu continuei, com esse tipo de timidez que sempre foi a minha:

– *Eu quero saber tudo a seu respeito. E cabe a você selecionar o seu tudo, pois não quero invadir sua alma. Quero saber por que você pinta e quero saber por que as pessoas pintam. Quero saber que é que você faria em matéria de arte se não fosse pintura. Quero saber como é que você foi andando a ponto de se chamar Djanira. E quero a*

verdade, tanto quanto você possa dar sem ferir-se a si própria. Se você quiser me enganar, me engane, pois não quero que nenhuma pergunta minha faça você sofrer. Se você sabe cozinhar, diga, porque tudo o que vier de você eu quero.

– A gente pinta como quem ama, ninguém sabe por que ama, a gente não sabe por que pinta.

– *Eu também não sei por que escrevo.*

– A gente não sabe.

– *Conte um pouco de sua infância.*

– Foi muito sofrida, não vale a pena falar, não vale a pena relembrar.

– *Mas você sabe que só relembrando de uma vez, com toda a violência, é que a gente termina o que a infância sofrida nos deu?*

– De certa maneira acho que é verdade.

– *Por que você não começa já?*

– Eu fui uma menina criada no Sul do Brasil, entre Paraná e Santa Catarina. A maior parte do tempo vivi numa cidadezinha, em Porto União, União da Vitória: são duas cidades juntas. Metade é Paraná e outra metade é Santa Catarina. Aí meu pai teve consultório de dentista. Muito criança ainda meus pais se separaram. Passei mais de vinte anos sem ver meu pai. E um dia publiquei um anúncio no jornal *A Noite* procurando meu pai. Na primeira edição do anúncio apareceu um dentista que conhecia muito meu pai e esta foi a primeira notícia que tive dele. Ele era muito conhecido porque era dentista itinerante: nunca teve pouso, ia tratando de dentes de cidade em cidade. Quando foi embora, disse: "Vou viajar e depois venho buscar Djanira." E não veio. Eu não podia ser internada num colégio por ser pequena demais. Então uma família tomou conta de mim. Mas nessa casa fiquei enjeitada, trabalhando.

– *Quando é que você começou a pintar?*

– Com 24 anos. Em pequena eu não tinha oportunidade porque vivia trabalhando.

– *Qual foi a sua maior alegria na vida?*

– Foi quando me encontrei com a pintura.

– *E como é que você se encontrou com a pintura?*

– Nasceu de uma brincadeira quando eu estava internada no sanatório de tuberculose. Eu disse que sabia fazer um quadro melhor do que o que estava pendurado na secretaria. O que fiz então foi um desenho. Desenhei Cristo. Então o interesse acordou em mim. Quando voltei para o Rio matriculei-me no Liceu de Artes e Ofícios. Então, cada vez eu desenhava tudo, tudo. Até que conheci Marcier, que me descobriu e tornou-se meu professor. E então eu me vi num mundo que era novo para mim.

– *Djanira, nunca perguntei a ninguém: você é feliz? Mas a você, que sofreu tanto, pergunto.*

– Sou. Porque ninguém pode ser inteiramente feliz nem inteiramente infeliz.

– *Se você não tivesse se encontrado com a pintura, que forma de arte você crê que seria sua?*

– Possivelmente a música. Mas dependeria de um encontro como com a pintura. Sei que quando eu tivesse me alcançado humana e intelectualmente, a pintura ia de qualquer forma cruzar o meu caminho.

Ficamos em grande silêncio. Provavelmente mergulhadas ambas nas nossas vidas mútuas. Como não posso transmitir aos leitores a profundidade de nosso silêncio, preencho-o reproduzindo um poema de Djanira. Chama-se *Viagem*. E é assim:

Eu vi nas cores de marfim
um elefante selvagem
que viera das Índias
oferecendo-me caminhos
onde poderia
perigosamente
fechar meus olhos
e partir, partir...

Mas era pecado
e viajei no pecado.
Ao infinito viajei
e perdi-me no tempo
que era pecado.

Djanira então falou:

– Quando uma pessoa se faz por ela própria é porque tem algo dentro de si que não se acomoda a uma vida comum, não é?

– *Sei disso na minha própria carne.*

– Então essa coisa vem por si só, descobrindo-se. Apesar de ser um caminho árduo, não deixa de ser também um caminho cheio de encantos e de um sabor de luta. Mesmo a gente não sendo compreendida, existe uma força interior que nos alimenta em todos os reveses. É muito curioso: por que será que a gente luta tanto para poder produzir uma obra de arte?

– *Acho, Djanira, que é para sobreviver.*

– Mas para sobreviver naquilo que a gente quer. Uma criatura como eu, que sou autodidata em tudo, que tenho as minhas dificuldades e que toda a minha vida tem sido procurar superar a vida comum, na sociedade em que vivemos, procura um meio para alcançar aquilo que é uma profissão e uma vocação. Porque tudo o que se faz, o que eu faço, não basta.

– *O que é que você queria alcançar, Djanira? Eu também procuro alcançar alguma coisa que não sei o que é. Você sabe o que é?*

– É uma coisa ainda mais imponderável que está dentro da gente. Se um dia a gente chegasse a ficar satisfeita com o que a gente produziu, seria o fim.

– *Também acho. Mas será que somos capazes de descobrir finalmente o que procurávamos?*

– A evolução da arte é muito lenta, todas as coisas do espírito são lentas.

– Você quer dizer com isso que a procura dura o tempo de uma vida?

– É. A época em que nós vivemos é dinâmica, já se pensa em ir à Lua. O mistério que existia na vida já não é mais mistério.

– Discordo, Djanira. O ser humano nunca descobrirá o mistério, mesmo que chegue a morar na Lua.

– O que você vê hoje em dia com todas essas descobertas científicas é um mundo que vive em grande insatisfação. Só se ouve falar em guerras. Politicamente os homens não se entendem. Sim, acho que o homem descobre todas essas coisas, mas o mistério ele não descobre.

– Como é o seu processo de elaboração de trabalho?

– Minha pintura é muito cheia de Brasil, pelo menos é esse o meu propósito. E por isso, então, viajo muito pela nossa terra.

– Djanira, eu queria que você dissesse alguma coisa aos pintores principiantes do Brasil.

– Há uma turma de jovens que está fazendo coisas muito boas, e gosto muito. Digo a eles para continuar a trabalhar, e muito, olhando para dentro de nossa terra.

– Qual é a coisa mais importante do mundo?

– A paz.

– Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?

– O trabalho.

– O que é amor?

– Aquilo que se pode dar a todas as coisas que a gente faz.

P.S.: Esqueci de dizer que, quando Djanira quebrou a clavícula direita, ficou desesperada porque não podia pintar. E de repente deu um grito que fez seu marido ir correndo para ela. É que, no desespero de querer pintar, experimentou usar a mão esquerda e, para sua surpresa e enorme alegria, descobriu que era uma perfeita ambidestra.

Mota foi me levar em casa. Ele e Djanira se despedem dando-se dois a três beijos na boca. Achei tão bonito!

DJANIRA – Pintora. Seu trabalho mostra a gente simples que se vê nas ruas da cidade, no campo ou no mar, interessa-lhe também a mística do sincretismo religioso entre catolicismo e cultos afro-brasileiros. No último ano de vida, internou-se na Ordem Terceira do Carmo, renunciou à vida e ao nome que conquistara, passando a chamar-se apenas Teresa do Amor Divino.

BRUNO GIORGI

"Inspiração é apenas o momento da síntese."

Eis uma entrevista curta, onde são ditas as coisas mais curiosas e bonitas: esta com o escultor Bruno Giorgi.

– Bruno, quanto tempo você acaba de passar na Europa, onde, e esculpindo o quê?

– Fui diretamente para Carrara, pois o meu trabalho devia ser uma grande escultura em mármore e ia ser oferecido à cidade universitária Weizmann. Essa escultura é abstrata. E são duas formas que se integram, mas em sentido vertical. Chama-se *Ritual*, porque é algo que se está elevando, indo para cima. Carrara é a única cidade do mundo que oferece o mármore para esse gênero de trabalho. Passei dez meses trabalhando. A escultura agora está encaixotada, pronta para ser despachada para o porto de Haifa.

– Uma das coisas que eu gosto na sua escultura é a mistura de grande força com muita delicadeza de tato. Como é que você consegue isso?

– Bom, pode ser que dependa inclusive de minha origem. Meus pais eram naturais de Versília, exatamente a região do mármore talvez o mais belo do mundo. E é uma antiga região etrusca. De todas as artes, a escultura etrusca é a que mais oferece essa mistura de força e sensibilidade. Portanto, deve estar na massa de meu sangue.

– Em que fase de sua escultura você sentiu que se realizou mais?

– Acredito que seja exatamente esta última, pois me obrigou a recorrer a um material nobre como o mármore.

– Nessa fase do mármore você sempre foi abstracionista ou também figurativista?

– Exclusivamente abstracionista. Não porque eu tenha preconceitos contra o figurativo, é claro, mas uma

forma abstrata em mármore, como estou realizando no momento, recebe a luz em plenitude. E a passagem entre as zonas de luz e as zonas de sombra é doce, e faz com que o mármore se apresente em toda a pujança e beleza.

– *E quanto à sua fase figurativista?*

– Foi extraordinariamente importante e necessária. A figura criou em mim uma disciplina e me deu o sentido exato da proporção, da estruturação e da dinâmica, elementos imprescindíveis numa escultura. Sem esse preâmbulo figurativista, nunca teria alcançado seriamente essa fase abstrata.

– *Qual é o material que você utiliza?*

– Já utilizei vários materiais, sendo que sempre predominou o bronze. Mas agora a minha paixão é o mármore, que condiz com a minha fase atual.

– *Você desenha também? Porque sempre achei que o traço de um escultor é identificável por uma extrema simplicidade de linhas.*

– Exatamente. Sempre me preocupei com o desenho e nada realizei sem severo estudo prévio de desenho.

– *Como é que você descobriu que suas mãos eram tão valiosas? Na infância, brincando, ou mais tarde, conscientemente?*

– Vou lhe dizer – respondeu sorrindo, porque sabia que a resposta era extraordinária –, foi mais por engano. Quando ainda criança, minha mãe, não sabendo exatamente o que fazer de mim, que não gostava de estudo, e como eu sabia rabiscar mais ou menos, resolveu me inscrever num curso de pintura. Mas na hora da inscrição, por engano, matriculou-me num de escultura. Este foi o primeiro engano. O segundo engano foi um acaso. Eu tinha largado a escultura há seis meses por achar extremamente aborrecido o academismo que dominava na época, e resolvi trabalhar com meu pai em negócios de café. Por uma série de experiências políticas, fui obrigado a escondê-las num ateliê de escultura que alugaram

para essa finalidade. Isto tudo se passa em Paris, durante a guerra da Espanha. Meu trabalho em direção a movimentos antifascistas fez com que meus companheiros de luta alugassem para mim o tal ateliê e, para que a farsa fosse mais completa, eu tinha por obrigação fazer escultura. Particularmente nesse período em Paris, descobri valores autênticos no campo da arte e me entusiasmei, dediquei-me eu mesmo à arte.

– Quando fazem uma encomenda a você, como é que você se arranja para ter inspiração em fazer alguma coisa que não nasceu espontaneamente de você?

– Bom, eu acho que o melhor que possa acontecer a um artista é a encomenda.

– Por quê?

– Antes de mais nada, te obriga a uma grande disciplina, a um constante controle. Você não tem que dar satisfação só à sua personalidade, mas obtê-la também de um juízo estranho.

– Em você, como se processa a inspiração?

– Não acredito em inspiração. Inspiração, como dizia Matisse, se não me engano, são dez anos de análise e dez minutos de síntese. A esses dez minutos de síntese os outros chamam de inspiração.

– E em você, como se processa a disciplina de trabalho?

– Trabalho normalmente todos os dias de seis a oito horas. Às vezes canso e fico até uma semana sem produzir nada. Mas mesmo nesse intervalo fico imaginando coisas que poderia realizar.

– Bruno, se você não fosse escultor, que outra arte escolheria?

– Escultura! (Riso alegre de ambos).

– Atualmente na Europa quem se destaca como escultor?

– Bom, na Inglaterra há um grupo importante em primeiro plano, com Henry Moore, Chetwik, Hermitage, Paulozzi etc. Na França, o César, o Ipousteguy, Staly. Na

Itália há um grupo maior ainda, como por exemplo Cascella, Pomodoro, Signore, Larderal. Ipousteguy, de grande qualidade, é o único figurativo de todos esses grandes.

– Quando é que você pretende fazer aqui uma exposição de seus trabalhos?

– Eu pretendia aqui no Rio no próximo ano. Em São Paulo já tenho data marcada para 1970.

– Dependendo do material, você trabalha diretamente com as mãos ou com instrumentos?

– Diretamente com as mãos em todos os materiais, mesmo o mármore para o qual, em determinados momentos, recorro a martelos pneumáticos.

– Se fosse eu, preferia sempre trabalhar com as mãos.

– Melhor seria, porque se transmite assim maior sensibilidade ao material.

– Qual foi ultimamente a sua maior alegria no domínio da escultura?

– Vou lhe dizer: a maior alegria foi quando, não sendo visto, ouvi a conversa de dois candangos em Brasília. Um deles respondendo para o outro: "Não senhor, estás enganado, o Bruno Giorgi não é gringo, é nosso." Fiquei profundamente comovido.

– Bruno, Miguel Ângelo, em alguns momentos, chegava a descrer de suas próprias mãos e de seus instrumentos de trabalho, e chegava, segundo dizem, a exclamar: quem, Deus meu, senão tu? Você já teve alguma vez esse glorioso instante em que lhe pareceu que o que você fez era maior do que você mesmo?

– Sim. Raramente. Quando realizei o *Meteoro* de Brasília, e ainda há pouco quando foi posta de pé a escultura que breve irá para Israel. Eram quase cinco metros de altura num só bloco de mármore e foi trabalhada deitada, no chão. De forma que quando foi levantada enfim... eu... o resultado... eu... quero dizer, Clarice, que antes de pô-lo de pé eu não sabia qual seria

o resultado... de modo que aí vi pela primeira vez e vi que me tinha superado. A gente se sente esmagado pela própria obra.

BRUNO GIORGI – Escultor. Foi extraditado da Itália para o Brasil, em 1935, após cumprir quatro anos de pena por conspiração contra o regime fascista. Monumentos públicos de sua autoria: *Monumento à juventude brasileira*, 1947, nos jardins do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro; *Candangos,* 1960, na praça Três Poderes, e *Meteoro,* 1967, no lago do edifício do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília; *Integração,* 1989, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

IBERÊ CAMARGO

"Criar um quadro é criar um mundo novo."

Um homem alto, um pouco curvo, olhar de grande mansidão, pele morena, ar ascético de monge: eis Iberê Camargo, um dos nossos grandes pintores. Estávamos no seu ateliê, que fica numa cobertura na rua das Palmeiras: como Iberê nota, parecia-nos que o terraço era um tombadilho e que em breve, no calor que fazia, iríamos zarpar. Bebemos água gelada, tomamos café requentado – até que mais tarde sua esposa, Maria, uma das mais simpáticas Marias, vem e nos faz um café expresso que me dá saudade da Itália. Conversamos sobre assuntos gerais.

– *Iberê, por que é que você pinta?* – perguntei-lhe de repente.

– Sabe que essa pergunta já me foi feita no questionário da Editora Vozes? Dei a seguinte resposta: só poderia responder por que é que pinto quando tiver descoberto o que eu sou como ser.

– *Essa resposta bem serviria para quando eu mesma me pergunto por que escrevo. Teria antes de ir ao profundo último de meu ser. Você crê que se realizaria em outra forma de arte?*

– No meu modo de entender, a obra só existe realizada e portanto só o realizado é que pode responder à pergunta, sem risco de um indivíduo se julgar, por exemplo, um autor possível. Há tanta gente que diz "se eu fizesse", "se eu pudesse", "se eu tivesse tempo", mas não faz nada, talvez porque realmente nada tenha a fazer.

– *Qual o processo criador de um pintor* versus *o processo criador de um escritor em prosa ou poesia?*

– Suponho, Clarice, que a diferença que existe esteja apenas na diferença de elementos. O pintor usa a cor, a tinta, a linha. O escritor usa a frase. Mas o impulso criador deve ser o mesmo. Que é que você acha? que é de uma natureza diversa?

– Acho que a fonte é a mesma. Mas fiquei impressionada com Lúcio Cardoso que, depois da doença, não conseguia escrever nem ditar, pois não falava, mas pintava com a mão esquerda, já que a direita estava inutilizada: por que não escrevia com a mão esquerda? O médico explicou-me que no cérebro existe, se entendi bem, uma parte de onde sai a escritura, a palavra, e outra de onde sai a pintura.

– Mas ele pintava como escrevia? Não. Pintar é um artesanato, é saber usar os instrumentos. Assim como o escritor luta por criar com a palavra. Não há caso de um pintor que tenha feito uma obra definitiva na primeira tentativa. Na literatura, há?

– *Talvez Rimbaud.*

Ficamos pensando um pouco, em silêncio. Perguntei-lhe então:

– Antes de começar a pintar um quadro você o visualiza já pronto ou vai passo a passo descobrindo o mundo particular desse quadro?

– Criar um quadro é criar um mundo novo. O artista é o primeiro espectador de sua obra. As soluções anteriores, os conhecimentos adquiridos não servem para a obra nova. Eu só consigo pintar quando consigo esquecer o que aprendi. Se não fosse assim, creio que estaria apenas a refazer os quadros já pintados. E, portanto, teriam apenas o mérito de uma cópia, de uma réplica. Não, Clarice, acho que quando empreendemos uma viagem, buscando alguma coisa que intuímos, nós marcamos o rumo, escolhemos o ponto cardeal de nossa meta. Mas não é antever o que, só à chegada, se revela. Um amigo meu, psicanalista, professor Décio de Sousa, falecido em outubro de 1970, costumava dizer que quando se espera um filho não se sabe de que cor serão seus olhos, sabe-se apenas que vai nascer um filho. Clarice, você sabe melhor do que eu que o personagem vive a sua vida à revelia do autor, surpreende o autor. Será que era isso que Pirandello queria com seis personagens em busca de um autor?

– Há lugares onde você trabalha melhor do que em outros, você disse. Será por isso que vai tanto a Porto Alegre?

– Eu só trabalho bem... como se pode dizer? Com os meus chinelos? Na tranqüilidade de meu ambiente, com minhas coisas, na minha teia. Você sabe que o grande obstáculo que encontrei em Genebra, onde fui pintar o grande painel para a Organização Mundial de Saúde, foi exatamente Genebra. O Rio Grande do Sul, que é o pátio onde nasci, me leva a trabalhar bem. Você sabe que nasci em Restinga Seca, que naquela ocasião não passava de um vilarejo. Saí de lá com quatro anos de idade. Mas a paisagem de Restinga Seca me ficou impressa de um modo indelével. Alguém me disse: você saiu de lá aos quatro anos, portanto não pode se lembrar... Respondi: como poderei eu esquecer o lugar onde engoli o primeiro gole de ar e senti nos olhos o primeiro clarão?

– Como se processou em você o abandono da figura, para tornar-se um não figurativo?

– Eu não abandonei a figura, apenas a transformei. Quanto à sua pergunta sobre se lutei para ser um pintor realizado e com nome, não, eu jamais tive essas preocupações. E fico até muito surpreendido quando alguém me considera com destaque... E você, acha importante ter nome?

– Não, isso é apenas a parte social do problema. O que importa realmente é estar diante do papel em branco à espera das palavras que exprimam. Esse é que é o momento crucial. Iberê, mudando de assunto, por que os carretéis foram ponto de partida na sua obra?

– Os carretéis foram também as minhas fantasias de criança, o meu brinquedo. É natural que se tivessem transformado em símbolos na obra que faço.

– O rosto humano chega a lhe interessar de algum modo?

– Assim, com a visão de pintor, não tive um interesse especial pelo rosto humano. Mas como pessoa acho que o rosto reflete muito o indivíduo. O rosto revela a

pessoa. Acho que quem se corrompe por dentro se corrompe por fora. Senão, Clarice, não haveria necessidade de maquilar os atores, de lhes dar um aspecto especial.

– *Diga-me: até que ponto uma cor exprime, e só ela, aquilo que o pintor está sentindo? Por que exatamente o marrom e depois em seu lugar o vermelho?*

– Na minha opinião, a cor vale no seu contexto, nas suas relações. Enquanto que uma cor isolada será *fria* ou *quente*. E a intensidade de sua medida é também estabelecida no confronto com outras cores.

– *Até que ponto você se sente liberado depois que dá à luz um quadro? Pára por um tempo? ou a ânsia de criar se segue imediatamente?*

Profunda reflexão de Iberê. Fico esperando. Até que ele diz: após a realização de um quadro, ou de uma série, segue-se um esvaziamento que por seu turno é substituído por uma gestação que se processa, e o período criador renasce então. Você tem a mesma experiência?

– *Igual. Sinto um esvaziamento que quase se pode chamar sem exagero de desesperador. Mas para mim é pior: a germinação e a gestação para o novo trabalho podem demorar anos, anos esses em que feneço. Qual o conselho que você daria aos novos pintores?*

– Deixe eu pensar nisso. (Ficou com a cabeça metida entre os dois braços cruzados, depois disse: vou tomar um copo de água, e quando voltou disse: esta pergunta é a mais difícil.)

Tomei também um copo de água e ficamos em silêncio esperando.

– Pergunta terrível, sabe? disse Iberê.

– Tome o tempo que quiser, respondi-lhe.

Afinal Iberê Camargo disse:

– Não se persuadirem de que inventaram a pintura. E você? que conselho daria a novos escritores?

– *Trabalhar, trabalhar e trabalhar.*

– Jaspers – disse Iberê – escreveu que a nova geração tem as mãos furadas.

Confesso que não entendi bem o que Jaspers quis dizer e que Iberê repetira.

IBERÊ CAMARGO – Pintor, desenhista e gravador. Recebendo, em 1947, o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, estudou em Roma com De Chirico, Achille, Rosa e Petrucci e, em 1949, em Paris, com André Lhote, retornando em 1950 ao Brasil. Participou de várias edições da Bienal de São Paulo. Foi o autor do grande painel oferecido pelo Brasil para figurar na sede da Organização Mundial da Saúde em Genebra, na Suíça. Marcou presença no exterior com a Bienal do México (1958), a Exposição Internacional de Gravura de 1971 na Iugoslávia e Modernidade – Arte Brasileira do Séc. XX (1988, MAM de Paris e MAM-SP).

"O feitiço da Bahia começa pela cozinha.
Você só se alimenta de comidas sagradas."

E eu que tinha como um dos objetivos da viagem à Bahia dialogar com Carybé, terminei conseguindo-o no Rio...? Ele esteve dois meses na Europa e passava por aqui, rumo a Salvador. E eu o tive à minha frente com seu ar dos mais humanos que já senti: é uma pessoa de fato.

– Seu nome é mesmo Carybé?

– Fui registrado como Hector Bernabó. Carybé é meu nome de artista.

– Você é argentino de nascimento, mas brasileiríssimo e, ainda por cima, baianíssimo de coração. Como é que você explica seu amor, aliás correspondido plenamente, pelo Brasil?

– É simples: saí da Argentina ainda criança de colo; depois fui para a Itália (meu pai era italiano) e aos oito anos vim para o Rio. E ainda por cima minha mãe era gaúcha. Quanto à Bahia, foi um namoro comprido. Conhecemo-nos em 1938. Fiquei com a idéia fixa de morar na Bahia e voltei lá por duas vezes, sem poder concretizar meu desejo. Até que uma carta vergonhosamente elogiativa de Rubem abriu-me as portas da Bahia na pessoa de Anísio Teixeira, no governo de Otávio Mangabeira. E me deram a tarefa de desenhar durante um ano as coisas da Bahia. Esse ano se estendeu pelos 19 em que estou lá.

– Agora, Carybé, você vai por favor me explicar o fascínio da Bahia a que também sucumbi, tanto que só penso em voltar e passar pelo menos um mês trabalhando por lá.

– Minha linha era sempre uma aventura sul-americana. Fui para o Peru, para a Bolívia, para o Chaco argentino, onde morei com os índios. Mas a Bahia ganhou o campeonato porque é uma cidade viva. Em geral

as cidades que têm história, arquitetura – enfim, que viveram desde o começo da América – são cidades-museus. Mas a Bahia tem arte e arquitetura modernas, um povo alegre, simpático, sobretudo bom, ao mesmo tempo que fortalezas, catedrais e o mar que é maravilhoso.

– *Poucas vezes vi mar mais bonito e mais audacioso que o da Bahia.*

– Salvador é uma cidade que parece encomendada para artistas plásticos, para escritores, cineastas. Enfim, tudo lá é uma espécie de incubadeira para essa gente.

– *É o que eu senti, Carybé: como se uma sereia me chamasse com o seu feitiço.*

– Agora, Clarice, você disse a palavra certa: feitiço. O feitiço é vivo, começa pela cozinha. Você se alimenta de comidas sagradas. Por exemplo, acarajé é comida de Iansã, que é um orixá-fêmea dos ventos e das chuvas. O caruru é o *amalá* de Xangô. E quase todos os pratos típicos baianos são a comida dos orixás (santos do candomblé). Depois tem arvoredos que são a morada de *encantados* (orixás também). E a música de Caymmi, Caetano Veloso, Gil, Tom Zé e muitos outros. Tem sol, tem pescadores, tem o diabo... que não é bem diabo, é Exu, o diabo do candomblé que é de uma travessura diferente da dos outros diabos e, sendo bem tratado, torna-se um amigo inestimável.

– *No começo de sua carreira como pintor, é verdade que você desenhava muito os botos?*

– Eu trabalhei muito em jornal para poder ter dinheiro e ilustrava livros. Até que pouco a pouco pude me sustentar exclusivamente com a pintura. Isso se deu na Bahia, o lugar onde eu menos imaginava que pudesse viver só de arte.

– *Mas... e os botos?*

– Os botos, quando mais contato tive com eles, foi ilustrando um livro de Newton Freitas sobre lendas amazônicas. E também numa viagem longa que fiz pelo

Amazonas, onde os bichinhos pulavam acompanhando as alvarengas (canoas imensas) e os navios-gaiola. Nunca vi um transformado em pessoa...

– *Você hoje é chamado pelos ingleses de "o pintor dos cavalos". E eles compraram nada menos que 40 telas suas... Como eu tenho alucinação por cavalos de todas as espécies, queria saber se você também tem.*

– Tenho, sim, Clarice, é o animal de que eu talvez mais goste. Viajei muito em companhia deles. Agora a coisa de "pintor de cavalos" foi devido ao presente que a Bahia ofereceu à rainha da Inglaterra. Sendo ela também apreciadora de cavalos, o embaixador Russell sugeriu que lhe fosse dado um quadro meu onde figuravam montarias. Agora fiz uma exposição em Londres; em novembro farei outra na Tryon Gallery, com tema indicado, cavalos. Concorrerei com pintores de umas oito nações: ingleses, mexicanos e australianos, entre outros.

– *Você trabalhou durante sua recente viagem pela Europa? Tomou notas?*

– Fiz umas crônicas ilustradas para o *Jornal do Brasil* e para *A Tarde*, da Bahia. Mas o principal trabalho foi ver. Os olhos são a ferramenta da gente. (Os olhos de Carybé são de um castanho-dourado, bem atentos às coisas que o rodeiam: não há perigo de lhe escaparem visões.) E agora estou doido para chegar à Bahia para ver o que acontece.

– *Chegando lá, qual é a primeira coisa que você pretende fazer?*

– Tomar contato com minhas latas, meus pincéis, e ver o que vai fermentar ou já fermentou das coisas que vi.

– *Sobretudo o que é que você viu pela Europa?*

– Por exemplo, vi Londres, que foi uma surpresa para mim. É uma espécie de reinado da juventude, da liberdade de viver e de criar. E, depois, a porta de São Pedro, de Giacomo Manzu, as catedrais romanas e góticas, e sobretudo o povo da Espanha, da França, da Itália,

da Inglaterra. Essa é a coisa de que eu mais gosto: povo, gente. Em Sevilha, por exemplo, houve um paralelo entre a tragédia e a alegria: a tragédia da Semana Santa e a alegria desbordada na Feira dessa cidade – o mesmo povo com sentimentos opostos. Na Feira é uma alegria de doidos, as moças a cavalo, vinho, castanholas, bailes. Na Semana Santa, o soturno, uma atmosfera de Idade Média, com penitentes e véus negros cobrindo cabeças de mulheres, o canto mais sentido do mundo, que são as *saetas* que o povo canta para Jesus e Maria.

– *O rosto humano lhe interessa para desenhar?*

– Me interessa demais até, mas não sou retratista. O que mais eu apreendo são gestos do corpo todo, movimentos, maneira de sentar, de andar, de carregar coisas, enfim, a vida humana e a dos bichos. Eu adoro bichos.

– *Você tem muitos amigos na Bahia – isto é, amigos que você freqüenta?*

– Eu graças a Deus não tenho inimigos. Sou muito amigueiro e tenho amigos um pouco pelo mundo todo.

– *Posso dagora em diante ser considerada por você também sua amiga?*

– Você é minha amiga há muitíssimos anos através de Inês Besouchet, do Marino-Macunaíma, do Jorge Amado, da Zélia, do Rubem e outros amigos comuns. E sobretudo por ter lido o que você já escreveu.

– *O que me diz você na Bahia dos músicos, pintores, escritores?*

– Está tudo no ar. Não no ar da tevê, como se diz agora, mas no ar mesmo, no sol, e no povo. Na Bahia não há grupos em choque: cada um trabalha como acha que deve ser. Eu penso que é isso que dá essa atmosfera de criação que se respira lá e que nos inspira. É uma coisa misteriosa, Clarice, porque os plásticos, os músicos, os escritores, os poetas brotam com facilidade e com amizade mútua.

– *Há quantos anos você pinta, Carybé?*

– Tenho 58 anos, pinto desde os 15. Faça a conta.

– *Por que você escolheu o pseudônimo de Carybé?*

– Tenho um irmão que também é pintor e dava confusão os dois com o mesmo nome. Aí procurei um pseudônimo. Veja você, eu era escoteiro do Clube do Flamengo e pertencia a uma patrulha na qual todos tinham nomes de peixes. E eu era o peixe carybé. Achei o nome sonoro e curto, e adotei-o. E não diga nada a ninguém, mas o carybé é uma piranha ...

– *Estou aqui morrendo de inveja de você que vai amanhã, tão expressivamente apressado, pra Bahia...*

– Se você quer ir à Bahia para escrever é preciso duas coisas: muita vontade de sua parte, e nós lá pedirmos a Exu que abra os caminhos para a sua ida...

– *Depois que terminei e publiquei romance mais recente,* Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres, *estou inteiramente vazia de inspiração. Mas nisso de inspiração também conto com Exu, que já é meu amigo do peito e vai me ajudar em tudo, entendeu? Exu é poderoso.*

CARYBÉ – Pintor nascido na Argentina. Nome artístico de Hector Julio Paride Bernabó. Radicou-se, inicialmente, no Rio de Janeiro depois de ter vivido na Itália até os oito anos de idade. Fixou-se definitivamente na Bahia a partir de 1950, naturalizando-se sete anos depois. Suas obras traduzem a baianidade expressa nas cenas cotidianas e no folclore popular. Destacou-se pela criação de murais, hoje expostos em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Montreal, Buenos Aires e Nova York. Fez ilustrações de obras literárias, como *O sumiço da santa*, de Jorge Amado.

"O futebol é uma arte."

– Sendo você bicampeão mundial e bicampeão carioca, Zagallo, eu, se dependesse de mim, escolheria você para técnico da seleção brasileira.

– Olhe só aqui meu braço – mostrou-me ele, e de fato os pêlos estavam eriçados, e ele riu como uma criança simples – olhe só meu braço e veja como fico arrepiado: se eu pudesse retornar a jogar queria que o final da Copa fosse já. Porque só assim poderia reviver a nossa chegada triunfal no Brasil e sentir de novo uma emoção inteiramente diferente causada pela grande receptividade do povo brasileiro como senti então. O povo estava fora de si, todos pareciam ter tomado "bolinha"...

Zagallo é moço, fino de corpo, as pernas não são deformadas por uma musculatura violenta, como as de certos jogadores profissionais, é meio alourado. É o tipo do bom rapaz e do bom colega. Senti-o logo que me apresentei a ele e disse-lhe em que trabalhava. A partir desse momento ele me chamou sempre de "você" e me tratou como se trata um colega de trabalho, trabalhos diferentes, mas trabalho. Estávamos sentados no banco do jardim do Botafogo, conversando às pressas porque o treino já ia começar: fazia vento, as folhas das árvores do inverno caíam sabre nós, minhas folhas de papel para anotações voavam, Zagallo ria e ajudava-me a apanhá-las, enquanto minha simpatia se transformava em ternura pelo nosso povo que Zagallo representava naquele momento.

– Zagallo, qual seria a melhor tática, o melhor sistema para o selecionado brasileiro na próxima Copa?

– Se nós formos vencidos pelos europeus de um modo geral, teríamos que usar a mesma tática que eles,

porque o nosso material humano é o melhor do mundo, e isto dito sem ser por patriotismo. Você tem viajado muito?

– Eu era esposa de diplomata e por isso não só viajei muito como morei em inúmeros países do mundo. E como você, acho, sem ser isso dito apenas por patriotismo, que de um modo geral não ficamos atrás de ninguém, porque temos de fato um grande material humano. O Brasil poderia ser uma beleza de país. Bem, mas voltando a você, Zagallo, a diferença entre quem escreve como eu, e um desportista e atleta como você é que você é obrigado a parar mais cedo. Isso dá muita tristeza?

– Dá, sim, porque o nosso futuro é sempre imprevisível, sendo a nossa vida de esporte tão limitada como é. Não há garantias e isso nos tira a tranqüilidade. O atleta tem que aproveitar o máximo num mínimo de tempo (nós também, Zagallo, a vida é breve para uma arte tão longa). E assim mesmo ele tem que ser bafejado pela sorte (nós também, colega). Esta conclusão podemos tirar porque o número de jogadores é imenso e poucos atingem uma situação econômica que lhes garanta o futuro. (Nós, com a clássica exceção de Jorge Amado e Érico Verissimo, não podemos nos sustentar escrevendo livros.)

– Você agora treina meu clube, que é o Botafogo, mas não me diga que isto compensa a possibilidade de fazer gols, como você fazia.

– A responsabilidade agora é bem maior porque não dependo mais do meu próprio esforço: dependo de minha capacidade de direção e do esforço dos jogadores dentro do campo. É o mesmo que sair de um lugar de simples funcionário para ocupar um lugar de chefia.

– Pergunto-lhe: o futebol é coisa mais importante de sua vida?

– A coisa mais importante na minha vida é a minha família. Sou casado e tenho quatro filhos.

– Você escolheu o futebol ou calhou ser um craque?

– Não, foi o destino. Eu estudava – formei-me em contador – e praticava esporte porque gostava, e até isso era contra a vontade de meus pais. Depois eles aceitaram que eu jogasse. E foi bom, porque assim criei minha independência financeira. Lamento muito apenas isso: não ter continuado a estudar e assim ter mais cultura. Mas o ritmo de vida impediu.

– Você tem tempo de ler? E o que lê você?

– O tempo é curto para leituras. Só leio jornais e revistas para estar a par da situação da vida. Mas para livro não tenho tempo.

– Você é de origem espanhola?

– Meus pais são brasileiros, mas minha árvore genealógica – é assim que se diz? – nos leva à Itália. Meus avós já eram brasileiros. Nasci em Maceió, em 9 de agosto de 1931, sendo que vim para o Rio com oito meses de idade.

– Qual é a coisa que você mais deseja atualmente?

– É continuar a ter saúde, porque sem ela não se faz nada.

– Como é que você encara o futebol, como arte, como expressão individual?

– O futebol é um dom, como o seu de escrever, porque ninguém pode ensinar a jogar futebol, pode apenas aprimorar as suas vocações. É um dom divino como para um cantor, como para um escritor. E, ao mesmo tempo, aliado ao dom divino, não deixa de ser uma arte.

– Qual é o santo de sua devoção?

– Santo Antônio, e o seu?

– Nos momentos difíceis, Zagallo, eu me agarro a Santo Antônio, Santa Rita de Cássia e São Judas Tadeu.

– Você está satisfeita como escritora?

– Não, mas é o que melhor sei fazer. O que é que você acha de Pelé e Garrincha?

– São jogadores excepcionais.

– *Você também é um jogador excepcional. Disseram-me que no campo você é uma beleza de se ver jogar.*

– Agradeço a sua bondade. E respondo ainda àquela sua outra pergunta: se de fato fosse chamado para a seleção, não fugiria da responsabilidade, porque eu venci no futebol debaixo de muita luta e sacrifício. E como técnico de futebol é uma função espinhosa, principalmente técnico de seleção brasileira, se eu fosse chamado estaria mais uma vez servindo a minha pátria. Que é que você acha, como escritora, do ambiente dos Estados Unidos, principalmente essa perseguição à família Kennedy?

– *Acho, Zagallo, que não é simples coincidência ou azar: há políticos que pagaram os assassinos para matar. Porque nos Estados Unidos é enorme o número de antidemocratas. Em certo sentido, os Estados Unidos estão mais atrasados que nós: lembre-se do problema dos negros naquela terra que se supõe ser democrática. Zagallo, qual é a coisa mais importante para você?*

– A paz. (Para mim também, mas depende de paz baseada em que termos. Por exemplo, não quero a paz da Espanha debaixo das botas de Franco.)

– *Qual é a coisa mais importante para você como pessoa?*

Zagallo ficou muito pensativo. Seu rosto demonstrava o esforço mais bonito do homem: o esforço de pensar e de se autoconhecer. Senti que estava sendo doloroso para ele escolher e que ele achava importante escolher. Finalmente disse:

– É não desejar mal ao próximo.

Mas tenho certeza de que ele quis dizer outra coisa. Aliado à sua expressão fisionômica, de repente sublimizada, traduzo o que ele quis dizer: amar ao próximo como a si mesmo.

– *O que é amor, Zagallo?*

É provável que ele, como a maioria das pessoas, nunca tenha parado o movimento de vida para reflexionar sobre a vida, e sobretudo para se fazer essa pergunta

capital: o que é o amor? Ficamos em silêncio, apesar da pressa, pois Zagallo já tinha sido chamado várias vezes avisando que os jogadores estavam em campo esperando por ele. Mas o clima entre nós era de paciência. Afinal ele disse, e seu rosto ficou muito bonito quando disse:

– É um sentimento recíproco.

Depois pareceu aliviado de ter enfim definido o indefinível, animou-se mais e me perguntou:

– O que é que você acha dessa agitação dos estudantes no mundo inteiro?

– *Os estudantes, que estão nascendo para a vida, não querem mais o mundo apodrecido em que vivemos. Suponho que eles querem uma humanidade mais igualada por um socialismo adequado a cada país –, eu não disse comunismo, que é outra forma de ditadura – querem um mundo em que viver seja mais do que pedir pão emprestado, do que trabalhar e mal ganhar para viver, um mundo do amor mais livre entre os jovens. Os estudantes querem, em combinação com os homens e mulheres mais experimentados e inteligentes, liderar o mundo de amanhã, que já é deles.*

ZAGALLO – Jogador e treinador. Um ícone da história do futebol brasileiro. Foi convocado para a seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo em 1958, na Suécia. Como treinador, começou no Botafogo e passou pelo Flamengo e pelo Vasco. Na seleção brasileira, foi tricampeão mundial em 1970, no México. Como supervisor foi tetracampeão mundial em 1994, nos Estados Unidos. Também treinou a seleção do Kuwait e a seleção da Arábia Saudita. Classificou os árabes para as Olimpíadas de Montreal. Ainda foi treinador nos Emirados Árabes e classificou esta seleção para o mundial de 1990 na Itália.

JOÃO SALDANHA

"Se ganhar no grito fosse possível,
a Itália seria imbatível."

Este diálogo foi especialmente escolhido tendo em vista o interesse das mulheres pelo futebol. É um jogo masculino, mas a freqüência feminina nos estádios aumenta cada dia mais. Será porque a moça de hoje entende de futebol e adora assistir a uma partida? Ou será porque nos campos desse jogo essencial é que se encontram os cavalheiros, possíveis namorados? O meu diálogo serve também para a mulher entender um pouco de futebol, especialmente quando se aproxima o jogo Brasil-Inglaterra.

E quem poderia dizer algumas palavras máximas e claras senão o nome do dia: João Saldanha?

Pessoalmente é um homem bonito e interessante, pouco afeito a qualquer pose: e ocupado demais para passar pelo que não é, ocupado que está em dar conta do muito que já é.

– *João, desde quando você se interessa por futebol, quer dizer, mais do que os "tarados" por futebol?*

– O fato é que não sou "tarado" por futebol. Mas me interesso desde criança. Desde os oito anos, mais ou menos.

– *Quais são as nossas possibilidades em 1970?*

– Os nossos adversários nos incluem na lista dos favoritos. Isto significa que temos grandes possibilidades. Do contrário, nem eu me meteria nisso.

– *Em que base escolheu os 22 jogadores?*

– Escolhi 22 bastante conhecidos. Claro que em última análise é uma escolha pessoal. Evidentemente, os que acho melhores. Afinal de contas, eu também quero ganhar os jogos.

– *Quais são os nossos inimigos ferozes no jogo de 1970?*

– Ainda estamos em fase de classificação. Neste sentido, a Colômbia e o Paraguai. Se passarmos, e eu estou convencido de que sim, no México a coisa é muito equilibrada. Em todo o caso, a Inglaterra, Alemanha,

Hungria, Argentina, Itália e Uruguai são mais temíveis. Sendo que o México é o dono da casa.

– *Qual é a sua receita para um craque perfeito?*

– Conseguir igualar-se a Pelé, Garrincha, Di Stefano, Puskas ou Bob Charlton.

– *Sendo o brasileiro, e particularmente o jogador de futebol, um exclusivista, um individualista, sendo um driblador por excelência até na própria vida, como é que você pretende ajustar essa personalidade do brasileiro à concepção mais moderna do futebol que só tende ao coletivo, a solidariedade, como chave da vitória?*

– Sem dúvida, o jogador brasileiro é um grande individualista. Mas isto não é uma contradição em relação ao futebol de conjunto. Pelo contrário, só é possível organizar-se grandes conjuntos com grandes individualistas, ou craques.

– *Você que já esteve em tantas frentes de futebol, acredita que o nosso jogador trema diante de uma grande batalha?*

– Exatamente por ter visto nossos jogadores atuarem em 62 países diferentes, nas mais diversas e importantes competições, é que sei que isto é impossível de acontecer. Nossos jogadores atingiram uma maturidade internacional incontestável. É por isto que os outros nos consideram entre os favoritos da Copa.

– *Mesmo não entendendo de aritmética futebolística, pergunto qual é a equação que você vai usar para resolver a Copa. O '4-3-4' é muito usado hoje. Você tem uma nova fórmula?*

– Pode ser o '4-3-4' ou até o '5-3-3'. Mas sempre haverá um homem a mais defendendo.

– *Qual é a possibilidade de ganharmos em 70? Três anos antes da Copa de 1966, o treinador inglês Ramsey começou a sustentar que a Inglaterra ia ganhar o título. E a Inglaterra terminou ganhando o título. Você terá coragem de afirmar o mesmo destino para nós em 1970? A autocon-*

vicção da vitória é uma grande arma. Não era outra que Churchill usava ao repetir tanto que ia ganhar a guerra.

– O treinador Ramsey sabia que possuía uma grande equipe. Mas, além do mais, também sabia que a Copa seria em sua casa. Eu também sei que temos uma grande equipe. Embora não afirme que vamos ganhar a Copa, estou certo de que temos boas condições para isto. Nossa convicção é esta.

– João, você não sente falta do drible de Garrincha?

– O drible de Garrincha faz falta a qualquer time. Mas eu acho que o drible do Jair também é muito bom.

– No tempo de garoto você se julgava um craque ou um perna-de-pau?

– Todo garoto se julga um craque. Logo após a Copa de 58, os garotos pediam a seus pais que lhes comprassem a camisa sete. Agora têm uma preferência pela camisa dez. No meu tempo de garoto as camisas não tinham números.

– Por que a bola não parece redonda para todos? Pois quando chega junto de certos jogadores ela é extremamente quadrada.

– Futebol é arte e em arte prevalece o talento. Uns têm mais, outros menos. Eis a razão.

– Você crê que se ganhe no grito?

– Se isto fosse possível, a Itália seria imbatível. Ninguém grita mais alto que italiano. Afinal de contas, eles cantam ópera.

– Em sua irmã Ione Saldanha existe arte e muito boa. Em você, como se manifestou a arte?

– Nem todos que gostam de arte conseguiram ser artistas. Eu fiquei no "segundo time".

– Você sabe que, quando aparece na televisão, seu ar nonchalant eletriza as mulheres?

João Saldanha riu, um pouco sem jeito. Sua mulher Teresa também riu.

– Não. Eu não sabia que era uma central elétrica. Sou apenas um homem.

– *Se você não fosse o que é, se futebol não existisse, que é que você queria ter sido?*

– Jornalista.

– *Você às vezes me parece um irascível controlado. É verdade ou estou errando? Você é meio temperamental.*

– Nada disso. Sou um pacato cidadão brasileiro. Apenas costumo reagir quando me agridem. Nunca dei a primeira.

– *Qual foi até agora o momento futebolístico que mais o entusiasmou? Pode citar mais de um.*

– Foram muitos. Destaco, entretanto, Brasil e Tchecoslováquia em 38, Brasil e Argentina no Pan-Americano do México, os jogos de 58 na Suécia, Brasil e Espanha em 62, no Chile, e vários jogos do Botafogo, especialmente o de 57 contra o Fluminense e o do ano de 1967, contra o América, no final da Taça Guanabara.

– *Que outras profissões você experimentou?*

– Trabalhei em cartório (mas isso era em família) e numa firma de construção civil, também em família.

– *Entrevistei Zagallo e achei a conversa dele razoabilíssima. Ele pode ser aproveitado de algum modo?*

– Claro que sim. E está sendo muito bem aproveitado no seu trabalho no Botafogo.

Tínhamos tomado o segundo café e fumado vários cigarros. Continuaremos bebendo café e fumando cigarros enquanto esperamos 1970. Pela vitória.

JOÃO SALDANHA – Jornalista e treinador de futebol. Levou a Seleção Brasileira a classificar-se para a Copa do Mundo de 1970. Tornou-se um dos mais destacados escritores de esportes, antes de se tornar comentarista na televisão.

EMERSON FITTIPALDI

Voando com Fittipaldi (Entrevista dada a Clarice Lispector num avião da Varig)

É. As coisas acontecem inesperadamente. O nosso encontro deu-se felizmente voando e não eu sentada num Fórmula 1 pois avião da Varig é mais seguro que um carro de corrida, benza-nos Deus.

Encontrei Emerson Fittipaldi na fila de embarque de uma ponte-aérea da Varig para São Paulo. Aliás, vôo ótimo. Reconhecemo-nos e eu, de pura farra, perguntei-lhe se a bordo do avião ele me daria uma entrevista. Respondeu que sim. Tem um ar tranqüilo, modesto e um pouco sofrido.

Mas acontece que de repente, antes do embarque, uma moça me aborda – e quem era, senão Bea Feitler? Há uns dez ou 12 ou 15 anos não nos víamos. Logo nos reconhecemos. Bea Feitler, para quem não sabe, é uma brasileira que já foi até diretora de arte da revista nova-iorquina *Harper's Bazaar* e agora cobra 500 dólares para fazer uma capa de livro. Mas está atualmente em transas ainda maiores. Sentamo-nos lado a lado e só depois é que vimos que o nosso banco era número da sorte: 13. Esqueci a entrevista com Fittipaldi e fiquei conversando com Bea sobre tudo, eu contei-lhe um pouco da minha vida, ela me contou um pouco da sua. Bea tem tipo exótico, parece uma princesa egípcia e tem magnetismo.

É. Mas Emerson não me esqueceu. E um aeromoço veio me chamar a mando de Fittipaldi. O jeito era ir até o Rei. E eis-me de caneta e papel na mão, sentada ao lado dele. Ele tem o rosto tão magoado. Perguntei-lhe:

– *Sobre que você quer falar?*

– Quero falar do ano que passou. Foi um ano muito difícil e a família foi importante para mim. Nas horas difíceis é que preciso de Maria Helena, minha mulher e companheira.

– *Que é que você pretende para 1977?*

– Pretendo ser mais competitivo, com um carro novo e uma reestruturação de equipe. Este é o meu objetivo para 1977.

– *Você tem medo de correr?*

– Não.

– *Que é que você sente durante uma corrida?*

– Sinto muitas coisas. Primeiro, a sensação de estar sentado num carro de Fórmula 1, que é o meu mundo. A partir do momento em que entro no carro vem a sensação de competição, isto é, tento ganhar.

Logo estranhei sua voz, muito melhor e não voz de taquara rachada. Perguntei-lhe se tinha empostado a voz. Ele disse que não.

– Não fiz nada. No rádio e na televisão minha voz fica parecida com a voz de Rivelino.

– *Que é que você mais deseja na sua vida?*

– Fazer o Fórmula 1 brasileiro tornar-se competitivo.

– *Qual é o tipo de relação sua com os outros competidores?*

– Fora da pista, excelente. E dentro somos todos inimigos.

– *Que recado você dá para o seu público?*

– Que tenha bastante paciência pois devagarzinho, se Deus quiser, chego lá. Dependo da vontade de Deus.

Quando o piloto deixou de correr no Brasil a convite de uma escuderia inglesa ninguém ficou sabendo deste fato glorioso. Mas quando ele começou a obter sucesso nos grandes prêmios, no exterior, veio satisfazer a necessidade de ídolos que o Brasil então precisava. Veio atender uma mentalidade nacionalista com a qual se identificassem 100 milhões de brasileiros, visto que quem ganhava nas pistas não era Emerson nem muito menos o Brasil, mas sim a Lotus. Concretizou o ideal nacionalista do piloto campeão e brasileiro numa escuderia Copersucar. Veio, porém, o momento crítico e revelou-se a realidade: não bastava ser um bom campeão, era necessária toda uma infra-estrutura de equipe que não temos e que tão cedo não poderemos ter. A decepção popular foi unânime: a estrela que foi elevada

a uma grandeza maior, caía. Apagou-se assumindo uma culpa que não tinha, pois compromissos com o sucesso são impossíveis. Ainda mais em se tratando de um público imediatista e exigente como o nosso. Fittipaldi foi vítima de um processo social que talvez ele mesmo não saiba. Como eu disse, trata-se de um público brasileiro muito exigente com seus ídolos e que não tem paciência de esperar. Haja vista o que acontece com o nosso futebol: ganhar de 1 x 0 é jogar mal. Só joga bem quando ganha de goleada. Emerson é um homem que de repente foi abandonado pelo seu público. Daí seu ar sofrido e sua vontade de prometer melhorar em 1977.

Eu sou a favor de Emerson Fittipaldi e torço por ele. Se ele for uma vítima, também eu sou. Uma vítima que ganha bem. Mas eu não. Que pena.

EMERSON FITTIPALDI – O primeiro brasileiro campeão mundial de categorias de ponta no automobilismo internacional. Bicampeão mundial de Fórmula 1 (1972 e 1974), Campeão mundial de Fórmula Indy (1989), Bicampeão das 500 milhas de Indianápolis. Em 1976, fundou a equipe Fittipaldi, equipe inteiramente brasileira, com apoio da empresa estatal Coopersucar, nome pelo qual a equipe se tornou mais conhecida entre os brasileiros. O primeiro ano em sua própria equipe foi frustrante, mas em 1978 Emerson terminou o Grande Prêmio do Brasil no circuito de Jacarepaguá em segundo lugar.

BIBLIOGRAFIA

CAMBARÁ, Isa. "Escritora mágica". *Veja* n. 360, de 30 de julho de 1975, p. 88.

LAMARE, Germana de. "Clarisse [sic] Lispector esconde um objeto gritante". *Correio da Manhã*, 5 de março de 1972, sp.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Org.Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MONTERO, Teresa. *Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector "jornalista"*. FFLCH, Universidade de São Paulo, 1991.

_____. *Diálogos possíveis: entrevistas de Clarice Lispector na revista* Manchete. VI Seminário Nacional Mulher e Literatura: Anais. Org. Elódia Xavier. (Rio de Janeiro: NIELM, 1996), pp.159-62.

RANZOLIN, Célia Regina. *Clarice Lispector cronista no* Jornal do Brasil *(1967-1973)*. Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.

Este livro foi impresso na Editora JPA Ltda.
Av. Brasil, 10.600 – Rio de Janeiro – RJ
para a Editora Rocco Ltda.

Sob a simplicidade enganadora do título, *Entrevistas* congrega um interessantíssimo conjunto de conversas de Clarice Lispector com as grandes personalidades brasileiras de seu tempo, com a participação especial de um grande amigo e entusiasta do Brasil, o Prêmio Nobel de Literatura Pablo Neruda.

Quando começou a fazer entrevistas, Clarice já era escritora consagrada, admirada e respeitada por seus entrevistados, circunstância que permitiu que imprimisse a cada uma das conversas o tom de prazeroso diálogo entre personalidades criativas empenhadas em compartilhar suas respectivas visões de mundo. Este é um livro que desvela tanto a alma dos célebres entrevistados quanto a da escritora-entrevistadora, que não hesitava em abrir seu coração.

ISBN 978-85-325-2088-3